

Conhecereis a
verdade e ela
vos libertará



ASTOLFO OLEGÁRIO OLIVEIRA FILHO

Conhecereis a verdade e ela vos libertará

Astolfo Olegário de Oliveira Filho

Conhecereis a verdade e ela vos libertará

Astolfo Olegário de Oliveira Filho

Data da publicação: 16/12/2022

EVOC – Editora Virtual O Consolador

Londrina, Paraná

www.oconsolador.com

Dados internacionais de catalogação na publicação

O47c

Oliveira Filho, Astolfo Olegário de
Conhecereis a verdade e ela vos
libertará / Astolfo Olegário de Oliveira
Filho; revisão de Thiago Bernardes;
capa de Cláudia Rezende Barbeiro. -
Londrina, PR : EVOC, 2022.

210 p.

1. Evangelho-estudo e ensino. 2.
Espiritismo. 3. Prece. 4. Amor. I.
Bernardes, Thiago. II. Barbeiro, Cláudia
Rezende. III. Título.

CDD 133.9

19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez
CRB9/703

Sumário

Ao Leitor, 7

Sobre o Autor, 9

1. Será o amor materno um mito?, 11

2. Uma luta difícil e, às vezes, inglória, 15

3. Cuidado com as previsões, eis o conselho espírita, 18

4. A influência da religião na economia de um país, 22

5. As tentações e a advertência de Paulo de Tarso, 26

6. Para educar não é preciso falar alto, 28

7. As crianças não batizadas e sua destinação, 31

8. A fatalidade e suas nuanças, 35

9. Por que é tão difícil transformar-nos?, 38

10. Segundo o Espiritismo, não basta abster-nos de fazer o mal, 41

11. A teoria do Design Inteligente e o Espiritismo, 44

12. Pode o cristão fazer reparo à Bíblia?, 50

13. A doutrina das penas eternas é um equívoco, 54

14. Doutor Xavier e o aborto, 57

15. Um minuto de prazer irrefletido e seus possíveis efeitos, 61

16. Como lidar com as influências espirituais negativas, 64

17. Anotações sobre a prece, 68

18. Barbara Ivanova, Carol Bowman e a reencarnação, 72
19. As tentações em uma perspectiva espírita, 76
20. Agressão e calúnia denotam enfermo em estado grave, 79
21. São duas as asas que levam à perfeição, 82
22. A melhor de todas as religiões, 85
23. Uma receita para afastar os maus Espíritos, 89
24. A generosidade é uma virtude que só merece aplausos, 91
25. O padre François Brune e a reencarnação, 94
26. Deus sabe esperar; não apressa a expiação, 98
27. No tratamento da obsessão, não bastam os passes, 102
28. Como devem agir os que se dizem cristãos, 105
29. A religião e os transtornos mentais, 108
30. A importância do Evangelho na questão da vigilância, 111
31. No trabalho da codificação, a teoria nasceu da observação, 115
32. Depois da tempestade vem a bonança. Será?, 119
33. A emancipação da alma após a morte corpórea, 122
34. O que é essencial no tratamento da obsessão, 125
35. Onde estava Deus naqueles dias?, 128

36. Desatenção e preguiça mental: desafios da modernidade, 131
37. A verdade é indispensável quando se trata de adoção, 134
38. A pequenez do homem ante a grandeza da vida, 136
39. Rir faz bem à saúde?, 138
40. O estresse ante a fé e a doutrina espírita, 141
41. Como conviver pacificamente com o avanço tecnológico de nossos dias, 144
42. O amor é o alimento principal de uma pessoa com deficiência, 146
43. Na arte, como na vida, tudo deveria ser melhor, 149
44. Os nossos ancestrais e o Espiritismo, 152
45. O que é carma e, se negativo, como proceder para anulá-lo, 156
46. As muitas moradas da casa do Senhor, 159
47. A ambição, a ganância e as crises econômicas, 162
48. Amar a Deus e ao próximo é o nosso principal dever, 165
49. A felicidade no mundo em que vivemos, 167
50. A quem o ensino espírita se dirige?, 170
51. Há remédio para insensatez?, 173
52. Como nós vemos a prece e sua importância, 177
53. De mil passará, mas a 2000 não chegará, 181

54. Das crises que enfrentamos, qual a mais séria?, 185
55. Podemos e devemos doar nossos órgãos, 188
56. Fazer o bem, e não o mal, eis o que o Espiritismo nos propõe, 191
57. O caso de Itatira e os fenômenos de Pentecostes, 194
58. Casamento, destino e livre-arbítrio, 198
59. Por que evangelizar nossas crianças?, 201
60. Enquanto a Mãe cantar junto a um bercinho haverá esperança, 205

Ao Leitor

"Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará." - Jesus. (João, 8,32)

A palavra do Mestre, anotada pelo evangelista João, é clara, segura e bastante conhecida.

A que verdade Jesus se referiu?

A questão foi examinada no livro *Fonte Viva*, obra psicografada pelo médium Chico Xavier, em que no capítulo 173, intitulado "Ante a luz da verdade", Emmanuel nos diz que "a verdade libertadora é aquela que conhecemos na atividade incessante do Eterno Bem".

E, na seqüência, acrescenta:

"Penetrá-la é compreender as obrigações que nos competem.

Discerni-la é renovar o próprio entendimento e converter a existência num campo de responsabilidade para com o melhor.

Só existe verdadeira liberdade na submissão ao dever fielmente cumprido.

Conhecer, portanto, a verdade é perceber o sentido da vida. E perceber o sentido da vida é crescer em serviço e burilamento constantes."

Foi tendo em mente tal pensamento que escolhemos para título da presente obra a frase de Jesus.

Constituída de 60 capítulos, a obra apresenta-nos temas diversos tratados à luz do conhecimento espírita, cuja proposta é ajudar o leitor a perceber qual é, de fato, o sentido da vida e, em consequência disso, libertar-se do erro, buscar o crescimento espiritual e seguir com firmeza no caminho que o conduzirá ao objetivo final de nossa presença no mundo.

Astolfo O. de Oliveira Filho

Primavera de 2022

Sobre o Autor

Astolfo Olegário de Oliveira Filho é diretor de redação da revista espírita **O Consolador**, fundada em 18/4/2007 por ele e seu colega José Carlos Munhoz Pinto, e, desde dezembro de 1983, do jornal espírita "O Imortal", periódico fundado em 1953 por Luiz Picinin e Hugo Gonçalves.

Natural de Astolfo Dutra (MG), reside desde os 18 anos no estado do Paraná, para o qual se mudou com vistas a cursar a faculdade, graduando-se então no curso de Ciências Econômicas.

Filho de Astolfo Olegário de Oliveira e Ana Borela de Oliveira, é casado com Célia Maria Cazeta de Oliveira, sendo pai de quatro filhos, avô de oito netos e bisavô de dois meninos.

Já residindo em Londrina (PR), participou desde janeiro de 1963 até março de 2020 das atividades do Centro Espírita Nosso Lar, do qual foi presidente e conselheiro em diversas ocasiões.

Escreveu e manteve por 13 anos, de 1980 a 1992, a coluna "Espiritismo" publicada aos domingos pela "Folha de Londrina".

Fundou e dirigiu a Editora Leopoldo Machado e é atualmente diretor da EVOC - Editora Virtual O Consolador, de Londrina (PR), sendo também editor do blog Espiritismo Século XXI – <http://espiritismo-seculoxxi.blogspot.com.br/>

É autor de 20 livros, dois pertinentes a suas atividades profissionais e 18 relativos à doutrina espírita. Destes, sete foram publicados, no formato digital, pela EVOC, a saber:

20 Lições sobre Mediunidade

Lições para ontem, hoje e amanhã

Iniciação à Doutrina Espírita: 1 - Noções gerais e princípios básicos

Iniciação à Doutrina Espírita: 2 - As leis morais segundo o Espiritismo

Iniciação à Doutrina Espírita: 3 - Aspecto científico do Espiritismo

Iniciação à Doutrina Espírita: 4 - Aspecto filosófico do Espiritismo

Iniciação à Doutrina Espírita: 5 - Aspecto religioso do Espiritismo.

Anteriormente à suspensão das reuniões espíritas presenciais, motivada pela pandemia da Covid-19, participava regularmente das atividades do Centro Espírita Nosso Lar, de Londrina (PR), bem como das atividades realizadas pela Comunhão Espírita Cristã de Londrina, localizada na periferia da cidade, da qual é, ao lado de sua esposa, um dos fundadores.

Em dezembro de 2021 mudou-se para a cidade de Arapongas (PR), onde participa atualmente das atividades do Centro Espírita Fé, Luz e Caridade.

Será o amor materno um mito?

Tendo por título *L'Amour En Plus*, causou grande perplexidade, quando publicado pela primeira vez na cidade de Paris, um livro escrito pela professora francesa Elisabeth Badinter, que, depois de efetuar extensa pesquisa, lançou a ideia de que o instinto materno é um mito e não existe uma conduta materna universal e necessária.

Na obra, a autora constata a extrema variabilidade desse sentimento, segundo a cultura, as ambições ou as frustrações da mãe, e conclui, por fim, que o amor materno é apenas um sentimento humano como outro qualquer e, como tal, incerto, frágil e imperfeito.

No Brasil, publicado pela Nova Fronteira, o livro recebeu o título *Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno*, em tradução de Waltensir Dutra.

Um episódio recente mostrado várias vezes pela TV brasileira, em que uma mãe caminha até um depósito de lixo e deixa ali seu bebê recém-nascido, parece dar razão a Elisabeth Badinter, porque, de fato, como ela menciona em seu livro, há mães que não revelam nenhum sentimento de amor por seus filhos, a ponto de até mesmo impedirem que nasçam, como ocorre nos milhões de abortamentos que se registram anualmente no mundo, incluindo nessa estatística o Brasil – um

país em que a maioria esmagadora da população se diz cristã.

Será o amor materno um mito?

A doutrina espírita diz-nos que não e, quando trata do assunto, ensina-nos coisa diferente.

Vejamos o que diz a questão 890 d' *O Livro dos Espíritos*:

– Será uma virtude o amor materno, ou um sentimento instintivo, comum aos homens e aos animais?

“Uma e outra coisa. A Natureza deu à mãe o amor a seus filhos no interesse da conservação deles. No animal, porém, esse amor se limita às necessidades materiais; cessa quando desnecessário se tornam os cuidados. No homem, persiste pela vida inteira e comporta um devotamento e uma abnegação que são virtudes. Sobrevive mesmo à morte e acompanha o filho até no além-túmulo. Bem vedes que há nele coisa diversa do que há no amor do animal.”

A experiência humana oferece-nos muitos exemplos da propriedade e do acerto dessa resposta e isso fica ainda mais nítido para os que atuam nas sessões espíritas de assistência aos desencarnados. Invariavelmente, muito embora estejam desencarnadas, são as mães que na maioria dos casos socorrem as criaturas que sofrem e pedem socorro depois de haverem deixado o plano em que vivemos.

Como explicar então os casos que subsidiaram as pesquisas de Elisabeth Badinter e o episódio recente que vimos na TV?

Essa questão não foi ignorada por Allan Kardec. Veja o que nos diz a questão 891 da principal obra da doutrina espírita:

– Estando em a Natureza o amor materno, como é que há mães que odeiam os filhos e, não raro, desde a infância destes?

“Às vezes, é uma prova que o Espírito do filho escolheu, ou uma expiação, se aconteceu ter sido mau pai, ou mãe perversa, ou mau filho, noutra existência. Em todos os casos, a mãe má é uma pessoa animada por um mau Espírito que procura criar embaraços ao filho, a fim de que sucumba na prova que buscou. Mas essa violação das leis da Natureza não ficará impune e o Espírito do filho será recompensado pelos obstáculos de que haja triunfado.”

Verifica-se que os casos apurados por Elisabeth Badinter constituem somente uma exceção à regra geral em que o amor maternal encontra-se geralmente presente. Trata-se de uma ocorrência excepcional por exigência de uma das leis que regem a vida – a lei de causa e efeito –, expressa nos textos evangélicos em uma frase singela e conhecida: “A sementeira é livre, mas a colheita é compulsória”.

Que estas considerações sejam recebidas por todas as mães que nos leem como uma modesta homenagem a essas criaturas admiráveis a quem

Deus confia os seus filhos por acreditar que elas darão conta do recado.

Uma luta difícil e, às vezes, inglória

Já ouvimos palestrantes diversos dizer que a luta que travamos contra o *homem velho* que habita em nós é, indubitavelmente, de todas as batalhas, a mais difícil. Difícil e, às vezes, inglória.

Paulo de Tarso, o primeiro e até hoje o maior divulgador da mensagem cristã, referiu-se ao assunto em mais de uma ocasião. Basta lermos suas cartas dirigidas à comunidade cristã para nos inteirarmos disso.

Recordemo-las em três diferentes momentos.

Eis o primeiro, expresso em carta dirigida aos Romanos:

“Porque o que faço não o aprovo; pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço. E, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. De maneira que agora já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim.

Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e com efeito o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem. Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço. Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim.” (Romanos 7:15-21)

“O bem que quero fazer, não faço; o mal que desejo evitar, esse eu faço” – esta é uma confissão taxativa firmada pelo grande apóstolo.

Entendamos pelo termo “bem” a correção das atitudes, a vida exemplar, a prática da virtude, o domínio das inclinações infelizes. E pelo termo “mal”, o seu oposto: atitudes indevidas, exemplos nada edificantes, fraqueza diante das inclinações, das tentações e das viciações em geral.

Com efeito, os exemplos que conhecemos mostram que é notória, em muitas pessoas, a dificuldade em superar uma viciação que causa prazer ilusório e efêmero. E contam-se em grande número os que fracassam na luta contra o cigarro, o álcool, a dependência química, o jogo de azar ou a sexolatria.

Anos depois, em um segundo momento, em carta enviada aos Gálatas, Paulo revela-nos notável progresso nessa luta:

“Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim.” (Gálatas 2:20)

“Não sou eu que vivo em mim, mas o Cristo” – afirmativa de Paulo, revelando que conseguira transformar o homem velho, com suas inclinações, vícios e tendências, em um novo homem, que não apenas conhecia e divulgava a Boa Nova, mas a vivia.

Essa experiência vitoriosa deu-lhe força e autoridade para – em um terceiro momento – propor idêntico comportamento aos cristãos que o ouviam, representados então pelos irmãos de Éfeso:

“E digo isto, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios, na vaidade da sua mente. Entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração; os quais, havendo perdido todo o sentimento, se entregaram à dissolução, para com avidez cometerem toda a impureza. Mas vós não aprendestes assim a Cristo, se é que o tendes ouvido, e nele fostes ensinados, como está a verdade em Jesus; que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano; e vos renoveis no espírito da vossa mente; e vos revistais do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade.” (Efésios 4:17-24)

Que o exemplo de superação e os conselhos de Paulo possam repercutir em nossa vida, convictos que somos de que a luta é árdua, difícil e, às vezes, inglória, mas vale a pena travá-la, se quisermos alçar voo rumo à meta da perfeição que o Criador traçou para todos nós.

Cuidado com as previsões, eis o conselho espírita

O desconhecimento do passado e nossa ignorância com relação ao futuro são duas bênçãos que Deus nos concedeu, conquanto nem sempre as tratemos com a circunspeção necessária.

Com relação ao esquecimento do passado, sugerimos ao leitor ler o texto intitulado "Justificativas do esquecimento do passado", que publicamos em nosso blog no dia 3 de maio de 2018, o qual pode ser acessado clicando-se em <https://goo.gl/7Ku4Cm>

No tocante ao futuro, nossa ignorância a respeito é explicada com clareza na principal obra do Espiritismo – *O Livro dos Espíritos*.

Allan Kardec, o codificador da doutrina espírita, perguntou aos imortais: Com que fim o futuro se conserva oculto ao homem? Os Espíritos responderam:

"Se o homem conhecesse o futuro, negligenciaria o presente e não obraria com a liberdade com que o faz, porque o dominaria a ideia de que, se uma coisa tem que acontecer, inútil será ocupar-se com ela, ou então procuraria obstar a que acontecesse. Não quis Deus que assim fosse, a fim de que cada um concorra para a realização

das coisas, até daquelas a que desejaria opor-se. Assim é que tu mesmo preparas muitas vezes os acontecimentos que hão de sobrevir no curso da tua existência.” (*O Livro dos Espíritos*, questão 869.)

Evidentemente, como lemos na questão seguinte à citada, Deus permite que o futuro nos seja revelado quando isso possa facilitar a execução de uma coisa, em vez de a estorvar, obrigando o homem a agir diversamente do modo por que agiria, se não lhe fosse dado saber o que o espera. Mas a revelação pode constituir, também, uma prova.

Esclarecem os imortais:

“A perspectiva de um acontecimento pode sugerir pensamentos mais ou menos bons. Se um homem vem a saber, por exemplo, que vai receber uma herança, com que não conta, pode dar-se que a revelação desse fato desperte nele o sentimento da cobiça, pela perspectiva de se lhe tornarem possíveis maiores gozos terrenos, pela ânsia de possuir mais depressa a herança, desejando talvez, para que tal se dê, a morte daquele de quem herdará. Ou, então, essa perspectiva lhe inspirará bons sentimentos e pensamentos generosos. Se a predição não se cumpre, aí está outra prova, consistente na maneira por que suportará a decepção. Nem por isso, entretanto, lhe caberá menos o mérito ou o demérito dos pensamentos bons ou maus que a crença na ocorrência daquele fato lhe fez nascer no íntimo.” (Obra citada, questão 870.)

Percebe-se pelo próprio conteúdo da resposta acima transcrita que a predição pode cumprir-se ou não, fato que nos sugere tenhamos o máximo cuidado para com qualquer tipo de previsão, venha de onde vier. Se ela vem de uma personalidade desencarnada, é bom ter em mente a lição que Kardec consignou no item 267 d' *O Livro dos Médiuns*:

"... os bons Espíritos "fazem que as coisas futuras sejam pressentidas, quando esse pressentimento convenha; nunca, porém, determinam datas. A previsão de qualquer acontecimento para uma época determinada é indício de mistificação." (*O Livro dos Médiuns*, item 267, 8º parágrafo, p. 334.)

Outro cuidado que devemos ter diz respeito à qualidade do emissário – encarnado ou desencarnado – que nos apresente revelações atinentes ao futuro, atentos à lição que Emmanuel, por meio de Chico Xavier, consignou na questão 144 de seu livro *O Consolador*, obra publicada em 1942:

"Os Espíritos de nossa esfera não podem devassar o futuro, considerando essa atividade uma característica dos atributos do Criador Supremo, que é Deus. Temos de considerar, todavia, que as existências humanas estão subordinadas a um mapa de provas gerais, onde a personalidade deve movimentar-se com o seu esforço para a iluminação do porvir, e, dentro desse roteiro, os mentores espirituais mais elevados podem organizar os fatos premonitórios,

quando convenham às demonstrações de que o homem não se resume a um conglomerado de elementos químicos, de conformidade com a definição do materialismo dissolvente." (*O Consolador*, 144.)

Seria Emmanuel um instrutor capacitado para tal empreitada?

Ele mesmo já havia dito que não, no ano de 1938, na primeira de suas obras – *Emmanuel* –, em que afirmou taxativamente:

"Os seres da minha esfera não conhecem o futuro, nem podem interferir nas coisas que lhe pertencem." (*Emmanuel*, cap. XXXIII, FEB, 7ª edição, pág. 166.)

A influência da religião na economia de um país

O grau de religiosidade de um povo pode afetar a economia de uma nação?

Segundo pesquisa feita anos atrás pelo Instituto Gallup em 114 países, a resposta é sim. Existiria forte correlação entre a renda "per capita" de uma nação e seu maior ou menor apego à religião. A leitura da pesquisa está resumida na seguinte frase: Quanto mais religioso, mais pobre tende a ser um país.

A exceção fica por conta dos Estados Unidos, então a maior economia do mundo, onde 65% dos norte-americanos atribuem importância à religião em sua vida diária, um índice bem superior à média dos países mais ricos, que é de 47%.

Não se podem contestar os números apresentados pelo Gallup, mas é importante que se diga que há quem faça dos resultados dessa pesquisa uma leitura diferente.

No campo da Sociologia, por exemplo, tradicionalmente se tem dito que é a pobreza que facilita a expansão da religião. Não seria a religião que determinaria a penúria de um país, mas, sim, a penúria de um país que favoreceria a expansão dos núcleos religiosos.

Analistas diversos, como o professor Ricardo Mariano, da PUC-RS, entendem que em geral as religiões ajudam seus adeptos a lidar com a pobreza, justificam sua posição social e oferecem esperança, satisfação emocional e soluções mágicas para o enfrentamento dos problemas imediatos do dia a dia.

Outro aspecto que se deve ressaltar na pesquisa do Gallup é a inegável diminuição do fervor religioso nos países mais ricos, com a notável exceção da nação americana.

Em alguns desses países, como os que faziam parte do bloco liderado pela antiga União Soviética, a restrição à liberdade religiosa e o ateísmo estatal contribuíram para a baixa importância que a população atribui à religião, como se dá na Estônia e na Rússia.

Na Europa Ocidental, segundo alguns, os motivos seriam outros. A modernização, a laicização do Estado e o relativismo cultural é que teriam erodido a religiosidade do povo.

Religiosos diversos entendem que a riqueza pode, de fato, reduzir o pendor das pessoas à religiosidade.

Para o padre jesuíta Eduardo Henriques, "a abertura a Deus é inversamente proporcional à segurança oferecida pela estabilidade econômico-financeira, com exceções, é claro. Espiritualmente falando, os pobres tornam-se sinais mais eloquentes de que ninguém, pobre ou rico, basta a

si mesmo. Por isso Jesus chamou os pobres de bem-aventurados".

O teólogo adventista Marcos Noletto não só apoia tal pensamento, mas chega a ser até mais radical: "Há uma incompatibilidade da fé prática com a riqueza. Assim como dois corpos não podem ocupar um mesmo lugar no espaço, na mente do homem não há lugar para duas afeições totais. Veja que Deus escolheu um carpinteiro e não um banqueiro para ser o pai de Jesus".

A discussão, como se vê, envolve duas conhecidas provas a que os Espíritos no processo reencarnatório não podem fugir, se quiserem realmente progredir.

Segundo o Espiritismo, Deus concede a uns a prova da riqueza, e a outros a da pobreza, para experimentá-los de modos diferentes.

Tanto uma quanto outra são provas muito difíceis, porque, se na pobreza o Espírito pode ser tentado à revolta e à blasfêmia contra o Criador, na riqueza expõe-se ele ao abuso dos bens que Deus lhe empresta, deturpando, com esse comportamento, os objetivos pelos quais a riqueza lhe foi concedida.

A pobreza é, para os que a sofrem, a prova da paciência e da resignação. A riqueza é, para os que a usufruem, a prova da caridade e da abnegação.

É preciso que entendamos: a existência corpórea é passageira e a morte do corpo priva o homem de todos os recursos materiais de que eventualmente disponha no plano terráqueo.

Pobres e ricos voltam, pois, à vida espiritual em idênticas condições, o que mostra que a posição social do rico ou do pobre não passa de expressão transitória e não tem a importância que a pesquisa do Gallup aparentemente sugere.

As tentações e a advertência de Paulo de Tarso

O tema tentação é bastante conhecido no meio espírita. Como sabemos, segundo os ensinamentos espíritas ninguém na Terra é perfeito; logo, estamos todos sujeitos às tentações, que nos acompanham pela vida afora até que tenhamos integral império sobre elas.

Se não tivermos tal ideia presente em nossa mente, de forma contínua, não tenhamos dúvida: poderemos novamente cair.

Toda vez que se fala em tentação vem-nos à mente a palavra obsessão. É comum o pensamento de que a tentação nos acomete somente por influência de alguém, quem sabe um Espírito que nos deseja o mal ou que, estando infeliz, quer-nos ver também infeliz.

Essa ideia não é, porém, exata. É claro que as influências espirituais em tais casos podem fazer-se presentes. Mas, como já alertara Tiago em sua conhecida epístola (cap. 1, versículo 14), "cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência".

A palavra concupiscência [do latim *concupiscentia*] significa desejo intenso de bens ou gozos materiais, apetite sexual.

Não é preciso, pois, a um homem – que traz para a existência atual tendências e inclinações cultivadas em sucessivas experiências – ajuda de ninguém. Suas próprias perturbações lhe bastam, o que certamente foi o motivo que levou Kardec a afirmar que o homem não raro é o obsessivo de si mesmo.

As tentações não se limitam, é bom lembrar, à questão dos apetites sexuais. Há quem não consegue reprimir o desejo intenso de jogar, do mesmo modo que existem pessoas que não conseguem viver longe do álcool, do tabaco ou de uma droga qualquer.

As experiências relatadas por Paulo de Tarso em suas cartas podem servir de estímulo àqueles que desejam sobrepor-se às tentações que os assediam. (Sobre o assunto, leia: “Uma luta difícil e, às vezes, inglória”, constante do cap. 2 desta obra.)

Lembremo-nos de semelhantes experiências e, diante dos pensamentos equivocados que certamente nos assediarão ao longo da jornada, fixemos em nossa mente – além do “Vigiai e Orai” recomendado por Jesus – esta outra importante advertência feita pelo Apóstolo dos Gentios:

“Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas me convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma.” (1ª Epístola aos Coríntios, 6:12.)

Para educar não é preciso falar alto

Recebemos de uma amiga, dias atrás, uma linda mensagem, abaixo reproduzida:

“O homem não pode viver isolado.

Lembre-se de que cada companheiro de jornada é um amigo que o ajuda e a quem você precisa também ajudar.

A cooperação existe entre todas as coisas criadas.

Procure você também cooperar com tudo e com todos, em benefício da própria Terra que o acolhe bondosamente, permitindo sua evolução.

Ajude sempre, e jamais desanime.”

A mensagem acima não é apenas verdadeira, mas extremamente oportuna.

Os ensinamentos espíritas lembram-nos continuamente a importância da participação, do trabalho em prol dos semelhantes, dos esforços com vistas ao melhoramento das instituições do mundo em que nos encontramos.

Esse pensamento está bem claro numa das questões mais importantes da obra fundamental do Espiritismo, em que Kardec indaga qual é a finalidade da encarnação dos Espíritos.

Os imortais responderam:

“Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da Criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta.” (*O Livro dos Espíritos*, questão 132.)

*

As pessoas podem participar da obra da Criação de várias maneiras. Há os que a isso se dedicam por mero dever. Outros participam apenas quando recebem, em retribuição, a remuneração expressa em dinheiro. Mas há os que se empenham na construção de um mundo melhor, independentemente de serem remunerados, dedicando a essa tarefa, em muitos casos, suas horas de lazer.

No campo dos que atuam na obra da Criação quando no exercício de uma profissão qualquer, existem exemplos que encantam e que, se reproduzidos por toda a parte, concorreriam, sem dúvida nenhuma, para o aprimoramento da

sociedade em que vivemos, como a interessante experiência protagonizada por um simpático inspetor de trânsito da cidade de Vila Velha, Espírito Santo, que o leitor pode ver clicando em <https://www.youtube.com/watch?v=4VGBKUGHHHA>

Carinho gera carinho.

Respeito gera respeito.

Gentileza gera gentileza.

Para educar os outros não é preciso falar alto nem usar de grosseria.

Basta simplesmente adotar um dos conselhos de Jesus: "Faça aos outros o que você quer que lhe façam".

As crianças não batizadas e sua destinação

Faz pouco mais de quinze anos que foi publicado o documento "A esperança de salvação para bebês que morrem sem serem batizados", no qual a Comissão Teológica Internacional da Igreja Católica considerou inadequado o conceito de limbo.

Originária do latim, a palavra limbo – *limbu*, 'orla' – tem vários significados, mas, no âmbito da religião, é o nome que se dá ao lugar onde, segundo a teologia católica posterior ao século XIII, se encontrariam as almas das crianças muito novas que, embora não tivessem alguma culpa pessoal, morreram sem o batismo que poderia tê-las livrado do pecado original.

O documento publicado em abril de 2007 pela Igreja "diz que a graça tem preferência sobre o pecado, e a exclusão de bebês inocentes do céu não parecia refletir o amor especial que Cristo tinha pelas crianças".

O documento, de 41 páginas, considera que o conceito de limbo refletia uma "visão excessivamente restritiva da salvação". Segundo seus autores, "Deus é piedoso e quer que todos os seres humanos sejam salvos". E aduziram: "Nossa conclusão é que os vários fatores que analisamos

fornecem uma base teológica e litúrgica séria para esperar que os bebês não batizados que morrerem sejam salvos".

Em face deste novo entendimento da Igreja, os bebês que morrem sem batismo são considerados inocentes e sua destinação, portanto, passa a ser o céu, verificando-se o mesmo com os chamados infiéis, ou não batizados, desde que estes tenham levado uma vida justa.

O pensamento acima traz algumas implicações que pouca atenção mereceram dos estudiosos em matéria de religião.

Uma delas diz respeito diretamente ao batismo, conhecido sacramento da Igreja Católica, considerado indispensável para apagar os efeitos do pecado original e as faltas cometidas pela pessoa antes de sua admissão, o qual passa a não ser mais condição necessária para a salvação, fato que representa uma evolução do pensamento católico e faz justiça à bondade e à misericórdia de Deus.

Antes disso, sob o pontificado de João Paulo II, o inferno deixara de ser considerado um lugar determinado, para tornar-se, segundo palavras do próprio papa, um estado de espírito. Os anos se sucederam e, com o documento ora em exame, a ideia de limbo deixou também de existir.

A Igreja, porém, insiste ainda em um equívoco lamentável ao ensinar a seus fiéis que a alma é criada por ocasião da concepção, o que explicaria sua condição de inocência no período da infância,

quando sabemos, com base em fatos inúmeros, que a alma de uma criança pode chegar a uma nova existência corpórea trazendo um longo passivo de erros e enganos.

Segundo os ensinamentos espíritas, criado simples e ignorante, o Espírito tem de passar pela experiência da encarnação para progredir. A perfeição é sua meta, mas o caminho até ela é árduo e longo, o que significa que terá de passar por uma série de existências até que esteja depurado o suficiente para desligar-se dos liames materiais.

A Igreja, ao não reconhecer o limbo, avança para uma visão mais justa da vida humana e rompe com o sectarismo que caracteriza a necessidade do batismo para a destinação feliz do homem. Esta nova visão está, além disso, de conformidade com a lógica, porquanto, como sabemos, apenas um terço dos que habitam nosso planeta professa as ideias cristãs, enquanto dois terços as ignoram e, evidentemente, não se submetem ao batismo cristão.

Não sendo batizadas, para onde irão essas pessoas?

Até abril de 2007, segundo a Igreja, não poderiam ir para o céu. Mas, agora, com as novas ideias contidas no documento em exame, sim. Basta que tenham levado uma vida justa.

Lembremo-nos, contudo, sempre que falarmos em céu e em inferno, das palavras proferidas pelo saudoso papa João Paulo II.

"Nem o inferno é uma fornalha nem o céu um lugar", afirmou o papa. "O céu não é o paraíso nas nuvens nem o inferno é aterradora fornalha. O primeiro é uma situação em que existe comunhão com Deus e o segundo é uma situação de rejeição." (*Correio da Manhã*, de 29/7/1999.)

A fatalidade e suas nuances

O tema fatalidade continua sendo uma incógnita para muitas pessoas, mesmo no seio dos espiritistas. Afinal, há ou não há fatalidade nos acontecimentos da vida? Os fatos de nossa existência estão ou não previamente marcados?

Ambas as perguntas foram objeto de explicações dadas com clareza na primeira obra de Allan Kardec, considerada por muitos como a mais importante do Espiritismo, ou seja, *O Livro dos Espíritos*.

No tocante à fatalidade, dois aspectos devem ser considerados.

Se a imaginarmos como sendo a decisão prévia e irrevogável dos sucessos da vida, a resposta é não. Essa decisão prévia – que as pessoas associam à palavra fatalidade – não existe.

Com efeito, se tal fosse a ordem das coisas, os homens não passariam de máquinas, que, como sabemos, não têm vontade própria. De que lhes serviria a inteligência, desde que houvessem de estar invariavelmente presos, em todos os seus atos, à força do destino?

Semelhante doutrina, se verdadeira, equivaleria à destruição de toda liberdade moral. Não haveria para o homem responsabilidade e, por

consequente, nem mérito ou demérito naquilo que fizesse.

Se, contudo, entendermos a fatalidade como sendo um plano geral definido pela própria pessoa antes de reencarnar, uma resultante do gênero de vida que escolheu, como prova, expiação ou missão, aí então pode-se dizer que a fatalidade não é uma palavra vã, porquanto a pessoa sofrerá, no decurso da existência corporal, todas as vicissitudes que ela mesma escolheu e todas as tendências boas ou más que lhe são inerentes.

Cessam, porém, aí os efeitos da fatalidade, como fruto da chamada programação reencarnatória, porque depende do indivíduo – e somente dele – ceder ou resistir às mencionadas tendências e influências.

Quanto aos pormenores dos acontecimentos, ficam eles subordinados às circunstâncias que a própria pessoa cria por meio de seus atos.

Apenas para exemplificar: - Se o indivíduo opta pela via do crime, terá de sofrer todos os percalços decorrentes disso; se se entrega à bebida e se torna um alcoólatra, enfrentará os dissabores e as enfermidades decorrentes desse vício.

Resumidamente, podemos então afirmar que há fatalidade, sim, nos acontecimentos que se apresentam, por serem estes consequência da escolha que o Espírito fez de sua existência como homem, mas pode deixar de haver fatalidade no resultado de tais acontecimentos, visto ser possível a ele, por sua prudência, modificar-lhes o curso.

Jamais, contudo, haverá fatalidade nos atos da vida moral, ou seja, o crime, o suicídio, o abandono da prole, a traição, o adultério e tudo o que diz respeito à conduta da pessoa não têm nada que ver com a escolha feita por ela antes da imersão na carne.

Finalizando, lembremos que, segundo o Espiritismo, fatal, no verdadeiro sentido da palavra, só o instante da morte o é. Chegado esse momento, de uma forma ou doutra, a ele não podemos furtar-nos.

É, portanto, aí que o homem se acha submetido, em absoluto, à inexorável lei da fatalidade, uma vez que não pode escapar à sentença que lhe marca o termo da existência nem ao gênero de morte que haja de cortar a esta o fio. Os casos de moratória constituem, é fácil compreender, meras exceções a essa regra.

Por que é tão difícil transformar-nos?

Um conhecido confrade, em seminário ministrado anos atrás em Balneário Camboriú, propôs ao público presente a seguinte questão:

- Por que o progresso intelectual se efetua de modo mais rápido que o progresso moral?

A pergunta parte de um pressuposto incontestável, ou seja, o progresso moral de uma pessoa é mesmo muito mais lento que seu desenvolvimento intelectual.

Um jovem totalmente ignorante das leis que regem determinada ciência consegue, depois de cinco ou seis anos numa faculdade, dominar boa parte dos segredos dessa ou de qualquer outra disciplina, podendo tornar-se, em um tempo relativamente curto, um profissional respeitado da medicina, da engenharia ou do direito.

Paralelamente a isso, existem pessoas que guardam em seu coração mágoas profundas por algo que lhes ocorreu 20, 30, 40 anos atrás. Se eram ciumentas na juventude, continuam ciumentas; se eram apegadas ao dinheiro, seu apego à matéria persiste ainda, e tal comportamento se repete nas diversas

manifestações que se apresentam à criatura humana ao longo da vida.

Em nosso meio existe algo que é por demais conhecido e tanto mal tem feito às pessoas e às instituições espíritas. Falamos do melindre, essa facilidade de magoar-se que muitas pessoas das mais diferentes idades e classes sociais revelam.

É evidente que ninguém se melindra porque quer. Em muitos casos, é provável até que o indivíduo quisesse comportar-se de forma diferente, sem se importar com o fato que o magoou, mas em muitos casos a tendência para melindrar-se – decorrente do nível evolutivo em que se encontra – é mais forte do que esse desejo.

No seminário a que inicialmente nos referimos o público emitiu opiniões diversas como resposta à questão apresentada.

De um modo geral, o pensamento mais comum é que aprender uma nova disciplina é mais fácil do que educar os sentimentos, o que explicaria o que todos vemos no planeta Terra, que nos oferece a cada dia ideias inventivas e inovações tecnológicas extraordinárias e, no entanto, não tem sido capaz de erradicar de sua face a guerra, a corrupção e muitas das mazelas morais que a Igreja arrolou como sendo os chamados sete pecados capitais – a cupidez, a luxúria, a soberba e a ira, para citar apenas alguns deles.

Ouvidas as diferentes opiniões, o palestrante examinou o problema proposto e suas várias nuances e, concluindo, afirmou que o principal

fator que determina a lentidão do progresso moral tem sido não darmos a ele a importância que ele merece.

Lembrou então que muitos pais costumam matricular os filhos nas melhores escolas, com vistas a um futuro promissor numa faculdade importante, mas não encontram tempo de orar com eles, de orientá-los e mesmo de levá-los às escolinhas de moral cristã que as igrejas e as casas espíritas oferecem graciosamente.

É evidente que somente esse fato não é suficiente para determinar a transformação moral de uma pessoa, porque mesmo entre os chamados religiosos, espíritas ou não, o problema do melindre e muitas das mazelas citadas também se verificam. Contudo, preocupar-se com a educação moral de nossas crianças constitui, sem dúvida, um importante passo.

A transformação moral é um objetivo que todos nós, adultos e crianças, devemos perseguir, e é preciso ter em mente que ela virá somente se para isso nos esforçarmos, como aliás ocorre nos diferentes setores da vida, visto que o jovem, para ingressar numa faculdade, tem de se esforçar bastante, direcionando para tal objetivo toda a sua energia e seu tempo.

Afinal, não custa lembrar que, segundo Kardec, o verdadeiro espírita se reconhece por sua transformação moral e pelos esforços que faz para domar suas inclinações inferiores.

Segundo o Espiritismo, não basta abster-nos de fazer o mal

Uma das questões mais interessantes examinadas pela doutrina espírita diz respeito à nossa responsabilidade quanto ao que fazemos ou deixamos de fazer em nossa passagem pelo planeta.

O pensamento corrente, comum a diversas doutrinas religiosas, é que o homem será punido pelo mal que houver aqui praticado. Se conseguir escapar à justiça dos homens, com certeza não escapará à justiça divina. Desse modo, embora se ignore como se dará tal punição, a ideia geral é que ele prestará contas dos males cometidos.

Esse pensamento não contraria os ensinamentos que os instrutores desencarnados nos trouxeram. De fato, à justiça divina ninguém escapa. Mas as diferentes vertentes religiosas se esquecem de dizer que seremos responsabilizados também pelo bem que deixamos de fazer, como nos é claramente mostrado na doutrina espírita.

O fato não passou despercebido nos ensinamentos de Jesus.

A parábola “Lázaro e o rico” narrada por Jesus – consoante o Evangelho de Lucas, 16:19-26 – diz que havia um homem rico que se vestia de púrpura

e de linho finíssimo e vivia todos os dias regalada e esplendidamente. À porta de sua mansão comparecia sempre um certo mendigo, chamado Lázaro, que jazia cheio de chagas e ali vinha em busca de alimento. Um dia o mendigo morreu, e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; pouco depois morreu também o rico, que se viu, porém, colocado no inferno, enquanto Lázaro desfrutava uma boa situação, no seio de Abraão. Quando chamado pelo rico, que ardia em sede e pedia que Lázaro ao menos refrescasse sua língua, Abraão foi peremptório: "Filho, lembra-te de que recebeste teus bens em vida, mas Lázaro, males; por isso, ele agora aqui é consolado, mas tu estás em tormento. Além de tudo, há entre nós e vós um grande abismo, de maneira que os que querem passar daqui para vós não o podem, nem os de lá passar para cá."

Notemos que a parábola não diz que o rico houvera cometido algum delito; apenas informa que ele jamais dera atenção a Lázaro e, além disso, usufruíra, egoisticamente, os bens que recebera em vida.

O assunto é tratado de forma objetiva em diversas questões que compõem *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, a principal obra da doutrina espírita.

Eis, sinteticamente, o que esse livro nos ensina:

- Cada indivíduo será punido não só pelo mal que haja feito, mas também pelo mal a que tenha dado lugar. (LE, 639).

- Aquele que não pratica o mal, mas que se aproveita do mal praticado por outrem é tão culpado quanto o outro. (LE, 640)

- Não basta que o homem não pratique o mal; cumpra-lhe fazer o bem no limite de suas forças, porquanto responderá por todo mal que haja resultado de não haver praticado o bem. (LE, 642)

- O Espírito sofre por todo o mal que praticou, ou de que foi causa voluntária, por todo o bem que houvera podido fazer e não fez e por todo o mal que decorra de não haver feito o bem. (LE, 975)

A perfeita compreensão de como funciona a justiça divina constitui o primeiro passo para que o indivíduo reformule seu programa de vida, consciente de que seu papel neste mundo exige ação, participação e solidariedade, que foi exatamente o que faltou ao rico focalizado na parábola narrada por Jesus.

A teoria do Design Inteligente e o Espiritismo

Anos atrás, em um dos vestibulares realizados pela Universidade Federal do Paraná, uma das questões propostas versou sobre o evolucionismo, o criacionismo e a então novíssima corrente de pensamento conhecida pelo nome de Design Inteligente.

Em face dessas três correntes de ideias, como se posiciona a Doutrina Espírita?

É por demais conhecida nossa opinião de que, entre o evolucionismo de Darwin e o criacionismo bíblico, não há dúvida de que o Espiritismo ficaria sempre com o primeiro, uma vez que a evolução da alma e dos seres vivos verificou-se lentamente, no correr dos milênios, e não como narra o Gênesis. É, porém, mais que evidente que, conforme propõem os partidários da teoria do Design Inteligente, existem no mundo estruturas biológicas complexas demais para terem surgido tão somente nas condições descritas por Darwin, pela acumulação gradual de modificações aleatórias.

Tudo nos leva, então, a crer que houve e há nesse processo a intervenção de inteligências extracorpóreas, fato que Emmanuel afirma expressamente em seu livro *A Caminho da Luz*,

psicografado por Chico Xavier em 1938, muito antes de terem ganhado notoriedade as ideias da citada corrente de pensamento, que entende existir um *designer*, um projetista inteligente, para explicar as maravilhas da Criação.

Essa compreensão, aliás, salta aos olhos com a simples leitura da obra *Evolução em Dois Mundos*, de André Luiz, psicografada pelos médiuns Waldo Vieira e Chico Xavier em 1958, na qual a participação no processo dos instrutores espirituais, supervisionados pelo Cristo, é destacada a todo o momento.

Um dos partidários da teoria do Design Inteligente (TDI) é o professor e doutor Marcos Eberlin, presidente da Sociedade Internacional de Espectrometria de Massas, membro da Academia Brasileira de Ciências e docente no Instituto de Química da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Em entrevista concedida ao jornalista Michelson Borges, o Dr. Eberlin explica o que é a teoria do Design Inteligente. Para acessá-la, clique aqui: <http://www.entrevistas.criacionismo.com.br/2010/05/professor-da-unicamp-defende-design.html>

Eis as palavras do professor Eberlin:

“A TDI é uma teoria científica, defendida por uma comunidade crescente de cientistas gabaritados do mundo todo e de várias áreas, e que procura estabelecer metodologia científica robusta capaz de detectar sinais de inteligência na vida e no universo. Através desses métodos, a TDI

reinterpreta todo o arsenal de dados riquíssimos e com detalhamento altíssimo disponíveis hoje sobre o funcionamento da vida e do universo. E a partir dessa análise cuidadosa, sem pré-conceitos, desapaixonada e racional, feita dentro de todo o rigor da metodologia científica que rege as ciências históricas, a TDI conclui, procurando seguir os dados aonde quer que eles levem, **que esses dados apontam com muita segurança para uma mente inteligente e consciente como a única causa conhecida, necessária e suficiente para a vida e o universo.** Ou seja, o *design* detectado no universo e na vida não é aparente ou ilusório, mas real e inteligente.” [Negritamos]

Seria a TDI um tipo de criacionismo?

“O criacionismo tem várias vertentes, mas a principal é aquela que assume que um Ser todo poderoso projetou e criou o universo e a vida. O criacionismo bíblico vai muito mais longe e dá nome e endereço ao Criador; descreve Sua intenção e Seus métodos, e faz muitas outras afirmações que estão muito além da capacidade da Ciência de investigá-las, devido às muitas limitações da metodologia científica. Ou seja, o criacionismo parte de pressuposições filosóficas e teológicas, fecha com essas pressuposições e confere a elas racionalidade quando encontra na natureza e, eventualmente, na Ciência suporte às suas teses. A TDI, porém, não tem absolutamente nada a ver com teses criacionistas, de qualquer vertente. Nelas não se inspira e não se apoia. A TDI

busca, pura e simplesmente, da forma mais honesta possível, escrutinar os dados científicos brutos e interpretá-los corretamente, sem absolutamente nenhum pressuposto, nenhuma predefinição de como ou qual seria a nossa conclusão. Concluimos por uma mente inteligente como causa primeira da vida e do universo pela obrigação que todos os cientistas têm de seguir sempre as evidências, as informações fornecidas pelas caixas-pretas da vida e do universo, deixando ao máximo nossa subjetividade, naturalista ou teísta, de lado.”

A química (que é a área de estudos do Dr. Eberlin) revela o *design* inteligente?

“Muitos usam comparações morfológicas, comparam bicos de passarinhos, ossos, embriões, cores de asas de mariposas. Mas é através da química, em nível molecular, que entendemos mesmo como a vida e o universo funcionam. É através da Química que aprendemos a ‘língua’ das moléculas e podemos assim traduzir corretamente os ecos moleculares, os quais transmitem os segredos de nossa existência. **É através da Química que percebemos que a vida não é coisa de amador, não! Vida é coisa de profissional! E profissional gabaritado, especializado!** Que orquestrou os diversos códigos e a informação zipada, encriptada e compartimentalizada do DNA, tipo *hard-disk*. A arquitetura *top-down* algorítmica da vida, sua lógica estonteante e hiperotimizada. E elaborou o código de especialização celular das histonas,

baseado em reações químicas ultrassincronizadas e ajustadas. E elaborou os planos corporais que nem sequer sabemos onde e como estão armazenados.” [Negritamos]

Chamamos a atenção para este trecho da entrevista acima: “a vida não é coisa de amador”, e sugerimos ao leitor compará-lo com as respostas dadas pelos Espíritos Superiores nas questões 8 e 9 de *O Livro dos Espíritos*, a principal obra do Espiritismo, de autoria de Allan Kardec:

L.E., n. 8:

– Que se deve pensar da opinião dos que atribuem a formação primária a uma combinação fortuita da matéria, ou, por outra, ao acaso?

“Outro absurdo! Que homem de bom senso pode considerar o acaso um ser inteligente? E, demais, que é o acaso? Nada.” A harmonia existente no mecanismo do Universo patenteia combinações e desígnios determinados e, por isso mesmo, revela um poder inteligente. Atribuir a formação primária ao acaso é insensatez, pois que o acaso é cego e não pode produzir os efeitos que a inteligência produz. Um acaso inteligente já não seria acaso. (Nota de Allan Kardec.)

L.E., n. 9:

– Em que é que, na causa primária, se revela uma inteligência suprema e superior a todas as inteligências?

“Tendes um provérbio que diz: Pela obra se reconhece o autor. Pois bem! Vede a obra e

procurai o autor. O orgulho é que gera a incredulidade. O homem orgulhoso nada admite acima de si. Por isso é que ele se denomina a si mesmo de espírito forte. Pobre ser, que um sopro de Deus pode abater!”

Em seguida à resposta acima reproduzida, Allan Kardec ajuntou a seguinte nota:

“Do poder de uma inteligência se julga pelas suas obras. Não podendo nenhum ser humano criar o que a Natureza produz, a causa primária é, conseqüentemente, uma inteligência superior à Humanidade. Quaisquer que sejam os prodígios que a inteligência humana tenha operado, ela própria tem uma causa e, quanto maior for o que opere, tanto maior há de ser a causa primária. Aquela inteligência superior é que é a causa primária de todas as coisas, seja qual for o nome que lhe deem.”

Pode o cristão fazer reparo à Bíblia?

Há entre católicos e evangélicos quem julgue que não, que o cristão não pode desmerecer as Escrituras, e, com base nesse pressuposto, retiram do Espiritismo a qualidade de religião cristã, visto que, no entendimento deles, dois dos principais pensadores espíritas – Allan Kardec e Léon Denis – teriam negado, em seus escritos, a inspiração divina da Bíblia.

Utilizar textos bíblicos para refutar os ensinamentos que compõem a doutrina espírita é uma prática antiga. A Bíblia é, para essas pessoas, uma obra intocável, divina, irrepreensível!

Isso é curioso porque, como se sabe, as Escrituras publicadas pelas editoras protestantes, repetindo conduta atribuída aos judeus, não contemplam os livros de Judith, Tobias, Livros I e II dos Macabeus, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc e parte do livro de Ester.

Rejeitar parte da Bíblia torna as religiões que assim procedem não cristãs?

As religiões derivadas da Reforma não são cristãs?

Quando católicos e evangélicos deixam de cumprir o rito da circuncisão, constante das leis mosaicas, deixam, por causa disso, de ser cristãos?

As perguntas acima servem apenas para mostrar que uma pessoa ou uma doutrina pode desaprovar parte da Bíblia e nem por isso perder a condição de cristã.

Jesus também fez sérias restrições a práticas que no Antigo Testamento receberam o *status* de lei, como a observância do dia de sábado.

A revogação da lei do olho por olho; a proposta do amor aos inimigos; o não apedrejamento da mulher adúltera; o tratamento digno que deu aos leprosos, que o Antigo Testamento determinava fossem excluídos de seus lares, eis alguns exemplos de uma nova ordem, incompatível com as prescrições mosaicas, isto é, com a chamada Bíblia.

*

A implicância que alguns religiosos têm para com o Espiritismo não é fruto apenas de preconceito, mas também de ignorância do que vem ocorrendo nos próprios arraiais do Cristianismo.

No Brasil, o frei Boaventura Kloppenburg, o mais ferrenho adversário do Espiritismo em nosso país; na Itália, o padre Gino Concetti, comentarista do *Osservatore Romano*, órgão oficial do Vaticano; na França, o padre François Brune, autor do livro *Os Mortos nos Falam* – todos eles admitem os fatos mediúnicos e as relações entre nós e os mortos.

Padre Brune admite até mesmo a reencarnação, um dos princípios básicos da doutrina espírita.

Em entrevista concedida à Rede Globo de Televisão e à agência de notícias Ansa, Gino Concetti tornou pública, em 1997, a nova postura da Igreja com relação à mediunidade e às relações entre nós e os Espíritos.

Afirmou então o padre Concetti que a Igreja não apenas admite a comunicação com os falecidos, como reconhece que ter um contato com a alma dos entes queridos que já partiram para o Além pode aliviar os que tenham, porventura, ficado perturbados com esse transe. "Segundo o catecismo moderno – explicou o teólogo – Deus permite aos nossos caros defuntos que vivem na dimensão ultraterrestre enviar mensagens para nos guiar em certos momentos da vida. Após as novas descobertas no domínio da psicologia sobre o paranormal, a Igreja decidiu não mais proibir as experiências do diálogo com os falecidos, sob a condição de que elas sejam levadas com uma finalidade séria, religiosa e científica."

Não deve, pois, causar nenhuma surpresa o que o frei Boaventura Kloppenburg escreveu em seu livro *Espiritismo e Fé*, no qual afirma que, tal como os espíritistas, os católicos admitem:

a) que os falecidos não rompem seus laços com os que ainda vivem na Terra;

b) que eles podem, portanto, nos socorrer e ajudar;

c) que os Espíritos desencarnados podem manifestar-se ou comunicar-se perceptivelmente conosco;

d) que tais manifestações podem ser de dois tipos: espontâneas e provocadas. As espontâneas são as que têm sua origem ou iniciativa no Além, como a do anjo Gabriel (Lucas, 1:26-38). As provocadas são as que têm sua iniciativa no mundo físico, como, por exemplo, o caso do rei Saul, que evocou Samuel por meio da pitonisa de Endor (Samuel, 28:3-25).

Com respeito ao padre François Brune, lembremos – como dissemos oportunamente – que ele admite que os mortos nos falam e o fazem de inúmeras maneiras, como demonstrou nos livros *Os Mortos nos Falam* e *Linha Direta com o Além*, publicados no Brasil pela Edicel.

Vale ressaltar que nenhum deles é dissidente do catolicismo; ao contrário, são pessoas de expressão e, enquanto viveram, exerceram atividades importantes e de destaque no seio da Igreja.

A doutrina das penas eternas é um equívoco

A doutrina das penas eternas, ensinada pela Igreja, é tratada de forma objetiva nas questões 1.006 a 1.009 d' *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec.

O Espiritismo, como sabemos, não admite tal doutrina, e os motivos estão postos nas mencionadas questões.

A tese da eternidade das penas reservadas àqueles que infringem as leis do bem e do amor, tanto quanto a existência do inferno, não resistem realmente a uma análise objetiva. O raciocínio lógico conduz-nos à seguinte premissa: Se o Espírito sofre em função do mal que praticou, sua infelicidade deve ser proporcional à falta cometida.

Com efeito, respondendo à pergunta "Poderão durar eternamente os sofrimentos do Espírito?", São Luís (Espírito) afirmou:

"Poderiam, se ele pudesse ser eternamente mau, isto é, se jamais se arrependesse e melhorasse, sofreria eternamente. Mas Deus não criou seres tendo por destino permanecer votados perpetuamente ao mal. Apenas os criou a todos simples e ignorantes, tendo todos, no entanto, que progredir em tempo mais ou menos

longo, conforme decorrer da vontade de cada um. Mais ou menos tardia pode ser a vontade, do mesmo modo que há crianças mais ou menos precoces, porém, cedo ou tarde, ela aparece, por efeito da irresistível necessidade que o Espírito sente de sair da inferioridade e de se tornar feliz. Eminentemente sábia e magnânima é, pois, a lei que rege a duração das penas, porquanto subordina essa duração aos esforços do Espírito. Jamais o priva do seu livre-arbítrio: se deste faz ele mau uso, sofre as consequências." (*O Livro dos Espíritos*, questão 1.006.)

Cumpra considerar também que a condenação perpétua não se coadunaria com a ideia cristã da sublimidade da justiça e da misericórdia divinas.

Jesus deu testemunho da bondade e do amor de Deus, ao afirmar que o Pai celeste não quer que pereça um só de seus filhos.

A razão nos indica que Deus é, como ensina o Espiritismo, um ser infinito em suas perfeições, pois é filosoficamente impossível conceber o Criador de outra maneira, visto que, se Ele não apresentasse infinita perfeição, poderíamos conceber outro ser que lhe fosse superior.

Sendo, pois, infinitamente sábio, justo e misericordioso, não podemos crer que tenha criado pessoas para serem eternamente desgraçadas em virtude de uma falta ou de um erro passageiro, derivados evidentemente de sua própria imperfeição.

A doutrina das penas eternas consubstanciada na teologia católica surgiu das ideias primitivas que conceberam a existência de um Deus irado e vingativo, a quem o homem atribuiu características puramente humanas.

O fogo eterno é uma figura de que se utilizou para materializar a ideia do inferno, com vistas a ressaltar a crueldade da pena, no pressuposto de que o fogo é o suplício mais atroz e que produz o tormento mais efetivo.

Essas ideias serviram, em certo período da história da Humanidade, para controlar as paixões de criaturas ainda imperfeitas, mas não servem ao homem da atualidade, que nelas não consegue vislumbrar sentido lógico.

Jesus valeu-se dessas figuras para pôr-se ao alcance da compreensão dos homens de sua época. As imagens fortes que utilizou eram, então, necessárias para impressionar a imaginação de indivíduos que pouco entendiam das coisas do Espírito e cuja realidade estava mais próxima da matéria e dos fenômenos que lhes impressionavam os sentidos físicos. Mas também foi ele quem enfatizou a ideia de que Deus é Pai misericordioso e bom, e, aliás, afirmou que *das ovelhas que o Pai lhe confiou nenhuma se perderia*.

Doutor Xavier e o aborto

Foi em março de 1858 que o tema aborto apareceu pela primeira vez na Revista Espírita, quando Kardec reproduziu um diálogo mantido com Dr. Xavier, médico recentemente desencarnado, cujas palavras a respeito do aborto seriam, mais tarde, aproveitadas pelo codificador na redação das questões 358 e 359 da segunda e definitiva edição d' *O Livro dos Espíritos*, publicada em março de 1860.

Sabemos desde então que, na visão espírita, o abortamento de uma criança deve ser evitado, exceto na hipótese em que a continuação da gestação possa oferecer risco à vida da gestante.

O fundamento da restrição espírita ao aborto encontra-se no trecho adiante, constante da resposta dada à questão 358:

“Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando.”

Ao interromper sem motivo justo, a gestação, quem assim age “impede uma alma de passar pelas provas” a que, evidentemente, se submeteu quando da elaboração de sua programação reencarnatória.

Na resposta dada à questão 360 do mesmo livro, o respeito à continuação da gravidez se acentua de modo evidente.

Vejamos esse texto:

360. Será racional ter-se para com um feto as mesmas atenções que se dispensam ao corpo de uma criança que viveu algum tempo?

“Vede em tudo isso a vontade e a obra de Deus. Não trateis, pois, desatenciosamente, coisas que deveis respeitar. Por que não respeitar as obras da criação, algumas vezes incompletas por vontade do Criador? Tudo ocorre segundo os seus desígnios e ninguém é chamado para ser seu juiz.”

A recomendação contida no texto transcrito aplica-se por inteiro às situações em que se estima que o feto possa apresentar alguma deficiência, como ocorre nos casos de anencefalia e retardamento mental.

Os anos se passaram e muitas informações procedentes do plano espiritual reforçaram a ideia que devemos inicialmente ao Dr. Xavier. Assim é que no cap. 9 da parte terceira do livro *Obsessão/Desobsessão*, editado em 1981 pela Federação Espírita Brasileira, Suely Caldas Schubert comenta três comunicações mediúnicas relacionadas com o aborto e suas consequências.

A primeira é de um médico que, enquanto encarnado, dedicou-se a essa prática. Ora, o abortamento – exceto quando realizado para salvar a vida da gestante posta em perigo – é considerado um crime aos olhos de Deus e nada há que o

justifique, ainda que a lei dos homens o autorize. O médico desencarnado apresentou-se na sessão mediúcnica extremamente perturbado e dizia-se perseguido por vários Espíritos. Acusando-se a si mesmo de criminoso, estava aterrorizado com seus atos. O arrependimento já lhe havia chegado, mas ele demonstrava muito medo de seus perseguidores, entre os quais se contavam algumas das vítimas de seu bisturi.

O segundo comunicante foi uma mulher que havia morrido durante a realização de um aborto. Atormentada pelo remorso dessa ação, nutria um ódio especial pelo médico que a atendera, a quem agora perseguia, desejosa de vingança.

A terceira entidade a se comunicar foi também uma mulher que cometera um aborto em sua última existência na Terra. Sendo pobre e lutando com muitas dificuldades para a manutenção dos filhos, ela se desorientou ao engravidar e procurou uma forma de abortar aquele que seria o sexto filho. Praticado o crime, o arrependimento foi-lhe terrível e imediato, pois ela jamais se perdoou por esse gesto e, desse modo, sofreu duplamente ao carregar pelo resto de seus dias o peso do remorso. Sua existência foi longa e difícil. Enfrentou as asperezas e dificuldades da vida e, ao fim de prolongada moléstia, desencarnou.

O plano espiritual reservou-lhe, porém, uma surpresa. Ao desencarnar, encontrou-se com o Espírito do filho rejeitado e grande foi seu abalo ao verificar que ele era um ente muito querido ao seu coração, companheiro de lutas do passado, que

renasceria em seu lar com a finalidade precípua de ajudá-la a tornar menos amargos os seus dias.

Espírito de certa elevação moral, ele há muito lhe havia perdoado a atitude infeliz, mas ela jamais se conformou com o ato praticado e agora, no plano espiritual, tomara a si a tarefa de socorrer as pessoas tendentes a cometer o mesmo erro, para mostrar-lhes que o destino é construção individual e que o aborto, longe de ser solução para as dificuldades da vida, será sempre o agravamento dos nossos males, quando não a porta que se fecha para os nossos melhores amigos.

Um minuto de prazer irrefletido e seus possíveis efeitos

No cap. 17 do livro *Tramas do Destino* seu autor espiritual, Manoel Philomeno de Miranda, alude aos chamados vícios sociais, que todos nós, médiuns, oradores, dirigentes ou simples trabalhadores da seara espírita, deveríamos evitar.

Tais vícios são o tabagismo, o alcoolismo, a toxicomania; os excessos da mesa; as negligências mentais e morais, como as conversações doentias, deprimentes e obscenas; o cultivo dos pensamentos vulgares; o acalento de tendências negativas, bem como a inveja, o ciúme, a queixa, o azedume, a maledicência e o reproche.

Segundo Philomeno, o cultivo da prece e a leitura salutar, que inspiram ideias e pensamentos ditosos, são anticorpos valiosos contra a virulência desses escolhos, enquanto que a vigilância, por meio do trabalho paulatino e sistemático, ordeiro e constante, a ação caridosa e os contributos da solidariedade e da tolerância nos fornecem condições para a feliz execução dos serviços e encargos que assumimos, tornando nossa passagem pela experiência reencarnatória frutuosa.

É preciso ter sempre em mente que um minuto de prazer irrefletido pode acarretar a perda de uma existência inteira!

Na obra *O Tesouro dos Espíritos*, traduzido para o português por J. Herculano Pires, Miguel Vives estuda em profundidade o problema das tentações e oferece-nos orientação segura de como é possível neutralizá-las.

Dois conselhos devemos considerar quando tratamos desse tema, seja quando a tentação advém apenas de uma inclinação infeliz própria, sem influência exterior nenhuma, seja quando a ela esteja associada influência proveniente do plano espiritual.

O primeiro conselho, tantas vezes lembrado aqui, está expresso numa conhecida recomendação feita por Jesus: "Vigiai e orai para não cairdes em tentação". Se não dermos a essa proposta a importância devida, não tenhamos dúvida, poderemos cair de novo nas mesmas redes em que já sucumbimos no passado.

O segundo conselho é-nos dado na questão 469 de *O Livro dos Espíritos*, a primeira e principal obra da doutrina espírita. Eis o que se lê na mencionada questão:

469. Por que meio podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos?

"Praticando o bem e pondo em Deus toda a vossa confiança, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e aniquilareis o império que desejem ter sobre vós. Guardai-vos de atender às

sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós outros e que vos insuflam as paixões más. Desconfiai especialmente dos que vos exaltam o orgulho, pois que esses vos assaltam pelo lado fraco. Essa a razão por que Jesus, na oração dominical, vos ensinou a dizer: 'Senhor! não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal!.'

Como lidar com as influências espirituais negativas

As influências que os desencarnados exercem sobre a criatura humana são conhecidas de todos, espíritas e não espíritas.

Lemos na questão 459 de *O Livro dos Espíritos*:

– Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?

“Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto que, de ordinário, são eles que vos dirigem.”

Na Revista Espírita de 1858, Kardec relata o caso ocorrido com o jovem F..., um moço instruído, de educação esmerada e caráter suave e benevolente, que sofrera um doloroso processo de fascinação.

A cura do rapaz só ocorreu quando, por sugestão do Espírito de seu pai, ele procurou Allan Kardec. “Sofres uma rude prova, que será para teu bem no futuro, mas nada posso fazer para te libertar”, dissera-lhe o genitor.

Kardec o ajudou e disse que o rapaz aceitou o conselho dos Espíritos de entregar-se a um trabalho rude que não lhe deixasse tempo para ouvir as sugestões más. O Espírito que atuava sobre F... no final acabou confessando-se vencido e exprimiu o desejo de progredir.

Comentando o caso, Kardec disse o seguinte:

1. Os Espíritos exercem sobre os homens uma influência salutar ou perniciosa; não é preciso, para isso, ser médium.

2. Não havendo a faculdade, eles agem de mil e uma maneiras.

3. A influência dos Espíritos sobre nós é constante e todos acham-se expostos a ela, quer acreditem ou não.

4. Três quartas partes de nossas ações más e de nossos maus pensamentos são frutos dessa sugestão oculta.

5. Não há outro critério, senão o bom senso, para discernir o valor dos Espíritos. Qualquer fórmula dada para esse fim pelos próprios Espíritos é absurda e não pode emanar de Espíritos superiores.

6. Os Espíritos inferiores receiam os que lhes analisam as palavras, desmascaram as torpezas e não se deixam prender por seus sofismas.

Segundo o Espiritismo, a influência espiritual pode, pois, como vimos acima, ser boa ou má, oculta ou ostensiva, fugaz ou duradoura, mas, em qualquer situação, só se concretiza por meio da sintonia que se estabelece entre nós e eles.

Em muitos dos pensamentos que temos surgem-nos em determinadas situações ideias diferentes sobre o mesmo assunto e, por vezes, ideias que se contradizem. Com certeza nesses momentos estamos sendo alvo da influência

dos Espíritos, fato que nem todos percebemos, especialmente quando ela se dá de forma sutil e oculta, como se verificou no conhecido caso Custódio Saquarema, relatado pelo Espírito de Humberto Campos em seu livro *Cartas e Crônicas*, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Uma forma de distinguir nossos pensamentos dos que nos são sugeridos é compreender que, normalmente, pertence a nós o primeiro pensamento que nos ocorre. Mas o mais importante é saber que, independentemente de sugestões ou não, a responsabilidade pelos atos é nossa, cabendo-nos o mérito pelo bem que daí resultar ou o demérito se a ação for negativa.

Allan Kardec explica, numa nota à questão 462 de *O Livro dos Espíritos*, que nem sempre é possível fazer essa distinção, e assim o justifica: "Se fosse útil pudéssemos claramente distinguir nossos próprios pensamentos daqueles que nos são sugeridos, Deus nos teria dado o meio, assim como nos dá o de distinguir entre o dia e a noite". "Quando algo fica impreciso, é que assim convém ao nosso benefício."

Como podemos então neutralizar tais influências?

Eis o que, a respeito do assunto, ensinaram os Espíritos Superiores (*O Livro dos Espíritos*, item 469):

"Fazendo o bem e pondo a vossa confiança em Deus, repelireis a influência dos Espíritos inferiores

e destruireis o domínio que sobre vós tentam exercer.

Guardai-vos de escutar as sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que vos insuflam a discórdia e que vos induzem às más paixões.

Desconfiai sobretudo dos que exaltam o vosso orgulho, pois que vos apanham pelo ponto fraco. Por isso Jesus vos faz repetir na Oração Dominical: Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.”

É interessante também que o leitor leia com atenção o que ensina a questão 122 “b” d’*O Livro dos Espíritos*, que nos assegura que os maus Espíritos desistem de obsidiar as pessoas que conseguem elevar-se moralmente e, dessa forma, conquistam o autodomínio, o equilíbrio, a harmonia interior que caracterizam o verdadeiro homem de bem.

Anotações sobre a prece

A prece ou a oração – o nome é indiferente – nada mais é que uma invocação, mediante a qual o homem entra, pelo pensamento, em comunicação com o ser a quem se dirige. Pode ter por objeto um pedido, um agradecimento ou uma glorificação. As preces feitas a Deus – ensina o Espiritismo - são escutadas pelos Espíritos incumbidos da execução de suas vontades. As que se dirigem aos bons Espíritos são reportadas a Deus.

Jesus definiu com precisão as qualidades da prece:

“Quando orardes, não vos ponhais em evidência; antes, orai em secreto. Não afeteis orar muito, pois não é pela multiplicidade das palavras que sereis escutados, mas pela sinceridade delas. Antes de orardes, se tiverdes qualquer coisa contra alguém, perdoai-lhe, visto que a prece não pode ser agradável a Deus, se não parte de um coração purificado de todo sentimento contrário à caridade. Orai, enfim, com humildade, como o publicano, e não com orgulho, como o fariseu. Examinai os vossos defeitos, não as vossas qualidades, e, se vos comparardes aos outros, procurai o que há em vós de mau.” (Mateus, 6:5 a 8.)

Quando dirigimos o pensamento para um ser qualquer, na Terra ou no espaço, de encarnado para desencarnado, ou vice-versa, uma corrente fluídica se estabelece entre um e outro, transmitindo de um ao outro o pensamento, como o ar transmite o som, porquanto o fluido, que inunda o espaço, é o veículo do pensamento. É em virtude desse fato que os Espíritos ouvem a prece que lhes é dirigida e é assim que se comunicam entre si e nos transmitem suas ideias e inspirações.

Por meio da prece, o homem obtém o concurso dos bons Espíritos que acorrem a sustentá-lo em suas boas resoluções e a inspirar-lhe ideias sãs. Ele adquire, desse modo, a força moral necessária para vencer as dificuldades e volver ao caminho reto, se deste se afastou. E é também por essa via que ele pode desviar de si os males que atrairia por suas próprias faltas.

Fato curioso revelado pelo Espiritismo é que a prece produz resultados mesmo quando é dirigida a alguém que não tem condições de atendê-la. Em seu livro *Entre a Terra e o Céu*, psicografado por Chico Xavier, André Luiz narra no cap. II, pp. 13 a 17, um interessante fato que ilustra o que dissemos.

Atendendo a um pedido que veio da Crosta, Clarêncio examinava um pequeno gráfico que uma auxiliar do Templo do Socorro lhe entregou e, exibindo o documento que trazia nas mãos, explicou: "Temos aqui uma oração comovedora que superou as linhas vibratórias comuns do plano de matéria mais densa. Parte de uma devotada

servidora que se ausentou de nossa cidade espiritual, há precisamente quinze anos terrestres, para determinadas tarefas na reencarnação".

Evelina era o nome da jovem cuja reencarnação fora garantida pelos instrutores de Nosso Lar. Ela rogava à sua mãe desencarnada, Odila, ajuda para um caso de perturbação espiritual em seu lar, sem saber que a causadora da perturbação era a própria mãe.

Ocorre que sua insistência na rogativa foi tanta, que suas preces, quebrando a direção, chegaram até aos dirigentes da colônia. Como a mãe, obviamente, não poderia ajudá-la, a súplica da jovem, desferida em elevada frequência, varou os círculos inferiores e buscou o apoio que jamais nos faltará em circunstâncias semelhantes.

Clarêncio deu à prece de Evelina o curioso nome de oração *refratada*, ou seja, desviada do seu curso com o objetivo de chegar a alguém em condições de atendê-la, fato que demonstra a bondade do Criador, que tudo faz para que sejamos felizes, conquanto nem sempre tenhamos capacidade de entendê-lo.

De todas as preces conhecidas dos cristãos, a mais completa é, sem contestação, a Oração Dominical, conhecida também pelo nome de Pai Nosso. Allan Kardec a indicou expressamente, respondendo a um leitor, como devendo ser a prece de todos os dias, na hora em que nos levantamos da cama e na hora em que buscamos o leito para dormir.

A recomendação de Kardec pode ser encontrada na *Revista Espírita* de agosto de 1864, no mesmo artigo em que ele sugere a prática do que hoje conhecemos pelo nome de Evangelho no Lar.

Eis as palavras textuais do codificador:

“Uma vez por semana, por exemplo, no domingo, pode-se a isto (à oração) consagrar um tempo mais longo, e dizer todas, quer em particular, quer em comum, se houver lugar; a isto acrescentar a leitura de algumas passagens do Evangelho segundo o Espiritismo e a de algumas boas instruções, ditadas pelos Espíritos”. (*Revista Espírita* de 1864, Edicel, p. 234.)

Barbara Ivanova, Carol Bowman e a reencarnação

A doutrina da reencarnação, que é um dos princípios fundamentais da doutrina espírita, não se fundamenta em dogma ou decisão tomada por autoridades religiosas. Trata-se de uma lei e como tal ninguém a ela poderá escapar, acredite ou não nisso.

À medida que os anos passam, fatos novos, muitas vezes ocorridos em ambientes que nada têm que ver com o Espiritismo, têm fortalecido a convicção dos espíritas e de todos os que admitem que não nos encontramos aqui na Terra pela primeira vez, mas, ao contrário, que são múltiplas nossas vivências neste plano de vida e – pode-se dizer – incontáveis.

No ano de 1990 recebemos em Londrina a visita de Barbara Ivanova, um nome então respeitado mundialmente no campo das pesquisas psicobiofísicas, que falou a um público numeroso no Cine Teatro Ouro Verde. Um dos assuntos de sua conferência foi exatamente a reencarnação. Ivanova mencionou então vários casos de crianças que se recordavam de vidas passadas, fato que sugere a existência de uma memória extracerebral, que fora até então objeto de estudo de vários

pesquisadores de renome mundial, como o indiano Banerjee e o americano Ian Stevenson.

Posteriormente à conferência, ela concedeu entrevista coletiva numa sala do Hotel Bourbon. Uma das perguntas versou novamente sobre o tema reencarnação. Alguém lhe perguntou quais eram os métodos em que ela se baseava para dizer que a reencarnação estava cientificamente comprovada. Em sua resposta, ela disse que toda a comunidade científica sabia disso, referindo-se certamente a seus colegas russos, e explicou, em seguida, que os métodos científicos adotados para comprovar a reencarnação são, entre outros, a comunicação com os Espíritos por meio da mediunidade, a regressão de memória às vidas passadas e a chamada memória extracerebral.

É bom lembrar que Barbara Ivanova nasceu em 1917 em Moscou, capital da Rússia, na mesma época em que eclodiu em seu país a revolução que conduziu Lênin ao poder e, por consequência, determinou o fechamento de todas as igrejas e a eleição do materialismo dialético como filosofia de governo. A reportagem sobre a conferência de Barbara Ivanova pode ser vista clicando neste link: <http://www.oconsolador.com.br/ano4/163/especial2.html>

Trinta e três anos depois do nascimento de Barbara Ivanova, nasceu nos Estados Unidos Carol Bowman, que levava uma vida comum, cuidando de seus dois filhos, até que algo muito estranho acontecesse.

Durante a comemoração do feriado de 4 de julho, seu filho caçula, Chase, que sofria de fobia de barulho muito alto, ficou em pânico com as explosões da queima dos fogos de artifício. Como se estivesse em transe, o menino começou a narrar sua morte violenta durante a guerra civil americana, na qual dizia ele ter sido um soldado negro. Chase contou todo o desespero da guerra com uma riqueza de detalhes de que só um historiador seria capaz. Após esse acontecimento, a fobia do menino desapareceu magicamente.

A partir desse dia, a vida de Carol Bowman mudou radicalmente. Procurando compreender o fenômeno que seu filho relatara, ela começou a pesquisar incessantemente sobre experiências semelhantes, mas não encontrou nada que a satisfizesse. Passou, então, a procurar pessoas que tivessem vivido alguma experiência similar e logo reuniu um vasto material que lhe permitiu escrever um livro sobre o tema vidas passadas. E assim o fez. Lançado nos Estados Unidos, o livro *Children's Past Lives* (Bantam, 1997), publicado no Brasil pela editora Sextante, foi editado também na Inglaterra, Austrália, Holanda, Alemanha e China.

Sendo judia, Carol Bowman disse em entrevista ao nosso confrade José Lucas, de Portugal, que não lhe foi difícil compatibilizar sua crença religiosa com a admissão da reencarnação, mesmo porque entre os judeus alguns acreditam na doutrina das vidas sucessivas, que, por sinal, é ensinada na Cabala.

Um dos casos relativamente à chamada memória extracerebral em que Carol Bowman

esteve envolvida diz respeito ao retorno à existência corpórea de um piloto de caça americano abatido por ocasião da 2ª Guerra Mundial, um caso bastante expressivo e fartamente documentado, cujo relato o leitor pode ler clicando neste link: <http://espiritismo-seculoxxi.blogspot.com.br/2012/04/o-caso-do-piloto-americano-reencarnado.html>

As tentações em uma perspectiva espírita

As tentações que acometem a criatura humana são inegáveis.

Miguel Vives dedica ao assunto todo um capítulo, o cap. IX de seu livro *O Tesouro dos Espíritos*.

A Bíblia faz referências a várias delas.

Gênesis narra no cap. 3 a tentação exercida sobre Eva, no Paraíso, de tão tristes consequências.

Lucas fala no cap. 4 do seu Evangelho acerca das tentações de Satanás sobre Jesus.

O *Eclesiástico* trata do tema tentação em diversas passagens e até nos dá uma receita para rechaçá-la.

O Cristo a ela se reporta na conhecida passagem que faz parte da oração dominical: "Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal".

Tiago menciona o assunto em sua conhecida epístola (Tiago, 1:14).

Jesus retorna ao tema quando ressalta a importância de vigilância e da oração para que não caiamos em tentação.

Emmanuel disserta sobre as tentações em dois de seus livros: *Religião dos Espíritos*, cap. 88, e *Caminho, Verdade e Vida*, cap. 129.

André Luiz focaliza o assunto em três obras que integram a Série Nosso Lar: *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 16; *Ação e Reação*, cap. 7, 14 e 18, e *Sexo e Destino*, cap. VI.

Na obra kardequiana o tema das influências espirituais é examinado em três questões sucessivas d' *O Livro dos Espíritos*:

L.E., 122:

“O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Ele não teria mais liberdade se a escolha fosse determinada por uma causa independente da sua vontade. A causa (de seguir o caminho do mal) está nas influências a que cede em virtude de sua vontade. É a grande figura da queda do homem e do pecado original; alguns cederam à tentação, outros lhe resistiram.”

L.E., 122-A:

De onde provêm as influências que se exercem sobre ele? “Dos Espíritos imperfeitos, que procuram se aproximar para dominá-lo, e que se alegram em fazê-lo sucumbir. Foi isso o que se intentou simbolizar na figura de Satanás.”

L.E., 122-B:

Essa influência não se exerce sobre o Espírito senão em sua origem? “Ela o segue na sua vida de

Espírito, até que tenha tanto império sobre si mesmo, que os maus desistam de obsidiá-lo.”

Não é, porém, apenas aí que *O Livro dos Espíritos* se reporta ao assunto. A principal obra de Allan Kardec trata do tema em outras 27 oportunidades, como se pode ver nas questões 459, 460, 461, 465, 466, 467, 468, 469, 472, 497, 498, 511, 525, 567, 644, 645, 660, 671, 720-A, 753, 845, 851, 872, 909, 971, 971-A e 972.

Como vemos, o assunto é por demais conhecido no meio espírita e a tese exposta pela Doutrina Espírita é bem clara: Como ninguém na Terra é perfeito, estamos todos sujeitos às tentações, que nos acompanham pela vida afora, consoante dito expressamente na questão 122-B d’*O Livro dos Espíritos*.

Devemos, portanto, lembrar e pôr em prática continuamente a lição ensinada por Jesus: “Vigiai e orai para não cairdes em tentação”.

Se fugirmos disso, não tenhamos dúvida, certamente cairemos de novo nas mesmas redes em que já sucumbimos no passado.

Agressão e calúnia denotam enfermo em estado grave

Conta-se que um confrade espírita, quando visitava as dependências de importante hospital psiquiátrico, foi de repente surpreendido por um dos internos que, sem motivo algum, o feriu com um soco. O diretor do estabelecimento assistiu à agressão e contou depois, em conversa com outros colegas, que o confrade não havia reagido à agressão recebida.

Fora do hospital, alguém perguntou ao amigo por que ele agira assim. Sua resposta foi sintomática: "Ora, fui agredido por uma pessoa doente, e não há razão para se revidar à agressão de uma pessoa enferma".

Realmente, o confrade agiu corretamente e mais correta ainda foi sua resposta, porque só pessoas enfermas é que caluniam, agredem, ofendem outra pessoa sem motivo. Algumas delas não se encontram internadas, mas, às vezes, vivem bem ao nosso lado e respiram o mesmo ar que respiramos.

Não revidar, não responder, não retribuir ofensa com ofensa, eis a atitude ensinada pelo Evangelho e pelos instrutores espirituais, a exemplo de Emmanuel, que dedicou ao tema uma lição que vem bem a propósito.

Retiramo-la do cap. 39 do livro *O Espírito da Verdade*, conhecida obra de autoria de Espíritos diversos por intermédio dos médiuns Waldo Vieira e Francisco Cândido Xavier.

A mensagem de Emmanuel diz o seguinte:

“Desequilíbrio que anotes é apelo da vida a que lhe prestes cooperação.

Quando as águas, em monte, investem furiosas sobre a faixa de solo que te serve de habitação, levantas o dique, capaz de governar-lhe os impulsos.

Diante do fogo que te ameaça, recorres, de pronto, aos extintores de incêndio.

Toda vez que o curto-circuito reponta na rede elétrica, desligas a tomada de força para que a energia descontrolada não opere a destruição.

Assim também, quando a prova te visite, não transfigures a língua em chicote dos semelhantes.

Se agressões verbais te espancam os ouvidos, ergue a muralha do dever fielmente executado, em que te defendas contra o assalto da injúria.

Se a calúnia te alanceia, guarda-te em paz, no refúgio de prece.

Se a dignidade ofendida, dentro de ti, surge transformada em aceso estopim para a deflagração de revolta, deixa que o silêncio te emudeça, até que a nuvem da crise te abandone a visão.

Sobretudo à frente de qualquer companheiro encolerizado, não lhe agraves a distonia.

Ninguém cura um louco, zurzindo-lhe o crânio.

Se alguém te lança em rosto o golpe da intemperança de espírito ou se te arroja a pedrada do insulto, desculpa irrestritamente, e se volta a ferir-te, é indispensável te reconheças na presença de um enfermo em estado grave, a pedir-te o amparo do entendimento e o socorro da compaixão.”

Este texto é dedicado a todas as pessoas que são vítimas de agressões e calúnias por parte daqueles que, certamente, ignoram que o mal que nos faz mal é o mal que fazemos, não o mal que nos fazem.

São duas as asas que levam à perfeição

A tese de que a experiência na carne é indispensável ao progresso das almas, ou Espíritos, está bem definida em duas conhecidas questões d' *O Livro dos Espíritos*.

Na questão 132, tratando do objetivo da encarnação dos Espíritos, os imortais foram diretos: "Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta."

Na questão 133, Kardec refere-se aos Espíritos que desde o princípio sempre seguiram o caminho do bem. Teriam eles também necessidade da encarnação? Eis a resposta, igualmente direta e objetiva: "Todos são criados simples e ignorantes

e se instruem nas lutas e tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer felizes a uns, sem fadigas e trabalhos, conseguintemente sem mérito.”

Uma questão que se impõe, em face dos ensinamentos ora transcritos, diz respeito ao modo, à forma, às condições em que a caminhada para a perfeição se realiza.

Devemos dar ênfase, nesse processo, somente às questões morais, em detrimento da busca do conhecimento? E que dizer dos que buscam o conhecimento, mas negligenciam tudo o que diz respeito à vida moral?

A resposta a semelhantes questões vamos encontrar na obra *O Consolador*, que Emmanuel redigiu em 1940, por intermédio de Chico Xavier. Perguntaram-lhe: “A alma humana poder-se-á elevar para Deus, tão somente com o progresso moral, sem os valores intelectivos?”

O então mentor espiritual do saudoso médium respondeu: “O sentimento e a sabedoria são as duas asas com que a alma se elevará para a perfeição infinita. No círculo acanhado do orbe terrestre, ambos são classificados como adiantamento moral e adiantamento intelectual, mas, como estamos examinando os valores propriamente do mundo, em particular, **devemos reconhecer que ambos são imprescindíveis ao progresso**, sendo justo, porém, considerar a superioridade do primeiro sobre o segundo, porquanto a parte intelectual sem a moral pode

oferecer numerosas perspectivas de queda, na repetição das experiências, enquanto que o avanço moral jamais será excessivo, representando o núcleo mais importante das energias evolutivas." (*O Consolador*, questão 204.) [Negritamos]

Anos depois – em 1954 – no prefácio que escreveu para o livro *Nos Domínios da Mediunidade*, de André Luiz, psicografado também por Chico Xavier, Emmanuel retomou o assunto para lembrar que o túmulo é uma porta à renovação, assim como o berço é acesso à experiência, e que nosso estágio na Terra é uma viagem com destino às estações do Progresso Maior. E advertiu: "Sem noção de responsabilidade, sem devoção à prática do bem, sem amor ao estudo e sem esforço perseverante em nosso próprio burilamento moral, é impraticável a peregrinação libertadora para os Cimos da Vida."

Eis providências que não poderiam faltar nas metas que traçamos relativamente à nossa própria existência, nem deveriam ser ignoradas por pais e mães com referência ao processo educacional de seus filhos.

A melhor de todas as religiões

Há nos meios científicos – e também em alguns círculos espiritistas – quem faça sérias restrições às religiões em geral, atribuindo a elas, direta ou indiretamente, a maior parte das mazelas que existem no mundo em que vivemos.

No cap. XX do livro *Evolução em Dois Mundos*, obra psicografada pelos médiuns Waldo Vieira e Chico Xavier, André Luiz oferece-nos algumas informações interessantes concernentes ao advento da atividade religiosa na Terra.

Segundo ele, ao ser estabelecido no seio da Humanidade o princípio de justiça e aflorando no homem a mentação incessante, começou ele a examinar em si mesmo o efeito das próprias ações, de modo a crescer, conscientemente, para sua destinação de filho de Deus, herdeiro e colaborador de sua obra.

Espicaça-se, então, a curiosidade construtiva e, faminto de elucidacões adequadas quanto ao próprio caminho, ergue o homem as antenas mentais para as estrelas, recolhendo os valores do espírito que lhe consubstanciam o patrimônio de revelacões do Céu, através dos tempos.

Era necessário satisfazer ao acrisolamento do seu veículo sutil, assegurar-lhe o transformismo anímico, revesti-lo de luminosidade e beleza, e

apurar-lhe os princípios para que, além do estreito círculo humano, pudesse retratar a glória dos planos superiores. Para isso, o pensamento reclamava orientação educativa, de modo a despojar-se da espessa sedimentação de animalidade que lhe presidia os impulsos. Exigia-se-lhe a depuração da atmosfera vital, imprescindível à assimilação da influência divina.

Foi então que surgiu na face da Terra a atividade religiosa por instituto mundial de higiene da alma, traçando ao homem diretrizes à nutrição psíquica, uma vez que, pela própria perspiração, exterioriza os produtos que elabora na usina mental, em forma de eflúvios eletromagnéticos, nos quais se lhe corporificam, em movimento, os reflexos dominantes, influenciando o ambiente e sendo por ele influenciado.

A ciência médica, rica de experimentação e de lógica, surgiria para corresponder às necessidades do corpo físico, mas a tarefa religiosa viria ao encontro das civilizações, plena de inspiração e disciplina, patrocinando a orientação do corpo espiritual, em seu necessário refinamento.

*

Os séculos se sucederam, as igrejas se multiplicaram.

As Cruzadas, a Inquisição, as caças às bruxas, as perseguições religiosas deixaram sua marca e

hoje, infelizmente, vemos que o propósito inicial, a que André Luiz se reportou, sofreu sensíveis deturpações, como mostra o depoimento seguinte dado à revista VEJA, anos atrás, pelo psicólogo americano Michael Shermer:

“As igrejas se tornaram um fator de corrupção, motivo de guerras e perseguições. Por sorte, presenciamos o declínio da crença no sobrenatural. Países do norte europeu, onde apenas um quarto da população segue alguma religião, têm índices de criminalidade, suicídio e doenças sexualmente transmissíveis inferiores aos de Estados em que a maioria dos habitantes é de crentes, como os Estados Unidos e o Brasil. Se a religião se declara um bastião da bondade, por que, historicamente, estados teocráticos são mais suscetíveis à criminalidade do que os seculares?” (VEJA, edição de 22 de agosto de 2012.)

Kardec referiu-se alguma vez a esse tema?

Sim, embora suas palavras sejam bem diferentes.

Em seu livro *O que é o Espiritismo*, Terceiro Diálogo, o codificador do Espiritismo refere-se às religiões e diz qual é, no entendimento dos Espíritos superiores, a melhor delas.

Eis o que ele escreveu:

“Em geral, os Espíritos superiores, se a isso não são solicitados por alguma consideração especial, não se preocupam com essas questões de minúcia, eles se limitam a dizer: Deus é bom e justo; não quer senão o bem; a melhor de todas as religiões

é aquela que só ensina o que é conforme à bondade e justiça de Deus; que dá de Deus a maior e a mais sublime ideia e não O rebaixa emprestando-Lhe as fraquezas e as paixões da humanidade; que torna os homens bons e virtuosos e lhes ensina a amarem-se todos como irmãos; que condena todo mal feito ao próximo; que não autoriza a injustiça sob qualquer forma ou pretexto que seja; que nada prescreve de contrário às leis imutáveis da Natureza, porque Deus não se pode contradizer; aquela cujos ministros dão o melhor exemplo de bondade, caridade e moralidade; aquela que procura melhor combater o egoísmo e lisonjear menos o orgulho e a vaidade dos homens; aquela, finalmente, em nome da qual se comete menos mal, porque uma boa religião não pode servir de pretexto a nenhum mal; ela não lhe deve deixar porta alguma aberta, nem diretamente, nem por interpretação.”

Estas palavras deveriam estar constantemente sob as nossas vistas, porque é a inobservância do que elas propõem que constitui a verdadeira causa do descrédito que se abateu sobre as religiões em geral, seja na Europa, seja no Brasil ou em qualquer parte do mundo.

Uma receita para afastar os maus Espíritos

Toda vez que alguém envolvido em um processo obsessivo busca auxílio num centro espírita, as pessoas, sobretudo seus familiares, imaginam que o resultado positivo se dará rapidamente, o que nem sempre ocorre.

Será que os bons Espíritos, os protetores espirituais chamados para o socorro, são mais fracos do que o Espírito causador da obsessão?

Não. Não é isso que ocorre. Não é o bom Espírito que é mais fraco: é a pessoa que não é bastante forte para sacudir o manto lançado sobre ela, para se livrar do constrangimento dos braços que a enlaçam e nos quais, é preciso que se diga, algumas vezes se compraz. Ora, se a pessoa prefere comprazer-se no envolvimento que a constrange, nada ou pouco poderá fazer o amigo espiritual.

Imaginemos, porém, que a pessoa tenha realmente o desejo de se desembaraçar desse jugo e mesmo assim nada consegue. Qual a explicação?

Examinando esse assunto, Kardec explica que nem sempre o desejo, em casos assim, basta, porque a tarefa da desobsessão é uma espécie de luta contra um adversário.

Se duas pessoas lutam corpo a corpo, aquela que tem músculos mais fortes derruba a outra.

Nos processos obsessivos, é necessário lutar não corpo a corpo, mas Espírito a Espírito, e é ainda aqui o mais forte que domina, sendo que nesse caso a força está na autoridade moral que se pode tomar sobre o Espírito.

Esforçar-se para ser bom, tornar-se melhor se já é bom, purificar-se de suas imperfeições, em uma palavra: elevar-se moralmente o mais possível, esse é o meio para se adquirir o poder de dominar os Espíritos inferiores e, desse modo, afastá-los.

Mas – alguns ainda perguntam – não podem os Espíritos protetores ordenar ao mau Espírito que se afaste?

Sem dúvida, podem e o fazem algumas vezes; contudo, permitindo a luta, deixam também à vítima do processo o mérito da vitória. Se deixam se debaterem pessoas merecedoras sob certos aspectos, é para provar sua perseverança e fazê-las adquirir mais força no bem, o que será, para elas, uma espécie de ginástica moral.

Muitos, sem dúvida, prefeririam uma receita prática para a expulsão dos maus Espíritos. Quem sabe... algumas frases de efeito, alguns sinais cabalísticos, que seria mais cômodo do que corrigir seus defeitos.

Não se conhece, porém, nenhum meio eficaz para vencer um inimigo senão sendo moralmente mais forte do que ele.

A generosidade é uma virtude que só merece aplausos

As pessoas que já tiveram contato com o Evangelho sabem que o mandamento maior da lei diz respeito às relações que temos com Deus nosso Pai e com o próximo, nosso irmão. Amar a Deus com todas as nossas forças e amar ao próximo como a nós mesmos, eis em que se resumem, conforme ensinou Jesus, toda a lei e os profetas.

Em face desse entendimento, ajudar as pessoas, sempre que elas disso necessitem, é não apenas um ato de caridade, mas um dever que ninguém que se declare cristão pode negligenciar.

A generosidade constitui, portanto, uma virtude que devemos aplaudir e estimular sempre, porque é a que mais se concilia com o perfil do verdadeiro cristão.

Quem já viveu ao lado de pessoas movidas pela generosidade sabe como esse sentimento é importante e faz bem a todo mundo, conquanto não seja algo verificável em determinadas famílias.

Há na literatura espírita um exemplo de generosidade que deveria servir para todos nós de modelo e estímulo. Referimo-nos ao caso de Veneranda, a benfeitora espiritual que André Luiz retrata em seus livros.

Segundo conta André, um dia a cidade de Nosso Lar amanhecera em festa. O motivo é que as Fraternidades da Luz, que regem os destinos cristãos na América, homenagearam Veneranda conferindo-lhe a medalha do Mérito de Serviço. Constituía-se Veneranda na primeira entidade de Nosso Lar a conseguir semelhante homenagem, por apresentar um milhão de horas de trabalho útil, sem interrupção, reclamação ou esmorecimento.

No dia a que nos referimos, uma comissão das Fraternidades da Luz foi a Nosso Lar levar-lhe a honrosa mercê; contudo, em meio ao júbilo geral, estando reunidos na praça maior a governadoria, os ministérios e a multidão, Veneranda apenas chorou em silêncio e, em seguida, ofereceu o troféu aos arquivos da cidade, afirmando que não o merecia e transmitindo-o à personalidade coletiva da colônia. E, apesar dos protestos do governador, desistiu de todas as homenagens festivas com que se pretendia comemorar, mais tarde, o acontecimento, sem jamais comentar a honrosa conquista.

Em uma nota relativa a esse acontecimento, André Luiz diz que Veneranda, em verdade, vivia intimamente em zonas muito superiores aos que residiam em Nosso Lar e aí permanecia, por espírito de amor e sacrifício, trabalhando – fazia mais de mil anos – por um grupo de corações bem-amados que demoravam na Terra.

Sobravam, pois, razões para que Veneranda fosse, ao lado do governador de Nosso Lar, a única entidade da colônia que já vira Jesus nas esferas

resplandecentes, um fato que ela também jamais comentava.

Sabemos, com base na doutrina espírita, que o aprimoramento espiritual da criatura humana é o resultado de três fatores bem conhecidos: bons pensamentos, bons sentimentos e bons atos, o que mostra que ser generoso e auxiliar o próximo faz bem a ambos: a quem é beneficiado e àquele que presta o benefício.

O padre François Brune e a reencarnação

Para um determinado grupo de católicos, a reencarnação não existe; trata-se de uma farsa, ideia que defendem apoiados em um texto escrito por Paulo de Tarso: “Está determinado que os homens morram uma só vez e logo em seguida o juízo.” (Hebreus 9,27.)

Argumentos como esse podem ser vistos em artigos divulgados na Web por defensores radicais das ideias católicas, cujo especial prazer é, quase sempre, denegrir os que não pensam como eles, a exemplo dos espíritas e dos protestantes.

A refutação à doutrina da reencarnação não é, contudo, compartilhada por todos os pensadores católicos. Não nos referimos aos simples frequentadores de missas, mas a seus autores e teólogos, como, por exemplo, o padre François Brune, autor do livro *Os Mortos nos Falam*, publicado no Brasil em 1991 pela Edicel.

No cap. VIII, págs. 213 a 226, do seu livro, padre Brune tece considerações em torno do assunto.

Inicialmente, ele cita o pensamento do Espírito de Pierre Monnier, astrônomo francês, que faleceu

em 1799 e foi, em vida, membro da Royal Society e também da Academia de Ciências da Prússia.

Segundo Monnier, Deus concede uma segunda oportunidade aos que se recusam a praticar o amor e permite-lhes voltar à Terra. É a reencarnação. Segundo ele, a reencarnação ocorre, às vezes, em famílias inteiras, ou quase. Pais que arrastaram seus filhos em sua infelicidade pedem para reparar a falha dando à luz, novamente, os mesmos filhos. Ela é muitas vezes aconselhada como sendo o meio mais rápido de realização da evolução espiritual, obrigatória para que se atinja a felicidade para a qual tendemos todos, e que só conheceremos na fusão com Deus.

Além de declarar-se favorável à doutrina da reencarnação, o padre Brune afirma que no tempo do Cristo a doutrina começava a nascer, porquanto, segundo Flávio Josefo, os fariseus acreditavam em suplícios eternos, destinados aos maus, e na reencarnação destinada aos bons. Além disso, mais tarde, na Cabala tal doutrina ocuparia um lugar importante.

Um depoimento que abona o pensamento expresso por Pierre Monnier nos é dado pelo poeta Silva Ramos (Espírito) no soneto intitulado "Vinculação redentora", psicografado pelo médium Chico Xavier e publicado do cap. 8 do livro *Astronautas do Além*, no qual o poeta relata a seguinte história:

O fidalgo, ao partir, diz à jovem senhora:

“Eu sou teu, tu és minha!... Espera-me, querida!...”

Longe, ergue outro lar... Vence, altera-se, olvida...

Ela afoga em suicídio a mágoa que a devora.

Falece o castelão... Vê a noiva esquecida...

Desencarnada e aflita, é uma sombra que chora...

Ele pede outro berço e quer trazê-la agora

Em braços paternais ao campo de outra vida!...

O século avançou... Ei-los de novo em cena...

Ele, o progenitor; ela, a filha pequena

A crescer retardada, abatida, insegura...

Hoje, ele, em tudo, é sempre o doce pajem dela

E a noiva de outro tempo é a filha triste e bela

Agarrando-se ao pai nos traumas da loucura.

*

O Espiritismo, como já dissemos inúmeras vezes, baseia-se em fatos, não nas Escrituras. Contudo, para as pessoas que gostam de encontrar

na Bíblia o fundamento de suas crenças, eis o que o evangelista Mateus registrou no cap. 17 de suas anotações:

“E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: Por que dizem então os escribas que é mister que Elias venha primeiro? E Jesus, respondendo, disse-lhes: Em verdade Elias virá primeiro, e restaurará todas as coisas; **mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram**, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do homem. Então entenderam os discípulos que lhes falara de João, o Batista.” (Mateus 17:10-13.) [Negritamos.]

Deus sabe esperar; não apressa a expiação

Já vimos em outro momento que as condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas consequências incluem – segundo a Doutrina Espírita – o arrependimento, a expiação e a reparação.

O arrependimento suaviza os travos da expiação e favorece a resignação, mas somente a reparação, que consiste em fazer o bem àqueles a quem se fez o mal, pode anular o efeito, destruindo-lhe a causa.

Vê-se, à vista da lição acima, que não aparece nela a palavra “prova”.

Ora, sendo a Terra um mundo de expiação e provas, que significado têm essas duas palavras?

Prova é o mesmo que teste. Havendo recebido o aprendizado na vida espiritual ou durante seu estágio na existência corpórea, o Espírito terá de provar que assimilou o que aprendeu.

Constituem provas a riqueza e a pobreza, a beleza e a fealdade, o poder e a subalternidade, a vida difícil e a vida fácil, nascer e crescer num meio pacífico ou num meio violento, viver em uma região voltada para a paz ou viver em região conflagrada pela guerra.

A prova, fácil é perceber, independe de insucessos anteriores. Obviamente, tal como ocorre nas escolas que conhecemos, se o aluno não passar na provas finais relativas ao ano 1, terá de repeti-lo, e só passará ao ano 2 quando as enfrentar e superá-las.

O saudoso escritor J. Herculano Pires escreveu certa vez que as provas não vêm em nosso caminho para nos abater ou esmagar, mas para serem superadas e assimiladas.

Expição é coisa diferente. Trata-se de uma palavra oriunda do verbo expiar, que significa remir culpa, sofrer, padecer, em consequência de um ato errado que se cometeu, seja na presente existência, seja em existências passadas.

Quem matar uma pessoa valendo-se de uma espada, desta será vítima.

A sementeira é livre, mas a colheita é compulsória.

Quem com ferro fere com ferro será ferido.

Estas são expressões fundamentadas em ensinamentos transmitidos por Jesus e que servem de exemplos de como funciona em nossa vida a conhecida lei de causa e efeito ou de ação e reação.

A Terra é, e o será por bom tempo, um mundo de provas e expiações porque os Espíritos que aqui reencarnam são muito atrasados e necessitam dessas experiências.

Sobre o tema expiação, colhemos em *O Livro dos Espíritos* três ensinamentos que nos parecem fundamentais.

O primeiro – constante da questão 262 – diz-nos que Deus sabe esperar e não apressa a expiação.

O segundo – expresso na questão 998 – ensina-nos que a expiação se cumpre durante a existência corporal mediante as provas a que o Espírito se acha submetido e, na vida espiritual, pelos sofrimentos morais, inerentes ao estado de inferioridade do Espírito. Esses sofrimentos por que passa o indivíduo no plano espiritual é que, em muitos casos, determinam o rumo que ele decide seguir na existência corpórea seguinte.

O terceiro – certamente o mais importante – explica por que na sociedade em que vivemos as classes sofredoras são mais numerosas do que as felizes.

Apresentada tal questão aos Espíritos superiores, eis o que Kardec consignou na questão 931 da obra mencionada:

“Nenhuma é perfeitamente feliz e o que julgais ser a felicidade muitas vezes oculta pungentes aflições. O sofrimento está por toda parte. Entretanto, para responder ao teu pensamento, direi que as classes a que chamas sofredoras são mais numerosas, por ser a Terra lugar de expiação. Quando a houver transformado em morada do bem e de Espíritos bons, o homem deixará de ser infeliz aí e ela lhe será o paraíso terrestre”.

O pensamento equivocado de que viemos à Terra para sofrer deve, pois, ser substituído por uma outra ordem de ideias, porque não viemos ao mundo para sofrer, nem para gozar, mas sim para vencer, superar nossas deficiências, avançar rumo à meta para a qual fomos criados.

No tratamento da obsessão, não bastam os passes

Há em alguns setores do meio espírita quem entenda que no tratamento da obsessão basta assistir a algumas palestras e receber passes ao final da reunião, ideia essa que constitui, indiscutivelmente, grave erro.

É claro que palestras e passes são providências úteis, mas não bastam por si sós; é necessário algo mais.

O assunto foi tratado com bastante clareza por Allan Kardec no capítulo 28, itens 81 e seguintes, d' *O Evangelho segundo o Espiritismo*, no qual se percebe a notória influência das experiências levadas a efeito na cidade francesa de Marmande pelo grupo dirigido pelo Sr. Dombre.

No capítulo a que nos referimos, o codificador reafirma a importância dos passes, mas acrescenta, como medidas importantes no tratamento, a doutrinação do agente causador da obsessão e a manifestação da vontade por parte do paciente, cuja decisão de se reequilibrar é fator primordial na evolução do processo desobsessivo.

Antes da publicação d' *O Evangelho segundo o Espiritismo*, em artigo publicado na Revista Espírita de 1862, Kardec referiu-se ao tema, ensinando que

no tratamento das obsessões é importante que o paciente se esforce por adquirir a maior soma possível de superioridade por meio da vontade e da aquisição de qualidades morais.

Como se sabe, em um processo obsessivo é preciso que o paciente consiga dominar-se a si mesmo e, para isso, o recurso mais eficaz é a ação da vontade, secundada pela prece.

É-lhe, ainda, necessário pedir ao anjo guardião e aos bons Espíritos que o assistam na luta, mas não basta solicitar que expulsem o mau Espírito. Lembrando a máxima "Ajuda-te, e o céu te ajudará", deve pedir-lhes, sobretudo, a força que lhe falta para vencer as más inclinações, porque são estas que atraem os maus Espíritos, como a carniça atrai as aves de rapina.

Uma outra recomendação de Allan Kardec diz respeito à oração em favor do Espírito causador da obsessão, porque, segundo o codificador, é possível, com paciência e perseverança, conduzir, na maioria dos casos, o Espírito a melhores sentimentos, transformando-o de obsessor em uma pessoa reconhecida.

De Kardec aos nossos dias, muito tempo se passou e obras inúmeras surgiram tendo por tema o tratamento da obsessão, em face do que se sabe hoje, com toda a certeza, que em um processo obsessivo ambos os litigantes – obsessor e obsidiado – estão igualmente enfermos e merecem toda a nossa atenção e o nosso carinho, para que

possam reerguer-se e dar um novo rumo à história que originou o processo.

Cuidar apenas da pessoa que sofre o jugo obsessivo é um equívoco que não podemos permitir que ocorra em uma casa espírita bem orientada.

Como devem agir os que se dizem cristãos

Algo que surpreende a todos nós no Brasil é a falta de comprometimento com a causa do Evangelho por parte de um número expressivo de pessoas que em nosso país se dizem cristãs, um contingente que perfaz cerca de 90% da população brasileira. Os números do Censo que apontam esse percentual podem ser verificados em uma reportagem publicada na revista **O Consolador**. Eis o link: <https://goo.gl/YLPQ2p>

Certamente é essa falta de comprometimento que explica o nível de violência, corrupção e decadência moral, de que a imprensa brasileira nos dá conta diariamente.

Em um país com um percentual tão elevado de pessoas supostamente cristãs, o quadro social e econômico deveria ser, necessariamente, diferente. Mas não é o que se vê, porquanto os fatos demonstram que a sociedade brasileira se encontra, em seus mais variados setores, distanciada daquilo que se pode considerar uma vivência cristã legítima.

“Meus discípulos serão conhecidos por muito se amarem”, eis uma frase de Jesus que ninguém ignora.

Chegaremos um dia a vê-la plenamente realizada?

A vivência cristã legítima, como é fácil deduzir meditando nas lições do Evangelho, implica um clima de convivência social em que a fraternidade impera e na qual todos se ajudam e se socorrem, buscando dirimir, solidariamente, suas dificuldades e problemas.

Viver a mensagem do Evangelho é conviver com o próximo, aceitando-o tal qual é, com seus defeitos e imperfeições, sem a pretensão de corrigi-lo. O cristão de verdade inspira o semelhante com bondade, para que ele mesmo desperte e mude de conduta por decisão própria, jamais por imposição de terceiros.

Isolar-se do mundo, a pretexto de crescer espiritualmente, não passa de uma experiência já tentada no passado, em que o egoísmo predomina, porque afasta a pessoa da luta que forja heróis e constrói os santos da abnegação e da caridade.

Conforme o que aprendemos na doutrina espírita, tal procedimento é um equívoco, porquanto não pode agradar a Deus uma vida em que o indivíduo, deliberadamente, decide não ser útil a ninguém. Evidentemente, não nos referimos aqui aos que se afastam do nosso meio para buscar no retiro a tranquilidade reclamada por certas ocupações, nem aos que se recolhem a determinadas instituições fechadas para se dedicarem, amorosamente, ao socorro dos desgraçados. Esses, apesar de afastados da

convivência social, prestam, indiscutivelmente, excelentes serviços à sociedade e adquirem duplo mérito porque têm a seu favor, além da renúncia às satisfações mundanas, a prática das leis do trabalho e da caridade cristã.

Segundo Joanna de Ângelis, ao descer das regiões felizes ao vale das aflições para nos ajudar, Jesus mostrou-nos como devem agir os que se dizem cristãos. Ele não convocou a si os privilegiados, mas os infelizes, os rebeldes, os rejeitados, suportando suas mazelas e amando-os.

Recordando o exemplo do Mestre, a mentora espiritual de Divaldo P. Franco nos recomenda (*Leis Morais da Vida*, cap. 31):

“Atesta a tua confiança no Senhor e a excelência da tua fé mediante a convivência com os irmãos mais inditosos que tu mesmo.

Sê-lhes a lâmpada acesa a clarificar-lhes a marcha. Nada esperes dos outros. Sê tu quem ajuda, desculpa, compreende.

Se eles te enganam ou te traem, se te censuram ou te exigem o que te não dão, ama-os mais, sofre-os mais, porquanto são mais carecentes de socorro e amor do que supões.

Se conseguires conviver pacificamente com os amigos difíceis e fazê-los companheiros, terás logrado êxito, porquanto Jesus em teu coração estará sempre refletido no trato, no intercâmbio social com os que te buscam e com os quais ascendes na direção de Deus.”

A religião e os transtornos mentais

No item VII da Conclusão d' *O Livro dos Espíritos*, obra que lançou os fundamentos da doutrina espírita, Kardec alude aos efeitos que se verificam na vida das pessoas que compreendem o Espiritismo filosófico e nele veem outra coisa que não apenas fenômenos mais ou menos curiosos.

A resignação com relação às vicissitudes da vida seria, segundo Kardec, um desses efeitos. Entenda-se, porém, que na visão espírita resignação não quer dizer passividade, mas aceitação das coisas que não podemos mudar, embora lutemos para que a mudança ocorra.

“O Espiritismo – observou Kardec – dá a ver as coisas de tão alto, que, perdendo a vida terrena três quartas partes da sua importância, o homem não se aflige tanto com as tribulações que a acompanham. Daí, mais coragem nas aflições, mais moderação nos desejos. Daí, também, o banimento da ideia de abreviar os dias da existência, por isso que a ciência espírita ensina que, pelo suicídio, sempre se perde o que se queria ganhar.”

A certeza quanto ao futuro, que poderemos realmente tornar feliz, e a possibilidade de estabelecermos relações com os entes queridos que se foram oferecem ao espírita suprema

consolação. "O horizonte se lhe dilata ao infinito, graças ao espetáculo, a que assiste incessantemente, da vida de além-túmulo, cujas misteriosas profundezas lhe é facultado sondar", acrescentou Kardec.

Outro efeito, sempre conforme as palavras de Kardec, é estimular no homem a indulgência para com os defeitos alheios, embora o princípio egoísta e tudo que dele decorre sejam o que há de mais tenaz no homem e, por conseguinte, o mais difícil de desarraigar. "Toda gente – escreveu o codificador – faz voluntariamente sacrifícios, contanto que nada custem e de nada a privem. Para a maioria dos homens, o dinheiro tem ainda irresistível atrativo e bem poucos compreendem a palavra supérfluo, quando de suas pessoas se trata. Por isso mesmo, a abnegação da personalidade constitui sinal de grandíssimo progresso."

Focalizemos agora o efeito que Kardec enumerou como sendo o primeiro e o mais geral, o qual consiste em desenvolver o sentimento religioso nas pessoas que tomam contato com a doutrina espírita, mesmo naquelas que, sem serem materialistas, olham com absoluta indiferença para as questões espirituais.

Se na época de Kardec, com o desprestígio que já afetava as religiões dominantes, seria discutível ver importância em alguém desenvolver o sentimento religioso, um efeito que o codificador expressamente destacou na obra citada, acreditamos que nos dias atuais, conquanto o

desprestígio das religiões tenha até se acentuado, tal dúvida perdeu grandemente sua força.

Dizemos isso porque estudos diversos, publicados nos últimos anos, comprovaram a importância da fé, até mesmo nas questões de saúde, porque é ela que mantém acesa a chama da esperança, tão importante na superação dos conflitos e das provações da vida.

Em favor deste pensamento, foi divulgado algum tempo atrás o resultado de um estudo feito pelo University College London e publicado no *British Journal of Psychiatry*, para o qual foram entrevistados 7.400 indivíduos, dos quais 35% seguiam alguma religião e 46% se declararam ateus e agnósticos.

Uma das conclusões do trabalho é que a falta da prática de uma religião eleva o risco de transtornos mentais e acentua a tendência de se buscar o uso de drogas.

Os autores da pesquisa, que foi coordenada pelo professor Michael King, reconhecem que são necessários outros estudos para explicar realmente a relação existente entre os não religiosos e os transtornos mentais, mas entendem que o trabalho publicado sugere uma explicação, mesmo que parcial, para o fenômeno, a saber: a falta da estrutura de uma religião formal na busca espiritual pode deixar os crentes mais vulneráveis aos problemas mentais.

A importância do Evangelho na questão da viglância

No cap. 16 do livro *Nos Domínios da Mediunidade*, o instrutor Aulus atribui à invigilância a causa principal que leva muitos médiuns a recuarem da jornada iniciada. Segundo ele, livre para decidir quanto ao próprio destino, o médium prefere, muitas vezes, estagiar com companhias indesejáveis, dando ouvidos a elementos corruptores que o visitam pelas brechas da invigilância, e, em face disso, tropeça e se estira na preguiça, na cupidez, na sexualidade delinquente ou no personalismo destruidor, com o que se torna juguete dos adversários do bem que lhe vampirizam as forças e aniquilam suas melhores possibilidades.

O fato descrito acomete, como sabemos, não somente os médiuns, mas os trabalhadores em geral, o que explica por que tantas pessoas começam e logo abandonam o trabalho que poderia ajudá-las a crescer espiritualmente.

Vigiar e orar, eis uma proposta antiga, proferida por Jesus, que a doutrina espírita acolheu e nos indica como medida valiosa para o nosso próprio futuro.

A respeito da prece, é interessante lembrar que os imortais e o próprio Allan Kardec nos

recomendam seja ela feita diariamente, de manhã e de noite, podendo também, pelo menos uma vez por semana, consagrar-se a ela um tempo maior, acrescentando-lhe a leitura de algumas passagens do Evangelho. Kardec sugeriu essa ideia em um artigo que podemos ler na pág. 234 da Revista Espírita de 1864, conforme tradução feita por Júlio Abreu Filho, publicada pela EDICEL.

A recomendação de Kardec foi, com certeza, o embrião de uma prática adotada pelos espíritistas conhecida pelo nome de Culto Evangélico no Lar ou, simplesmente, Evangelho no Lar.

As preces diárias e o Culto Evangélico no Lar feito pelo menos uma vez por semana apresentam-se como fatores importantes para que a necessária vigilância do que pensamos e do que fazemos seja observada.

Muito já se escreveu e se falou sobre os efeitos positivos que decorrem dessa prática. Antes mesmo do advento das obras de Chico Xavier, o Culto Evangélico no Lar já era bem difundido no meio espírita. Como Dr. Bezerra de Menezes disse certa vez em conhecida mensagem, nossos mortos queridos, em grande número de casos, estão invisíveis, mas não ausentes; estão desencarnados, mas não libertos. E são eles os principais beneficiários das preces que fazemos e do Culto Evangélico no Lar que realizamos na intimidade de nossa família.

Dissemos principais beneficiários, mas não os únicos, visto que os resultados da prática do

Evangelho no Lar alcançam a todos que nele vivem e, como alguns talvez ignorem, estendem-se além das paredes de nossa casa.

Joanna de Ângelis a isso se refere na mensagem intitulada "Jesus contigo", constante do cap. 59 da obra *Messe de Amor*, psicografada por Divaldo P. Franco, a saber:

"Dedica uma das sete noites da semana ao Culto Evangélico no Lar, a fim de que Jesus possa pernoitar em tua casa.

Prepara a mesa, coloca água pura, abre o Evangelho, distende a mensagem da fé, enlaça a família e ora. Jesus virá em visita.

Quando o Lar se converte em santuário, o crime se recolhe ao museu. Quando a família ora, Jesus se demora em casa. Quando os corações se unem nos liames da fé, o equilíbrio oferta bênçãos de consolo e a saúde derrama vinho de paz para todos.

Jesus no Lar é vida para o Lar.

Não aguardes que o mundo te leve a certeza do bem invariável.

Distende, da tua casa cristã, a luz do Evangelho para o mundo atormentado.

Quando uma família ora em casa, reunida nas blandícias do Evangelho, toda a rua recebe o benefício da comunhão com o Alto.

Se alguém, num edifício de apartamentos, alça aos Céus a prece da comunhão em família, todo o

edifício se beneficia, qual lâmpada ignorada, acesa na ventania.

Não te afastes da linha direcional do Evangelho entre os teus familiares. Continua orando fiel, estudando com os teus filhos – e com aqueles a quem amas – as diretrizes do Mestre e, quanto possível, debate os problemas que te afligem à luz clara da mensagem da Boa Nova e examina as dificuldades que te perturbam ante a inspiração consoladora do Cristo.

Não demandes a rua, nessa noite, senão para os inevitáveis deveres que não possas adiar.

Demora-te no Lar para que o Divino Hóspede aí também se possa demorar.

E quando as luzes se apagarem à hora do repouso, ora mais uma vez, comungando com Ele, como Ele procura fazer, a fim de que, ligado a ti, possas, em casa, uma vez por semana em sete noites, ter Jesus contigo”.

No trabalho da codificação, a teoria nasceu da observação

É sempre oportuno lembrar como a doutrina espírita foi elaborada, para que todos os que escrevem sobre Espiritismo e, sobretudo, os que mantêm intercâmbio com o plano espiritual tenham um pouco mais de cuidado com pensamentos e ideias que surgem, vez por outra, em nosso meio, em discordância com a obra que Allan Kardec nos legou.

No capítulo de abertura de seu livro *A Gênese*, Kardec reportou-se ao assunto. O que adiante o leitor verá é uma espécie de síntese do que ele próprio escreveu a propósito do trabalho que realizou em sua tarefa de codificação dos ensinamentos espíritas.

Como meio de elaboração, a ciência espírita procedeu, e assim deverá proceder sempre, de forma idêntica à adotada pelas ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos que não podem ser explicados pelas leis conhecidas se apresentam; o Espiritismo os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as consequências e busca as aplicações úteis.

Allan Kardec não estabeleceu, portanto, nenhuma teoria preconcebida e, desse modo, não

apresentou como hipóteses a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina.

Concluiu pela existência dos Espíritos quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. Não foram, pois, os fatos que vieram a posteriori confirmar a teoria: a teoria é que veio subsequentemente explicar e resumir os fatos. É, portanto, rigorosamente exato dizer que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação.

Como sabemos, as ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até certa época, porém, pensou-se que esse método só seria aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas.

Essa foi uma descoberta importante que, com certeza, evitou que a doutrina espírita se encharcasse de ideias sem nenhum apoio na experimentação.

Kardec menciona, a propósito do assunto, o seguinte exemplo.

Ocorre no mundo dos Espíritos um fato singular, de que seguramente ninguém houvera suspeitado: o de haver Espíritos que não se consideram mortos. Ora, os Espíritos superiores, que sabem perfeitamente disso, não vieram dizer antecipadamente: «Há Espíritos que julgam viver

ainda a vida terrestre, que conservam seus gostos, costumes e instintos». Em vez disso, provocaram a manifestação de Espíritos dessa categoria para que Kardec e seus companheiros espalhados pelos diversos pontos do globo os observassem.

Tendo-se visto Espíritos incertos quanto ao seu estado, ou afirmando ainda serem deste mundo, julgando-se aplicados às suas ocupações ordinárias, deduziu-se a regra.

A multiplicidade de fatos análogos demonstrou que o caso não era singular ou excepcional, que constituía uma das fases da vida espírita.

Pôde-se então estudar todas as variedades e as causas de tão singular ilusão, reconhecendo-se que esse fato é, sobretudo, próprio de Espíritos pouco adiantados moralmente e peculiar a certos gêneros de morte. Percebeu-se ainda que essa situação é sempre temporária, conquanto possa durar semanas, meses e até anos.

Foi desse modo que a teoria nasceu da observação. E o mesmo se deu com relação a todos os outros princípios da doutrina.

Esse foi, seguramente, um dos motivos pelos quais José Herculano Pires escreveu estas palavras:

“O toque é a forma mais comum de verificação da verdade. Usa-se o toque na Medicina, na Agricultura, na Joalheria — onde é tão conhecida a função da pedra de toque — e praticamente em todas as atividades humanas. Foi pelo toque dos dedos nas chagas que Tomé reconheceu a

legitimidade da aparição de Jesus ressuscitado. No Espiritismo a pedra de toque é a obra de Kardec". (Na Hora do Toque, em *A Pedra e o Joio.*)

Os outros motivos pelos quais a obra de Kardec é considerada por Herculano Pires a pedra de toque em matéria de Espiritismo, o leitor verá lendo o livro a que nos reportamos.

Depois da tempestade vem a bonança. Será?

Palavra originária do termo latino *proverbiu*, dá-se o nome de provérbio à máxima ou sentença de caráter prático e popular, comum a todo um grupo social, expressa em forma sucinta e geralmente rica em imagens. Provérbio é o mesmo que adágio, ditado, exemplo, refrão, rifão.

"Casa de ferreiro, espeto de pau", "Quanto maior a nau, maior a tormenta", "Depois da tempestade vem a bonança", eis exemplos de provérbios conhecidos e utilizados com frequência pelas pessoas que moram no Brasil.

Segundo o jornalista Ariel Palacios, o último citado – "Depois da tempestade vem a bonança" – é utilizado também em muitos países do Ocidente; contudo, na cética Rússia o ditado é grafado de forma diferente, porque os russos preferem dizer que "depois da tempestade... vem a inundação", um pensamento que, de acordo com o jornalista, seria igualmente comum ao povo argentino.

Na internet o provérbio em causa já suscitou comentários e brincadeiras interessantes.

Alguém postou esta pergunta: "Depois da tempestade vem a bonança?"

Um internauta respondeu: "É o que dizem".

Outro escreveu: “Está errado; depois da tempestade vem a enchente...”

A psicóloga Fernanda Rossi postou em seu blog, sobre o assunto, um belo texto intitulado “Depois da tempestade vem o sol”.

Eis o que ela escreveu:

“Há momentos na vida em que as situações se tornam tão complicadas, tão dolorosas, que nossa tendência é acreditar e, principalmente sentir, que nunca sairemos daquilo. Vêm a angústia, o desespero, o medo, enfim uma multidão de sentimentos, que, se não cuidamos, tomam conta de nós e trazem prejuízos ainda maiores, pois acabamos por agir por impulso.

Uma colega de profissão me disse outro dia que temos uma nuvem negra dentro de nós, que obscurece nossos pensamentos e nos leva a comportamentos dos quais depois nos arrependemos. Contudo, se na hora da dor aprendemos a não tomar decisão, a esperar a poeira a baixar, a emoção se acalmar, a chance de a ação ser assertiva é muito maior. Esperar é angustiante, mas viver as consequências pode ser ainda pior.

A Bíblia diz que o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem ao amanhecer. Entendo esta passagem como um sinal de esperança, de que não há situação que não passe. A vida sempre dá voltas, assim vale a pena esperar.” (Fernanda Rossi)

No meio espírita é conhecida a frase escrita por André Luiz, por intermédio de Chico Xavier: "Depois de um problema aguardar outros".

Aplicando-se o entendimento de André Luiz ao provérbio que ora comentamos, poderíamos certamente reescrevê-lo e dizer assim: "Depois da tempestade, aguarde outras", consentâneo com o que ocorre, em verdade, no mundo onde vivemos. Os moradores do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte e da capital paulista que residem nas regiões de alagamento certamente não de concordar conosco.

É evidente que os problemas, as vicissitudes e as dificuldades da vida não se dão por acaso. Fazem eles parte de um processo cujo final é, sim, a bonança, a felicidade, a paz. Mas, em um planeta como este em que vivemos, é pura ilusão pensar que depois da solução de determinada questão viveremos em paz e nenhuma dificuldade depararemos na vida.

Um amigo certa vez nos disse: "No fim, tudo dará certo".

Se ainda não deu certo é porque o fim não chegou, mas ele chegará um dia, tenhamos plena certeza disso.

A emancipação da alma após a morte corpórea

Toda vez que se comenta a dificuldade do desprendimento da alma de alguém que faleceu, surge na mente das pessoas a seguinte questão: - Por que o desprendimento da alma é facilitado no estado de sono, fato que ocorre todos os dias, e não o é na transição pós-morte?

A emancipação da alma por ocasião do sono corporal é, com efeito, um fato corriqueiro, mas é preciso lembrar que não passa de um desprendimento parcial, visto que a alma continua ligada ao corpo físico.

O que ocorre então é apenas uma expansão do laço perispiritual que a une ao corpo material, permitindo-lhe, assim, deslocar-se a lugares distantes do local em que o corpo permanece em repouso.

No caso da morte corpórea, mesmo antes do desligamento completo da alma – fato que o Espiritismo chama de desencarnação – pode ocorrer a emancipação parcial semelhante à do sono, o que explica os fatos de comunicação espírita por ocasião da morte, estudados por vários pesquisadores, como Ernesto Bozzano e Frederic Myers. O desprendimento completo da alma, ou seja, a desencarnação, é que requer algum tempo,

visto que no processo reencarnatório o perispírito – envoltório da alma – liga-se ao corpo molécula a molécula, o que implica deduzir que é preciso tempo para que essa ligação molecular, em decorrência da morte corpórea, se desfaça.

Conforme nos é dito na questão 155 d' *O Livro dos Espíritos*, como regra geral a separação da alma não se dá instantaneamente. Ela se liberta gradualmente e não como um pássaro cativo que, de repente, ganhasse a liberdade.

Em face disso, tudo, a princípio, é confuso nos momentos que se seguem à morte. O Espírito – nome com que nomeamos a alma revestida do seu corpo espiritual – necessita, ao desencarnar, de algum tempo para entrar no conhecimento de si mesmo. Ele se acha como que aturdido, no estado de uma pessoa que despertou de profundo sono e procura orientar-se sobre sua situação. A lucidez das ideias e a memória do passado lhe voltam aos poucos, à medida que se apaga a influência da matéria que ele acaba de deixar e se dissipa a espécie de névoa que lhe obscurece os pensamentos.

O processo de desprendimento espiritual pode ser mais ou menos demorado, conforme o temperamento, o caráter moral e as aquisições espirituais da pessoa. Não existem, pois, duas desencarnações exatamente iguais. Cada pessoa desperta ou se demora na perturbação, conforme as características próprias de sua personalidade.

Pode-se, assim, considerar a perturbação como o estado normal do Espírito nos instantes que se seguem ao transe da morte, variando tão somente sua duração, que pode ser de algumas horas ou vários dias e até semanas, de conformidade com o estado evolutivo da pessoa.

Breve no caso das almas elevadas, a perturbação pode ser longa e penosa no caso das almas culpadas. Para aqueles que já na existência corpórea se identificaram com o estado que os aguardava, menos longa ela é, porque compreendem imediatamente a posição em que se encontram.

O que é essencial no tratamento da obsessão

Veza por outra o tema obsessão volta à discussão porque, como sabemos, muitos dos que nos leem são pessoas que estão dando os primeiros passos no tocante ao conhecimento da doutrina espírita. Além disso, a obsessão continua sendo um dos motivos que mais tem levado espíritas e não espíritas a buscar ajuda nos centros e instituições espíritas.

Uma pergunta frequente diz respeito às obras em que o tema é tratado objetivamente por Allan Kardec.

Kardec examinou o tema em vários textos da Revista Espírita e nas obras *A Gênese*, *O Livro dos Médiuns* e *Obras Póstumas*, mas é no cap. 28 d' *O Evangelho segundo o Espiritismo* que o leitor encontrará informações práticas que elucidam como as obsessões devem ser tratadas.

No capítulo a que nos reportamos, o codificador do Espiritismo adverte inicialmente que a cura das obsessões graves requer paciência, perseverança e devotamento e exige tato e habilidade, porquanto é preciso, para que a tarefa tenha sucesso, que encaminhemos para o bem Espíritos muitas vezes perversos, endurecidos e astuciosos.

Lembra-nos Kardec que, seja qual for o caráter do Espírito causador da obsessão, nada se obterá pelo constrangimento ou pela ameaça, mas tão somente pelo ascendente moral daqueles que se dedicarem à tarefa. É por isso que é completamente ineficaz a prática dos exorcismos ou o uso de fórmulas, amuletos, talismãs ou qualquer objeto a isso assemelhado.

É preciso que se atue sobre o ser inteligente que provoca a obsessão, ao qual importa se fale com autoridade, que só existe onde há superioridade moral. O objetivo é convencer ou induzir o Espírito perverso a renunciar aos seus desígnios maus e fazer que nele despontem o arrependimento e o desejo do bem, por meio de instruções ministradas com habilidade, cujo objetivo é sua educação moral.

Outra observação importante feita por Kardec é que a obsessão muito prolongada pode ocasionar desordens patológicas e, por isso, requer geralmente tratamento simultâneo ou consecutivo, por meio do magnetismo e da medicina tradicional, com vistas a restabelecer a saúde da pessoa que sofre o assédio obsessivo. E mesmo quando a causa esteja afastada, resta ainda combater os efeitos.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado acha-se como que envolvido e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutarres e os repele. Importa, pois, desembaraçá-lo desse fluido, motivo pelo qual recorreremos aos

chamados passes magnéticos, cuja eficácia é bem conhecida dos que estudam a doutrina espírita.

A participação do indivíduo que sofre o processo – o chamado obsidiado – é outro ponto que Kardec destaca na obra a que nos referimos. É preciso ao obsidiado fortificar sua alma, trabalhar por seu aprimoramento moral, fazer a parte que lhe cabe, sem o que será difícil obter o resultado desejado.

A esse respeito, o codificador afirma que a tarefa desobsessiva se apresenta mais fácil quando o obsidiado, compreendendo sua situação, presta o concurso de sua vontade e de suas preces, modificando-se moralmente, adotando nova conduta e buscando aprimorar-se espiritualmente, certo de que, no tocante aos processos obsessivos, o melhor médico será sempre ele mesmo.

Onde estava Deus naqueles dias?

A pergunta que dá título a este texto nos remete à pergunta feita pelo então papa Bento XVI em Auschwitz (Polônia), por ocasião de uma visita ao antigo campo de concentração de tão funesta lembrança, em que morreram mais de um milhão de pessoas, a maioria de origem judia.

“Por que, Deus, o senhor permaneceu em silêncio? Como pôde tolerar tudo isso?”, indagou o papa, que se comportava, diante de semelhante tragédia, como se comportam geralmente as pessoas que ignoram as leis de Deus e a finalidade de nossa presença no mundo.

Teria o papa vacilado em sua fé?

A repercussão das dúvidas papais foi imediata. Na revista VEJA, em que a declaração do papa foi noticiada, três depoimentos diferentes foram reproduzidos na seção de cartas da edição seguinte.

No primeiro, disse o leitor “que o Deus que procuro não é o mesmo que ele conhece”. “O meu Deus, magnânimo e justo, fala ao homem por meio de suas leis, expressas em tudo o que Ele criou.” E acrescentou que Bento XVI parecia ignorar o que Homero intuiu há 3.000 anos: as desventuras que assolam a Humanidade são consequência dos

nossos próprios erros, das faltas e imprudências que nós mesmos cometemos.

O segundo depoimento veio de um ateu: “Deus não poderia fazer nada. Quem nunca existiu não pode em momento algum dar sua contribuição. Já o homem, sim, poderia, e muito, evitar uma das maiores barbáries de nossa história.”

O terceiro foi assinado por um religioso, que entendeu que o papa não vacilou em sua fé, mas deu, sim, uma bela manifestação de humildade e humanidade ao citar o Salmo 22:1: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” Essas palavras, aduziu o leitor, também “foram usadas por Jesus quando de seu sofrimento na cruz, ao carregar os pecados de toda a humanidade”.

Numa edição subsequente, a revista transcreveu carta enviada por Suzel Tunes, assessor de comunicação da Igreja Metodista, o qual, baseando suas ideias no pensamento do teólogo inglês John Wesley, fundador do movimento que deu origem à referida igreja, disse que cabe ao homem restaurar a harmonia divina por meio do relacionamento responsável e amoroso com a natureza e com o seu semelhante. Assim, na perspectiva wesleyana, “era o homem que estava distante de Deus em Auschwitz, e não o contrário”.

Diante de tantas e tão diferentes ideias, que podemos dizer, à luz do Espiritismo?

O mundo em que vivemos é, como sabemos, uma escola bastante acanhada, na qual a maioria

de seus habitantes é formada por Espíritos semicivilizados ou bárbaros. Pelo menos é isso que Frederico Figner revelou no livro *Voltei*, obra psicografada por Chico Xavier em 1948, pouco tempo depois do término da 2ª Guerra Mundial.

Mundo de provas e expiações, não admira, pois, que na Terra ocorram tantas tragédias e tantos sofrimentos, o que Jesus conseguiu sintetizar com impressionante clareza nos ensinamentos que se seguem:

- “Ai do mundo, por causa dos escândalos; porque é mister que venham escândalos, mas ai daquele homem por quem o escândalo vem!” (Mateus, 18:7)

- “Então Jesus disse-lhe: Mete no seu lugar a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão.” (Mateus, 26:52)

Se desejamos realmente que tenhamos um mundo melhor, comecemos desde já a fazer a parte que nos cabe.

Não se constrói uma casa a partir do telhado, nem se colhem uvas nos espinheiros.

O que aqui semearmos é isso que colheremos.

Quanto ao Pai que nos criou, ele sabe muito bem o que é melhor para nós que somos seus filhos.

Desatenção e preguiça mental: desafios da modernidade

Daniel Goleman, PhD em Psicologia por Harvard, autor do livro *Inteligência Emocional*, best-seller no mundo inteiro, lançou alguns anos depois a obra intitulada *Foco*, em que defende a importância da atenção e alerta para o desafio que consiste hoje em manter o foco nas nossas tarefas rotineiras e nos nossos projetos.

Sem academicismo e de leitura fácil, a obra baseia-se numa tríade de focos: o foco interno, o foco externo e o foco no outro, e tem como propósito ensinar como juntar os três para tirar o máximo de nossa capacidade de atenção.

"O nosso foco está continuamente lutando contra distrações, tanto internas quanto externas. A questão é: o que as nossas distrações estão nos custando?", questiona Goleman. "A atenção funciona como um músculo: pouco utilizada, ela define; bem utilizada, ela melhora e se expande."

Com a revolução dos meios de comunicação, a consolidação da internet como ferramenta, os laptops, os smartphones, os tablets e a imensa quantidade de informação que nos é oferecida diariamente, é difícil realmente a quase todas as pessoas manter o foco. "A enxurrada de dados que nos atinge leva a atalhos desleixados, como

selecionar e-mails pelo assunto, pular muitas das mensagens de voz, ler por alto mensagens e memorandos", diz Goleman. "Não é apenas que tenhamos desenvolvido hábitos de atenção que nos tornam menos eficientes, mas que o peso das mensagens nos deixa muito pouco tempo para simplesmente refletir a respeito do que elas realmente significam."

Na obra a que nos reportamos, ele afirma algo que muitos já haviam percebido: a geração que nasceu na frente do computador tem pouca capacidade de concentração e, conseqüentemente, tem dificuldade de manter o foco no que é essencial. Diante de tantas oportunidades de informação, educação e entretenimento, fica difícil pensar e refletir sobre tudo que nos chega aos olhos, o que restringe nossa visão e torna nossas mentes cada vez mais estreitas e incapazes dos saltos que só acontecem após momentos de reflexão e análise profunda.

Como exemplo dessa dificuldade, ele cita o relato feito por uma professora da oitava série que durante anos adotou o livro *Mitologia*, de Edith Hamilton. Segundo a autora, com o passar do tempo os alunos começaram a perder o interesse pela obra. "Eles dizem que a leitura é difícil demais, que as frases são complicadas demais, que é preciso muito tempo para se ler uma página", contou a educadora.

O problema, porém, não atinge apenas os mais jovens. Existe também a diminuição da atenção entre os adultos. Um professor de cinema ouvido

pelo autor disse que se viu incapaz de ler mais de duas páginas por vez da biografia do diretor francês François Truffaut, um de seus cineastas favoritos.

Goleman alia seus conhecimentos de psicólogo a suas pesquisas na área de neurociência para explicar como nosso cérebro funciona, quais são os momentos nos quais permitimos que nosso foco se disperse e como evitar isso.

É provável que o excesso de informações contribua também para a expansão da chamada preguiça mental, a que J. Herculano Pires se referiu no seu livro *Pedagogia Espírita*.

A preguiça mental, que, segundo Herculano Pires, tem prejudicado a marcha do Espiritismo na Terra, é mencionada no livro *Seareiros de Volta*, obra mediúmica em que Ignácio Bittencourt (Espírito) informa que uma pesquisa realizada por Excelsos Dirigentes do Espiritismo nos planos superiores, intrigados com as dificuldades do avanço da Doutrina em nosso plano, revelou que, entre todas as causas que dificultam a marcha da Nova Revelação no mundo, destaca-se, em posição de relevo, a preguiça mental.

A conclusão da pesquisa confere visivelmente com o que se vê no meio espírita, dominado pelo comodismo, pela busca de proveitos pessoais, pela indiferença cultural e pelo desinteresse das pessoas em aplicar-se ao estudo sério e perseverante da Doutrina, algo que é, como sabemos, profundamente lamentável.

A verdade é indispensável quando se trata de adoção

É voz corrente em nosso país que, quando o assunto é adoção de crianças, o Brasil é o campeão da informalidade.

Estima-se que metade das adoções são feitas no país sem a intermediação da Justiça, ou seja, as pessoas acolhem uma criança, geralmente quando ainda bebê, e a registram como se fosse seu filho natural. Não lhes faltam amor e carinho, mas nem sempre a verdade é revelada, porque muitos, a rigor, não têm certeza se devam fazê-lo.

Em entrevista publicada oportunamente pelo jornal *Gazeta do Povo*, de Curitiba (PR), a psicóloga e professora Lidia Natalia Dobrianskyj Weber, da Universidade Federal do Paraná, foi taxativa: "A primeira regra ética de uma família que adotou alguém é a verdade, ou seja, o filho adotivo deve saber desde o começo que foi adotado". "Não deve existir – explica a professora Lidia – um momento especial para contar, mas o assunto deve ser colocado na família e para a criança de maneira aberta, até mesmo antes de sua linguagem verbal formal."

A proposta da conhecida psicóloga coincide com o ensinamento transmitido por Emmanuel há quase cinquenta anos.

A mensagem, que se intitula "Filhos Adotivos", integra o cap. 5 do livro *Astronautas do Além*, publicado em 1974 pelo GEEM – Grupo Espírita Emmanuel S.C. Editora. Na mensagem, o então mentor espiritual de Chico Xavier afirma que existem vínculos do pretérito muito fortes entre o casal que adota e o filho adotado. A adoção dessa ou daquela criança não é, como se poderia supor, obra do acaso, e é por isso que a verdade deve desde cedo ser revelada.

Recomenda, então, o nobre instrutor espiritual:

"... se tens na Terra filhos por adoção, habitua-te a dialogar com eles, tão cedo quanto possível, para que se desenvolvam no plano físico sob o conhecimento da verdade. Auxilia-os a reconhecer, desde cedo, que são agora teus filhos do coração, buscando reajustamento afetivo no lar, a fim de que não sejam traumatizados na idade adulta por revelações à base da violência, em que frequentemente se lhes acordam no ser as labaredas da afeição possessiva de outras épocas, em forma de ciúme e revolta, inveja e desesperação". (*Astronautas do Além*, cap. 5.)

A pequenez do homem ante a grandeza da vida

Conforme sabemos, há bilhões de células em um ser humano adulto. A quantidade mencionada, cujo número exato ninguém conhece, surpreende a todos, sobretudo quando lembramos que todas elas partiram de uma única célula, a que foi formada pela fusão entre o óvulo feminino e o espermatozoide que o fecundou.

Admirável é, sem dúvida, o corpo humano! E dizer isso nada mais é que uma simples constatação, visto que as células que o formam têm, conforme o órgão a que pertencem, formas e funções diferentes. Assim é que algumas respondem pela constituição dos ossos, outras pela formação do sangue, outras pelos tecidos da pele e por aí vai.

Há pouco tempo a imprensa mundial trouxe-nos a notícia de um número ainda mais surpreendente relativamente à grandeza da obra de Deus.

Existem, segundo cálculos feitos por um grupo de cientistas australianos ligados à Escola de Astronomia e Astrofísica da Austrália, mais estrelas no Universo do que grãos de areia em todos os desertos e praias do nosso planeta, ou seja, cerca de 70 setilhões de estrelas, dez vezes o número estimado de grãos de areia existentes na Terra.

Trata-se, evidentemente, de um cálculo impreciso, pois só abrangeu as estrelas ao alcance dos equipamentos disponíveis atualmente em nosso mundo. "O número real pode ser muito maior; algumas pessoas dizem que é infinito", afirmou o cientista Simon Driver na assembleia-geral da União Astronômica Internacional, realizada em Sidney.

Segundo informação de Santo Agostinho (Espírito) em conhecida mensagem inserida no cap. III d' *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, as estrelas, a exemplo do nosso Sol, são todas acompanhadas de um grupo de planetas.

Supondo o número de seis planetas por estrela, haveria então, no Universo conhecido, 420 setilhões de mundos. Se cada um tiver um terço da população da Terra, – hoje estimada em 7,6 bilhões de habitantes, – basta multiplicar 420 setilhões por 2,5 bilhões e veremos quão insignificante é o homem, individualmente considerado, não existindo, pois, razões para a soberba e as vaidades humanas, que tanto mal têm produzido no mundo em que vivemos.

Rir faz bem à saúde?

Sim, como nossos avós já diziam, rir faz bem à saúde e, de fato, uma série de estudos e pesquisas permite hoje que afirmemos, com base na ciência, que o bom humor e o cultivo de sentimentos positivos concorrem realmente para a prevenção e o tratamento das enfermidades.

Quando rimos, rimos com o corpo todo, ensina o psiquiatra americano William Fry, da Universidade Stanford, e um dos efeitos disso é a redução da liberação dos hormônios associados ao estresse, o cortisol e a adrenalina, que, quando em excesso, enfraquecem as defesas do organismo e elevam a pressão arterial, criando o cenário ideal para o desenvolvimento de infecções e do infarto.

As pesquisas sobre os benefícios do humor para a saúde humana são muitas e variadas. O patologista Lee Berk, do Centro de Neuroimunologia da Universidade de Loma Linda (Califórnia), monitorando diariamente a pressão arterial e as taxas de adrenalina de um grupo de pacientes que haviam infartado, apurou que os pacientes que assistiam meia hora por dia a uma comédia televisiva sofreram menos episódios de arritmia, apresentaram redução da pressão arterial e tiveram de tomar menos remédios contra angina, comparativamente com um grupo de indivíduos

não submetidos à mesma terapia. A recorrência de infarto no primeiro grupo foi de apenas 8%, enquanto no outro atingiu 42%.

Estudo realizado pela Universidade da Carolina do Norte (Estados Unidos) concluiu que os indivíduos que se irritam intensamente e com frequência têm três vezes mais probabilidades de sofrer um infarto do que os indivíduos calmos.

Para Janice Williams, responsável pela pesquisa, a influência do mau humor no desencadeamento de doenças cardiovasculares é comparável à obesidade, ao tabagismo e ao sedentarismo.

Pesquisa feita com cinquenta estudantes de Direito dos Estados Unidos, conduzida por Suzanne Segerstrom, da Universidade de Kentucky, revelou que o otimismo pode fortalecer o sistema imunológico ou, pelo menos, reduzir os efeitos do estresse.

A influência do bom humor e do riso sobre o corpo humano pode, como vemos, ser mensurada e traduzida em fatos tão positivos quanto as leis físicas, porque com o riso o ritmo cardíaco se acelera e aumenta a oxigenação dos tecidos, a inalação do ar é mais profunda e a expiração mais forte, os músculos abdominais são estimulados e melhora a digestão, os vasos sanguíneos se dilatam, produzindo baixa da pressão arterial, os níveis dos hormônios do estresse se reduzem, o sistema imunológico se fortalece e, por fim, as

células de defesa do organismo aumentam em quantidade e tornam-se mais ativas.

Rir faz, como vemos, bem à saúde, mas não apenas à saúde do corpo, porque é também muito bom viver ao lado de pessoas otimistas e bem-humoradas. Vocês não acham?

O estresse ante a fé e a doutrina espírita

Das lições de Richard Rahe, psiquiatra americano e diretor do centro de estresse da Faculdade de Medicina da Universidade de Nevada, que em 1967 em parceria com Thomas Holmes elaborou o primeiro autoteste para quantificar o nível de estresse, várias conclusões podemos extrair relativamente à causa, aos efeitos e às formas de nos prepararmos para enfrentar as situações estressantes.

Segundo o dr. Rahe, o impacto dos estímulos que causam tensão na vida das pessoas agravou-se 50% desde os anos 1960, mas o estresse só existe como um fator fisiológico ou psicológico para quem se torna incapaz de lidar com os problemas que surgem naturalmente na vida. As estatísticas revelam que, infelizmente, dois terços das pessoas acabam perdendo a batalha e ficam realmente estressadas.

O estresse não é, em si mesmo, uma doença, mas pode levar a pessoa a ficar doente.

A resposta do indivíduo ao estresse se dá de duas formas: física e psicológica. Alguns ficam com dor de estômago e até úlcera; outros sentem apenas dor de cabeça. Pessoas há que se tornam excessivamente ansiosas ou caem em depressão

profunda; outras podem sofrer quadros de paranoia.

Não é possível, na sociedade em que vivemos, evitar o estresse, porque as tensões que envolvem o homem são cada vez maiores. Podemos, contudo, preparar-nos para enfrentá-lo e várias formas existem para isso. Uma das mais eficientes é manter o corpo em bom estado físico. Quem pratica exercícios físicos tende a baixar o nível de estresse porque, ao controlar a pressão sanguínea, o coração continuará funcionando em ritmo adequado. Mas só exercícios físicos não bastam.

É indispensável ter um bom preparo psicológico para enfrentar o estresse, procurando buscar novas posturas em relação aos problemas. A fé ajuda nisso. É por isso que as pessoas que têm alguma religião conseguem enfrentar melhor as pressões do dia a dia, porquanto, além da vida espiritual, elas desenvolvem trabalhos comunitários, que constituem atividades muito positivas para encarar esse mal.

Anos atrás, um famoso especialista em estresse explicou como costumava agir ante uma situação estressante de modo a manter-se calmo e não perder a batalha: "Simplesmente, ante um fato assim, pergunto a mim mesmo: - Que importância esse fato terá daqui a cinco anos?"

Nós espíritas, incorporando à experiência de vida o que temos aprendido com a doutrina espírita, poderíamos adotar, diante das tensões e vicissitudes da existência corpórea, pergunta

semelhante, embora algo modificada, dirigindo-a a nós mesmos: “Que importância esse fato terá na próxima encarnação?”

Haverá postura melhor do que essa?

Como conviver pacificamente com o avanço tecnológico de nossos dias

Segundo o Dr. Larry Rosen, psicólogo americano e professor emérito e ex-presidente do departamento de psicologia da California State University Dominguez Hills, que há mais de trinta anos pesquisa os efeitos das conquistas tecnológicas no dia a dia das pessoas, o homem moderno tem sido vítima de uma nova forma de estresse, ocasionada por nossa dependência cada vez maior da tecnologia.

Como a vida segue um ritmo muito mais rápido, por causa exatamente desses avanços, as pessoas se irritam quando, por exemplo, o equipamento de que dependem não pode ser acionado, seja o computador que emperrou, o telefone celular que está fora de área ou algo equivalente.

Mesmo a internet, que veio para facilitar a nossa vida, acaba constituindo para certas pessoas um fator adicional de estresse, porquanto – diante de um volume notável de informações que cresce continuamente – os indivíduos por vezes se perdem, como alguém que tivesse uma lista enorme de afazeres, sem saber por onde começar.

O assunto, que pode parecer uma bobagem num país com tantos problemas como o Brasil, constitui na verdade uma questão complexa que

podemos adicionar à lista dos chamados males ou dificuldades trazidos pelo progresso.

Em um livro lançado em 1997, Larry Rosen afirma que, apesar de tudo, podemos conviver pacificamente com esse avanço tecnológico vertiginoso e arrola a respeito disso uma série de sugestões. Para saber mais sobre o Dr. Larry Rosen e seus livros, clique aqui: <https://drlarryrosen.com.translate.goog/about-dr-rosen/? x tr sl=en& x tr tl=pt& x tr hl=pt-BR& x tr pto=sc& x tr sch=http>

Das recomendações do especialista americano, duas ideias curiosas e interessantes se destacam.

Para que a tensão de cada dia não se estenda à cama, é preciso procurar fazer, antes de dormir, algo capaz de acalmar a mente: ler um livro, conversar com os familiares, assistir a algum programa de TV e – o que é fundamental – anotar em um papel os compromissos do dia seguinte.

Ao deitar-se, deixar um caderno ou um bloco de anotações ao lado da cama para, se houver necessidade, escrever as coisas que vierem à memória no meio da noite, porquanto, ao tirar a ideia da cabeça, a pessoa acaba relaxando.

Ambas as proposições são conhecidas dos espíritas que participam de sessões mediúnicas. O repouso físico e mental, momentos antes da reunião, ajudam realmente no relaxamento e na concentração indispensáveis ao bom êxito de qualquer tarefa, seja uma reunião mediúnica, seja uma mera noite de sono.

O amor é o alimento principal de uma pessoa com deficiência

Há pessoas preparadas para qualquer desafio, até mesmo quando ele se manifesta na enfermidade de um filho ou na deficiência que o nosso rebento possa trazer desde o berço.

Evidentemente nem todos agem assim, havendo criaturas que não apenas lastimam ter gerado filhos com deficiência como têm vergonha de mostrá-los à sociedade.

Nancy Puhlmann di Girolamo reporta-se a isso em dois livros dedicados ao tema. Referimo-nos às obras *O Castelo das Aves Feridas* e *As Aves Feridas na Terra Voam*, que merecem ser lidos por todos nós, especialmente pelos pais de pessoas com deficiência. (*)

A vida de uma pessoa com deficiência, afirma Nancy Puhlmann, é muito mais rica do que imaginamos.

Uma revista de grande circulação nacional mostrou, anos atrás, alguns exemplos comoventes de comportamento oposto ao mencionado, em que diversos pais revelaram o carinho, a dedicação e o afeto real que nutriam por seus filhos, independentemente da condição em que vieram ao

mundo ou do grau de deficiência que apresentavam.

Allan Kardec demonstrou, ao estudar o caso do menino Charles Saint-G... (Revista Espírita de 1860, pp. 181 a 183), que tais pessoas têm consciência do seu estado e compreendem por que nasceram assim. A imperfeição dos órgãos constitui somente um obstáculo à livre manifestação de suas faculdades, mas não as aniquila, esclareceu o codificador do Espiritismo, antecipando-se ao que hoje é sabido, ou seja, que a pessoa com deficiência entende perfeitamente se é bem ou maltratada e reage à atenção e ao afeto que lhe damos.

Nancy Puhlmann menciona a respeito do assunto um caso bastante elucidativo que se passou com um menino nascido com a síndrome de Down. Num momento de desprendimento da alma – dela e do menino – em virtude do sono corporal, o juvenzinho lhe disse que sua desencarnação estava próxima, por lhe faltar o alimento indispensável à vida. Nancy imaginou que ele falasse de comida, mas não era disso que o garoto tratava. O alimento era o amor, o apoio, o incentivo, que ele percebia faltar em seu próprio lar, onde as pessoas, com pena do seu estado, intimamente rogavam a Deus lhe encurtasse os dias.

Coisa curiosa! O pequenino entendia até o que nas entrelinhas era dito em casa, o que torna claro que a pessoa com deficiência não é um ser condenado à vida vegetativa e que o amor que

dispensamos a ela é o alimento indispensável à sua vida biológica e à saúde de sua alma, como aliás se verifica com relação a todos os nossos filhos.

(*) Em uma convenção das Nações Unidas ficou definido que o termo correto para designar alguém com um ou mais tipos de deficiência (física, auditiva, visual ou intelectual) é Pessoa com Deficiência - PcD, evitando-se assim o uso do termo excepcional ou especial, comumente utilizado no Brasil décadas atrás.

Na arte, como na vida, tudo deveria ser melhor

O cinema e os programas de televisão são os geradores da violência na vida real? Ou é a vida real que inspira a violência na TV e no cinema?

A resposta é difícil e bastante complexa e, em todo o caso, apenas comprova o precário verniz da civilização humana. Quando Caim matou Abel não havia cinema nem televisão. A futilidade do primeiro homicídio, narrado no Antigo Testamento, teria sido um incentivo à criminalidade?

As observações acima foram transcritas de um artigo do conhecido escritor Carlos Heitor Cony, publicado anos atrás pela Agência Folha.

“Quem influencia quem?” – indagou então o cronista que, na sequência, observou que a realidade da aventura humana tem sido pouco recomendável, de nada adiantando, portanto, culpar as expressões ficcionais dessa realidade.

“Na arte, como na vida, tudo devia ser melhor”, propôs Cony. “E isso só será possível quando o homem for melhor.”

O cronista, embora quase sempre cético e pessimista, concluiu seu artigo emitindo um pensamento semelhante ao que Allan Kardec consignou há 160 anos no trecho que se segue:

"Se o Espiritismo deve, como foi anunciado, realizar a transformação da humanidade, só poderá fazê-lo pelo melhoramento das massas, o que só se dará gradualmente, pouco a pouco, pelo melhoramento moral dos indivíduos" (*O Livro dos Médiuns*, cap. 29, item 350). "Aí é que se acha o princípio, a verdadeira chave da felicidade do gênero humano – acrescentou Kardec, em *Obras Póstumas* – porque então os homens não mais cogitarão de se prejudicarem reciprocamente."

Em uma das passagens mais importantes de sua obra, Allan Kardec escreveu:

"De dois povos que tenham chegado ao ápice da escala social, só poderá dizer-se o mais civilizado, na verdadeira acepção do termo, aquele em que se encontre menos egoísmo, cupidez e orgulho; em que os costumes sejam mais intelectuais e morais do que materiais; em que a inteligência possa desenvolver-se com mais liberdade; em que exista mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíprocas; em que os preconceitos de casta e de nascimento sejam menos enraizados, porque esses prejuízos são incompatíveis com o verdadeiro amor do próximo; em que as leis não consagrem nenhum privilégio e sejam as mesmas para o último como para o primeiro; em que a justiça se exerça com o mínimo de parcialidade; em que o fraco sempre encontre apoio contra o forte; em que a vida do homem, suas crenças e suas opiniões sejam mais bem respeitadas; em que haja menos desgraçados; e, por fim, em que todos os homens de boa vontade

estejam sempre seguros de não lhes faltar o necessário.” (*O Livro dos Espíritos*: comentários acerca da resposta dada à questão 793. Tradução de J. Herculano Pires.)

Os nossos ancestrais e o Espiritismo

Segundo o que foi amplamente divulgado algum tempo atrás, as semelhanças entre o genoma do homem e o do chimpanzé são de 96%, fato que tem levado vários cientistas à conclusão de que o homem e o chimpanzé tiveram um ancestral comum que teria vivido na Terra há 6 milhões de anos.

Que nos diz o Espiritismo a respeito do assunto?

Ao tratar do surgimento do homem na Terra, Allan Kardec escreveu no cap. XI de sua última obra, *A Gênese*, que, em face da semelhança existente entre o corpo do homem e o do macaco, alguns fisiologistas de seu tempo concluíram que o primeiro seria apenas uma transformação do segundo.

Comentando o assunto, Kardec observou:

“Bem pode dar-se que corpos de macaco tenham servido de vestidura aos primeiros Espíritos humanos, forçosamente pouco adiantados, que viessem encarnar na Terra, sendo essa vestidura mais apropriada às suas necessidades e mais adequadas ao exercício de suas faculdades, do que o corpo de qualquer outro animal.”

E concluiu:

“Em vez de se fazer para o Espírito um invólucro especial, ele teria achado um já pronto. Vestiu-se então da pele do macaco, sem deixar de ser Espírito humano, como o homem não raro se reveste da pele de certos animais, sem deixar de ser homem.”

O codificador da doutrina espírita deixou, porém, bem claro que assim escrevia por hipótese, de modo nenhum posta como princípio, mas formulada apenas para mostrar que a origem do corpo em nada prejudica o Espírito, que é o ser principal, e que a semelhança do corpo do homem com o do macaco não implica paridade entre sua alma e a alma do macaco.

Concluindo seu comentário, Kardec disse que é provável que os primeiros homens aparecidos na Terra pouco diferissem do macaco pela forma exterior e não muito também pela inteligência. “Em nossos dias – acrescentou – ainda há selvagens que, pelo comprimento dos braços e dos pés e pela conformação da cabeça, têm tanta aparência com o macaco, que só lhes falta ser peludos, para se tornar completa a semelhança.”

Em 1938, setenta anos depois da publicação de *A Gênese*, Emmanuel trouxe informações novas ao entendimento do assunto.

Resumidamente, asseverou o então mentor espiritual de Chico Xavier em seu livro *A Caminho da Luz*, psicografado pelo citado médium, que os primeiros antepassados do homem remontam ao

período terciário, onde se encontravam, sob a orientação das esferas espirituais, algumas raças de antropoides, no Plioceno inferior.

Esses antropoides e os ascendentes dos símios tiveram sua evolução em pontos convergentes, daí os parentescos sorológicos entre o organismo do homem moderno e o do chimpanzé. Mas não houve, propriamente falando, uma "descida da árvore" no início da evolução humana. As forças espirituais que dirigem os fenômenos terrestres, sob a orientação de Jesus, estabeleceram uma linhagem definitiva para todas as espécies, dentro das quais o princípio espiritual encontraria o processo do seu acrisolamento, em marcha para a racionalidade.

Os antropoides das cavernas espalharam-se, aos grupos, pela superfície do globo, ao longo dos séculos, sofrendo as influências do meio e formando os pródromos das raças futuras. Extraordinárias experiências foram realizadas então pelos mensageiros do invisível, até fixarem no "primata" os característicos aproximados do homem futuro.

Os séculos correram, até que um dia os Espíritos operaram uma definitiva transição no corpo perispiritual preexistente dos homens primitivos, surgindo assim os primeiros selvagens de compleição melhorada, tendendo à elegância dos tempos futuros.

Estas informações trazidas por Emmanuel não fazem, evidentemente, parte do corpo doutrinário

do Espiritismo, pelo simples fato de serem revelações singulares, mas é bom considerá-las com a devida atenção, em respeito ao seu autor e à idoneidade do médium utilizado, cabendo, todavia, ao tempo – e somente ao tempo – confirmá-las ou desmenti-las.

O que é carma e, se negativo, como proceder para anulá-lo

A palavra carma [do sânscrito *karman*, ação] significa, nas filosofias da Índia, o conjunto das ações dos homens e suas consequências.

Descrito e codificado pelo gramático Panini no século V a.C., o sânscrito é uma língua indo-europeia do ramo indo-ariano na qual foram escritos os quatro Vedas, e que, entre os séculos VI a.C. e XI d.C., se tornou a língua da literatura e da ciência hindus, sendo mantida ainda hoje, por razões culturais, como língua constitucional da Índia.

Ensina nosso principal léxico que o carma se liga às diversas teorias de transmigração, e é por meio dele que se definem as noções de destino, do desejo como força geradora da vida e do encadeamento necessário, por força desses dois fatores, entre os diversos momentos da vida dos homens.

Constituindo o conjunto das ações da criatura humana, o carma de uma pessoa pode ser positivo ou negativo. Ações boas e concordantes com a lei natural geram consequências positivas. Ações más e contrárias à lei de Deus estabelecem, como é fácil de entender, carma negativo.

Há, contudo, além disso, o que alguns estudiosos chamam de carmas imaginários, que provêm de uma representação distorcida da realidade, na qual o homem amplia o próprio sofrimento por falta de sensatez e de amor a si mesmo. A prática do cilício, entre os hebreus, é um exemplo disso.

O indivíduo ingênuo acredita que amplificando seus sofrimentos logrará diminuir as consequências naturais do seu carma, na suposição de que uma maior quota de dor eliminaria uma dor futura e o faria quite com a lei, o que não passa, evidentemente, de um equívoco.

A lei de causa e efeito, ensinada por Jesus e ratificada pela Doutrina Espírita, estabelece que aquele que matar com a espada morrerá sob a espada, que a cada um será dado segundo o seu merecimento e que na vida a semeadura é livre, mas a colheita é compulsória.

Na questão n. 1.000 de *O Livro dos Espíritos* Kardec tratou do assunto quando perguntou aos instrutores espirituais se podemos desde esta vida ir resgatando nossas faltas. Eles responderam: "Sim, reparando-as".

Na sequência da resposta, disseram que não bastam, para o resgate das faltas cometidas, algumas privações pueris e mesmo dotações pós-morte que algumas pessoas costumam fazer nos seus testamentos. Deus não dá valor a um arrependimento estéril, fácil, que nada custa. É

somente por meio do bem que se pode reparar o mal.

Ao arrependimento – ensina a Doutrina Espírita – é preciso juntar a expiação e a reparação. Reunidas, são elas as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas consequências.

O arrependimento suaviza as dores da expiação e favorece a resignação – uma força ativa que o Espírito de Lázaro define como sendo o consentimento do coração. Mas somente a reparação, que consiste em fazer o bem àqueles a quem se fez o mal, pode anular o efeito, destruindo-lhe a causa.

O apóstolo Pedro ensinou-nos que a caridade cobre a multidão dos pecados (1ª Epístola de Pedro, 4:8), conhecida lição que o orador Divaldo P. Franco costuma exprimir de maneira ainda mais clara e expressiva: “O bem que fazemos anula o mal que fizemos”.

O pensamento equivocados de que viemos à Terra para sofrer deve, pois, ser substituído por uma outra ordem de ideias, ou seja, de que a vida é uma luta e que não viemos ao mundo para sofrer nem para gozar, mas sim para vencer, superar as dificuldades, fazer a parte que nos cabe na obra da Criação e, dessa forma, progredir rumo à meta para a qual Deus nos criou.

As muitas moradas da casa do Senhor

Os assuntos relacionados com as condições de vida no mundo espiritual sempre despertaram curiosidade e interesse, mesmo entre os espiritistas. E isso se justifica porque, se nem todos temos condições de visitar Paris, todos, com absoluta certeza, partiremos um dia para alguma dessas moradas, a que o próprio Jesus se referiu nestas conhecidas palavras registradas no Evangelho de João:

“Há muitas moradas na casa de meu Pai; se assim não fosse, eu já vos teria dito, porquanto eu vou para preparar o lugar para vós.” (João, 14:1-3.)

A notícia acerca da existência de cidades espirituais em torno da Crosta terrena é anterior à própria codificação do Espiritismo. O vidente sueco Swedenborg, que viveu no século XVIII, cem anos antes do advento da Doutrina Espírita, via com frequência cenas do mundo espiritual e os seres desencarnados que conhecera em vida, tendo sido o primeiro sensitivo a descrevê-las. Conforme seus relatos, as cidades espirituais têm, como as cidades terrenas, templos, casas, escolas e palácios.

Antes da publicação das obras de André Luiz, as quais se referem à existência de inúmeras colônias espirituais, muitos autores já haviam tratado do assunto, como podemos comprovar lendo *A Vida no Outro Mundo*, de Cairbar Schutel; *A Vida Além do Véu*, do reverendo G. Vale Owen; *No Limiar do Etéreo*, de J. Arthur Findlay, e *História do Espiritismo*, de Arthur Conan Doyle.

As informações mais precisas sobre o tema vieram, porém, com os livros *Nosso Lar*, de André Luiz, e *Alvorada Nova*, de Cairbar Schutel (Espírito).

A colônia espiritual Nosso Lar, situada nas proximidades do Rio de Janeiro, é bem conhecida dos espíritas brasileiros. Fundada por portugueses desencarnados no Brasil no século XVI, sua edificação exigiu enorme e exaustiva luta e, segundo André Luiz, os trabalhos iniciais para sua construção foram desanimadores, ainda mesmo para os Espíritos mais fortes. Onde hoje se congregam vibrações delicadas e nobres, edifícios de fino labor, misturavam-se as notas primitivas dos silvícolas do país e as construções infantis de suas mentes rudimentares.

Reza a história que os fundadores de Nosso Lar iniciaram seus esforços a partir da praça onde se localiza atualmente o palácio da Governadoria, um edifício encabeçado de torres soberanas que se perdem no céu, o qual serve de ponto de convergência dos seis ministérios. [As melhores cenas do filme "Nosso Lar", que mostram diferentes pontos da cidade espiritual, podem ser vistas neste

vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=ZY2h16NbL2M>]

Vizinha da colônia Nosso Lar, Alvorada Nova foi fundada muito antes e teria sido ela a inspiradora da criação dos ministérios em Nosso Lar. Situada, como a colônia Nosso Lar, em região umbralina, Alvorada Nova localiza-se no mesmo grau de inclinação da cidade de Santos. Segundo o livro *Alvorada Nova*, que a descreve, é ela uma das mais antigas cidades espirituais existentes no mundo, visto que antes mesmo do descobrimento do Brasil seus primeiros alicerces já haviam sido fixados.

A ambição, a ganância e as crises econômicas

Há uma diferença nítida no significado dos vocábulos ambição e ganância. O dicionário *Aurélio* define do seguinte modo as palavras citadas:

Ambição: Desejo veemente de alcançar aquilo que valoriza os bens materiais ou o amor-próprio (poder, glória, riqueza, posição social, etc.). Desejo ardente de alcançar um objetivo de ordem superior; aspiração, anelo. Aspiração relativamente ao futuro. Desejo intenso.

Ganância: Ambição de ganho. Ganho ilícito; usura. P. ext. Ambição desmedida.

O assunto foi bastante comentado quando da última grande crise econômica que abalou a sociedade terrena em 2008 e espalhou no Ocidente o temor de uma recessão generalizada que, como sabemos, sempre acaba, em última análise, afetando as pessoas mais pobres.

Vários analistas daqui e do exterior associaram a origem da crise à ganância de executivos dos grandes bancos e das pessoas em geral que viram na especulação a possibilidade de se enriquecerem. A ganância estimulou investimentos

sem as garantias devidas, o que levou à insolvência ou a perdas gigantescas bancos e empresas nos vários continentes da Terra.

Na análise dos especialistas procurou-se, corretamente, distinguir ganância de ambição.

Ora, a aspiração de uma vida melhor, a busca do bem-estar, o desejo de progredir nada têm de mau. A Doutrina Espírita, por exemplo, considera-o normal, algo inerente ao ser humano e que acarreta, por consequência, o progresso material da sociedade. A ambição é, na opinião de vários economistas, o motor que move a sociedade capitalista e, nesse sentido, nenhum reparo se pode fazer a ela, lembrando apenas que o homem não é, em verdade, proprietário de nada, mas tão somente usufrutuário de bens que um dia terá de restituir, quando do seu retorno à verdadeira vida, ocasião em que carregará consigo apenas a inteligência, o conhecimento adquirido, as virtudes conquistadas e nada mais.

Diferente dela é a ganância, cuja melhor definição, à vista da lição contida no Aurélio, é mesmo ambição desmedida, ou seja, ambição sem limite, ambição que não hesita em usar todo e qualquer meio para se obter uma vantagem.

Não foi, pois, sem razão que a Igreja listou a cupidez – ganância, ambição desmedida por riquezas – como um dos sete pecados capitais.

Quando o homem entender o significado da vida e o objetivo real de nossa passagem pela

experiência corpórea, é evidente que situações como essa não mais existirão.

Claro que estamos distantes disso, dada a inferioridade geral que caracteriza o planeta. Mas, com certeza, esse dia chegará e as pessoas compreenderão, então, que a busca do bem-estar deve ser algo natural que não prejudique a ninguém e seja a consequência direta do nosso trabalho.

Amar a Deus e ao próximo é o nosso principal dever

No estudo que fez, no capítulo I do livro *A Gênese*, sobre as três grandes revelações da Lei de Deus, Kardec foi por demais claro.

Recordemos o que o codificador do Espiritismo ali escreveu.

A Moisés devemos – diz Kardec – três grandes realizações: a revelação da existência de um Deus único, Soberano Senhor e Orientador de todas as coisas; a promulgação da lei do Sinai, ou Decálogo, e o lançamento das bases da verdadeira fé.

O Cristo, lembra o codificador, tomando da antiga lei o que é eterno e divino e rejeitando o que era transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou-lhe a revelação da vida futura e dissertou sobre as penas e recompensas que aguardam o homem depois da morte, um tema que não havia sido tratado na doutrina mosaica.

Evidentemente, dada a condição de inferioridade intelecto-moral que caracterizava os homens de sua época, o Cristo não pôde avançar sobre outros temas, razão pela qual disse estas palavras registradas no Evangelho de João:

«Muitas das coisas que vos digo ainda não as compreendeis e muitas outras teria a dizer, que não compreenderíeis; por isso é que vos falo por parábolas; mais tarde, porém, enviar-vos-ei o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e vo-las explicará todas.» (Evangelho de João, 16:12-14.)

Surgiu então, 18 séculos depois, o Espiritismo que, partindo das próprias palavras do Cristo, como este partiu das de Moisés, é – conforme palavras textuais de Kardec – “consequência direta da sua doutrina”.

O laço que liga as três revelações não poderia ser exposto com maior clareza.

A Doutrina Espírita, cujo advento ocorreu numa época bem mais favorável à disseminação do conhecimento, acrescentou às revelações anteriores informações importantes, como a confirmação da existência do mundo invisível que nos rodeia, a definição dos laços que unem a alma ao corpo e, por consequência, a dissipação do véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte.

Com as luzes trazidas pelo Espiritismo, o homem sabe donde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente, e vê por toda parte a justiça de Deus, ciente de que, conforme Jesus ensinou, amar a Deus e ao próximo constitui o principal dever de todos nós.

A felicidade no mundo em que vivemos

A questão da felicidade, que é, sem contestação, a grande aspiração da imensa maioria das pessoas, é tratada em vários textos das obras espíritas, sobretudo nas de autoria do codificador do Espiritismo.

É possível ser feliz no mundo em que vivemos?

O assunto é focalizado nas questões 920 a 922 d' *O Livro dos Espíritos*, nas quais encontramos as seguintes informações:

I - O homem não pode gozar de completa felicidade na Terra, porque a vida aqui geralmente lhe é dada como prova ou expiação, mas depende apenas dele a suavização de seus males e poder ser tão feliz quanto possível na Terra.

II - O ser humano é quase sempre o obreiro de sua própria infelicidade; contudo, praticando a lei de Deus, a muitos males pode ferrar-se e proporcionar a si mesmo uma felicidade tão grande quanto o comporte sua existência neste globo.

III - A felicidade terrestre é relativa à posição de cada um. O que basta para a felicidade de um indivíduo constitui, muitas vezes, a desgraça de outro. Há, porém, um padrão de felicidade comum a todos os homens – com relação à vida material,

a posse do necessário; com relação à vida moral, a consciência tranquila e a fé no futuro.

Tem-se como certo, à vista dos ensinamentos espíritas, que nossa felicidade porvindoura será o resultado direto de nossas realizações e atitudes do presente. Não é difícil compreender semelhante ideia. "A cada um segundo suas obras", ensinava Jesus, que também nos disse que aquele que matar com a espada desta será vítima.

O destino será, assim, à vista disso, definido pela própria pessoa, que colherá nas experiências reencarnatórias futuras exatamente o fruto de sua semeadura.

O entendimento acerca deste tema é importante porque pode influir diretamente na conduta dos indivíduos.

Vejamos dois exemplos.

Aos que acham que a felicidade está na posse de um corpo belo sugerimos que vejam como estão nossos amigos que já dobraram o cabo da esperança, muitas vezes envoltos em doenças e limitações orgânicas a anunciar que o fim da existência está próximo.

Aos que entendem que a felicidade se encontra na posse de dinheiro farto, propomos que visitem nossos irmãos abastados que, no final da existência, tudo dariam para readquirir a saúde e poderem desfrutar o que um dia imaginaram fosse a felicidade sonhada pelos homens.

Podemos dizer, então, que a felicidade na Terra é, sim, possível, mas ela não será encontrada nas coisas, nos objetos, naquilo que o homem pode ter ou comprar.

A felicidade será encontrada, seja aqui, seja no mundo espiritual, naquilo que o homem pode ser, e não apenas ter, visto que a pessoa boa, serena, pacífica, de consciência tranquila e fé no futuro será feliz onde quer que esteja, enquanto o indivíduo mau, perturbado, intranquilo e violento será infeliz mesmo que sua casa seja a mansão mais bela e cobiçada.

Se recorrermos à memória, lembraremos que o papa João Paulo II disse certa vez, em plena Praça São Pedro, exatamente isso, ou seja, que o inferno, tal como o paraíso, não é um lugar físico, mas um estado d'alma.

A quem o ensino espírita se dirige?

Há muitas pessoas, mesmo em nosso meio, que não entenderam ainda o que Allan Kardec disse quando, em resposta a um leitor de Bordeaux, explicou que o Espiritismo não se dirige àqueles que têm uma fé religiosa qualquer, com o fito de os desviar, mas sim à numerosa categoria dos incertos e dos incrédulos (Revista Espírita de 1863, pp. 17 a 20).

O ímpeto proselitista revela-se, às vezes, em ações aparentemente inocentes, mas que ferem profundamente o que o codificador nos ensinou.

Já vimos em determinada instituição alguém defendendo o acesso à sopa – dada aos socialmente carentes – apenas se, antes disso, a pessoa ouvisse a palestra espírita ou recebesse o passe magnético, violentando assim as convicções que tais pessoas têm, visto que o fato de necessitarem do auxílio material não significa que sejam indiferentes a essa ou àquela religião.

Convidá-las à palestra e oferecer-lhes o recurso do passe magnético, eis atitudes que não ofendem a ninguém, mas subordinar a ajuda à aceitação de tais convites é algo que não pode ser aprovado pelos que estudaram e assimilaram a proposta espírita.

Há, ainda, em nosso meio, os chamados espíritas exaltados, a que Kardec se refere no item 28 d' *O Livro dos Médiuns*. Crédulos por natureza, aceitam facilmente e sem reflexão tudo o que provém do plano espiritual. Exagerados em sua crença, revelam uma confiança cega e à vezes pueril nas coisas do mundo invisível. São eles, portanto, os menos indicados para convencer, o que não impede que queiram, a cada momento, exercitar seu ímpeto proselitista e converter todo mundo.

O tema tem, também, repercussão bem grande na forma como se realiza a divulgação da Doutrina, seja na tribuna, seja pela imprensa.

Nos setores mais avançados da comunicação social espírita entende-se que o discurso espírita deve ser doutrinário, mas jamais doutrinante. A linguagem doutrinante, impositiva e às vezes intolerante, própria de certos meios religiosos, não se coaduna com a metodologia espírita.

Se vamos tratar, digamos, de um vício qualquer, como por exemplo o alcoolismo, procuremos expor seus malefícios evidentes à saúde, à família e à sociedade, mas evitemos condenar, maldizer, demonizar os que ainda bebem.

Os indivíduos devem ser sempre respeitados, não apenas no tocante ao que fazem, mas também naquilo em que acreditam, nas crenças a que se afervoram.

É preciso, pois, conscientizar-nos de que o Espiritismo não surgiu no mundo para tirar adeptos de nenhuma denominação religiosa, mas veio, sim, para os que duvidam e para aqueles que, adotando alguma religião, nela não se encontram satisfeitos.

A divulgação que fazemos da Doutrina Espírita pela rede mundial de computadores é aberta e dirigida a todo mundo, mas sabemos que só vão acessar os sites espíritas os que decidirem fazê-lo, sem que ninguém os obrigue, movidos unicamente pelo desejo de conhecer algo que consiga responder às muitas inquietações que podem existir no mundo íntimo dessa ou daquela pessoa.

Há remédio para insensatez?

Quem tem o hábito de navegar pela internet certamente se lembra de um texto que, anos atrás, circulou pela Web com o título “Amostras da insensatez”, que mostrou a todos nós, com exemplos diversos, como a invigilância e a ausência de bom senso têm dado azo a bobagens divulgadas no Brasil em nome do Espiritismo.

Previsões e revelações bombásticas, dietas para emagrecer, casamento em centro espírita, reencarnação no mundo espiritual, vacina espiritual contra a gripe suína, registro de uma nova pomada – Pomada Esperança – recomendada por seu autor para o tratamento de matéria fluídica infecciosa acumulada por elementos vivos de magia, e por aí vai.

Existe remédio para isso?

Remédio, para ser sincero, não sabemos se existe, mas há medidas preventivas que poderiam pelo menos evitar que esse mal se alastre.

A principal delas é não permitir que o Espiritismo perca seu caráter de ciência.

Cabe-nos, a propósito, lembrar aqui o que Herculano Pires escreveu acerca do chamado método kardequiano, que permitiu surgisse no mundo a codificação da doutrina espírita, que o

avanco dos anos cada vez mais confirma e reafirma, sem nela produzir o mais leve arranhão.

Herculano sintetizou em 4 pontos o método adotado por Kardec:

1º - Escolha de colaboradores mediúnicos insuspeitos, do ponto de vista moral, da pureza das faculdades e da assistência espiritual.

Allan Kardec submetia as respostas anteriormente obtidas ao crivo de outros Espíritos, por meio de médiuns diferentes. É devido a isso que ele trabalhou com inúmeros médiuns – Caroline e Julie Baudin, Japhet, Aline, Ermance Dufaux, sra. Schmidt, sr. Crozet, dentre muitos outros –, não se fiando apenas nesse ou naquele medianeiro para firmar suas conclusões.

2º - Análise rigorosa das comunicações e seu confronto com as verdades científicas demonstradas, pondo-se de lado tudo aquilo que não pudesse ser logicamente justificado.

Kardec escreveu em *O Livro dos Médiuns* (cap. 24, item 266) que "não existe uma comunicação má que possa resistir a uma crítica rigorosa". E na mesma obra consignou a conhecida orientação de Erasto: "Mais vale repelir dez verdades do que admitir uma única mentira, uma única teoria falsa" (LM, cap. 20, item 230).

3º - Controle dos Espíritos comunicantes, em face da coerência de suas comunicações e do teor de sua linguagem.

4º - Consenso universal, isto é, concordância entre as várias comunicações recebidas por médiuns diferentes, ao mesmo tempo e em diversos lugares, sobre o mesmo assunto.

A Revista Espírita, que Kardec redigiu e publicou de janeiro de 1858 a março de 1869, foi fundamental para isso. *O Livro dos Espíritos* surgiu inicialmente em 18/4/1857 com 501 questões. Na segunda edição, ocorrida em março de 1860, já eram 1.019 questões. É que, graças à Revista, Kardec constituiu-se num centro que recebia mensagens e comunicações de todos os cantos, inclusive do Brasil.

Com efeito, ele escreveria em 1864, no item II da Introdução d'*O Evangelho segundo o Espiritismo*:

"A única garantia séria do ensinamento dos Espíritos está na concordância que existe entre as revelações feitas espontaneamente, por intermédio de um grande número de médiuns, estranhos uns aos outros, e em diversos lugares."

*

Trazemos à lembrança as informações acima para dizer aos nossos colegas espíritas e também aos nossos leitores quão importante seria para o movimento espírita a observância do método kardequiano em nossas atividades, porque

somente isso poderá evitar que novos exemplos de insensatez surjam em nosso meio.

O princípio da verificação da universalidade do ensino, por exemplo, deveria nortear os passos de todos nós que usamos a tribuna ou escrevemos para revistas e jornais. Se isso fosse seguido, toda teoria nova e assim os modismos ficariam esperando o momento certo para serem tratados ou descartados.

E seria ótimo se o mesmo cuidado tivéssemos com os livros de determinados médiuns que disseminam em nosso meio informações estranhas e duvidosas, que seguramente seriam evitadas caso o método kardequiano fosse levado realmente a sério pelos espíritistas daqui e de fora.

Como nós vemos a prece e sua importância

O tema prece foi examinado na obra de Allan Kardec em diversas oportunidades.

De forma sintética, lembremos inicialmente o que nos é dito nas questões 658 a 666 d' *O Livro dos Espíritos*:

1) A prece é sempre agradável a Deus, quando ditada pelo coração. É preferível ao Senhor a prece vinda do íntimo à oração lida, por mais bela que seja, se for lida mais com os lábios do que com o coração.

2) A prece é um ato de adoração, com o qual podemos propor três coisas: louvar, pedir, agradecer.

3) A prece torna melhor o homem, porque aquele que ora com fervor e confiança se faz mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para assisti-lo.

4) Não é essencial orar muito, mas orar bem. Há pessoas que supõem que todo o mérito está na longura da prece e fecham os olhos para os seus próprios defeitos. Essas criaturas fazem da prece uma ocupação, um emprego do tempo, nunca um estudo de si mesmas.

5) Podemos pedir a Deus que nos perdoe as faltas, mas só obteremos o perdão mudando de proceder, porque as boas ações são a melhor prece e os atos valem mais que as palavras.

6) As provas por que passamos estão nas mãos de Deus e há algumas que têm de ser suportadas até o fim; mas Deus leva sempre em conta a resignação. A prece traz para junto de nós os bons Espíritos, que nos dão a força de suportá-las corajosamente.

7) A prece nunca é inútil, quando bem feita, porque fortalece aquele que ora.

8) A prece não tem por efeito mudar os desígnios de Deus, mas a alma por quem oramos experimenta alívio e sente sempre um refrigério quando encontra pessoas caridosas que se compadecem de suas dores.

9) Pode-se orar pelos Espíritos e aos bons Espíritos, porque estes são os mensageiros de Deus e os executores de sua vontade. O poder deles está, porém, relacionado com a superioridade que tenham alcançado e dimana sempre do Senhor, sem cuja permissão nada se faz.

Sobre a importância da fé ardente e seus efeitos, nunca será demais recordarmos um episódio ocorrido por ocasião da 2ª Guerra Mundial, a que André Luiz se reporta no cap. 18 do livro *Os Mensageiros*. O fato, segundo relatado por Alfredo, um dos Espíritos personagens do livro, ocorreu na cidade inglesa de Bristol.

Em determinada noite, Bristol estava sendo sobrevoada por alguns aviões pesados de bombardeio e as perspectivas de destruição eram assustadoras.

Para dificultar o trabalho dos agressores, a cidade havia sido imersa em total escuridão. Visto de muito longe, destacava-se, porém, à visão espiritual, um farol de intensa luz. Seus raios faiscavam no firmamento, enquanto as bombas eram arremessadas ao solo. Alfredo e seus companheiros desceram ao ponto luminoso e verificaram, então, com surpresa, que ele se encontrava numa igreja, cujo recinto devia ser quase sombrio para o olhar humano, mas altamente luminoso para os olhos espirituais. Alguns cristãos corajosos reuniam-se ali e cantavam hinos.

O ministrante do culto havia lido a passagem dos Atos em que Paulo e Silas cantavam à meia-noite na prisão, e as vozes cristalinas elevavam-se ao Céu, em notas de fervorosa confiança.

Enquanto as bombas explodiam lá fora, os cristãos cantavam, unidos, em celestial vibração de fé viva. O chefe da equipe espiritual mandou, então, que Alfredo e seus companheiros se conservassem de pé, diante daquelas almas heroicas, em sinal de respeito e reconhecimento, afirmando "que os políticos construiriam os abrigos antiaéreos, mas os cristãos edificariam na Terra os abrigos antitrevosos". (*Os Mensageiros*, cap. 18, pp. 101 e 102.)

Lembremos, por fim, que Kardec dedicou ao tema prece os capítulos 27 e 28 de seu livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*, que é certamente a obra espírita mais lida e conhecida no mundo.

De mil passará, mas a 2000 não chegará

Como alguns talvez se lembrem, a ideia relativa ao chamado final dos tempos assustou muita gente às vésperas do ano 2000, tal como teria acontecido, segundo alguns historiadores, por ocasião do ano 1000, fato que deu origem a uma conhecida frase: “De mil passará, mas a 2000 não chegará”.

Naquela oportunidade – mais de mil anos atrás – o resultado da crença no fim do mundo foi um desastre. Ninguém mais quis trabalhar nem estudar; não se começava nenhuma obra nova; as classes abastadas cuidavam de aproveitar a vida, de gozar o mais possível, já que em pouco tempo nada mais existiria...

Chegou, porém, o ano 1000 e nada aconteceu. O Sol continuou a brilhar todos os dias, as estações chegaram a seu tempo e o desapontamento de alguns, ao lado da alegria da maioria, foi marcante. Os indivíduos interessados na perpetuação da crença no fim do mundo arranjaram logo uma desculpa: houvera erro de contagem e o fim do mundo seria no ano seguinte. Passou-se mais esse ano e nada sucedeu. Apareceram então outras pessoas, iludidas ou interesseiras, que declararam que a data de mil anos deveria ser contada a partir

da morte de Jesus e não do seu nascimento – e todo mundo teve de esperar mais 33 anos. O tempo correu, vieram os 33 anos de espera, e nada! A Terra continuava a girar como sempre, viva como nunca, apesar das explicações dos sábios da teologia. A profecia do Milênio acabou, por fim, desacreditada, desmoralizada mesmo, e os homens voltaram ao ritmo natural da vida.

Não existe em nenhum lugar dos chamados livros sagrados qualquer alusão à data de extinção de nosso mundo. Tudo o que se fala por aí, em nome das diversas religiões, é mais ou menos a repetição da profecia a que aludimos. Como o mundo não se findou no ano 1000, quem sabe não se findaria no ano 2000? Mas o que existe sobre o assunto não passa de hipótese sem fundamento algum.

Com efeito, conforme o evangelista Marcos, Jesus afirmara, a respeito desse dia ou dessa hora, que “ninguém sabe quando há de ser, nem os anjos do céu, nem o filho, mas só o Pai” (Marcos, 13:32). Assim, caso vá ocorrer um dia a extinção deste planeta, só Deus sabe se isso se dará e quando.

Existe, ademais, outro aspecto a considerar no tocante ao chamado final dos tempos. Segundo as anotações de Mateus, após a descrição das dores, das tristezas e do quadro de desolação geral que se abaterá sobre o planeta, Jesus declarou: “Levantar-se-ão muitos falsos profetas que seduzirão a muitas pessoas; e porque abundará a iniquidade, a caridade de muitos esfriará; mas aquele que perseverar até o fim será salvo. E este

Evangelho do reino será pregado em toda a Terra, para servir de testemunho a todas as nações. É então que o fim chegará” (Mateus, 24:11-14).

Tais palavras significam que o fim do mundo virá quando o Evangelho for pregado em toda a parte. Ora, não tem lógica supor que Deus destruirá a Terra justamente quando ela estiver ingressando no caminho de sua restauração moral pela prática dos ensinamentos evangélicos. E mais: nada há nas palavras do Cristo que indique ou sugira a destruição física do planeta, fato que, em tais condições, não se justificaria.

Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, dá à profecia um outro sentido, acorde com os ensinamentos dos Espíritos superiores acerca da Terra e da vida em outros planetas.

Com efeito, a Terra ainda é um planeta moralmente bem atrasado, um mundo de provas e expiações, em que o mal predomina. Abaixo dela, em termos evolutivos, somente os mundos primitivos; acima dela, três categorias de planetas: mundos de regeneração, mundos felizes e mundos celestes.

Nosso planeta tem, portanto, um largo destino à sua frente, e a mudança que nele se espera é sua elevação à condição de mundo regenerador, em que as pessoas autorizadas a nele nascer trarão consigo o ideal cristão e a predisposição para fazer com que o Evangelho do reino seja conhecido e efetivamente praticado.

É, pois, o fim do mundo velho, do mundo governado pelos preconceitos, pelo orgulho, pelo egoísmo, pelo fanatismo, pela cupidez, por todas as paixões pecaminosas, a que o Cristo aludiu ao dizer: "Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que virá o fim".

Das crises que enfrentamos, qual a mais séria?

A palavra crise tanto pode designar uma conjuntura ou momento perigoso, difícil ou decisivo, como a falta de alguma coisa considerada importante – por exemplo, crise de emprego, crise de responsabilidade, crise de valores.

O Brasil, e não apenas nosso país, depara-se com vários tipos de crise. O altíssimo índice do desemprego é uma delas e, certamente, uma das mais sérias. Outra é a chamada crise moral, cuja solução – dada a sua abrangência – não é nada fácil.

Não é fácil porque a crise de valores morais extrapola as fronteiras do país, não importa que o lugar seja um país do Primeiro Mundo ou do Terceiro, pois o homem é sempre o mesmo, onde quer que viva, fato que não causa surpresa alguma aos espiritistas, que sabem que os traços fisionômicos, a bolsa recheada ou a cor da pele nada têm a ver com a condição evolutiva do Espírito reencarnado.

Planeta de provas e expiações, é natural que na Terra reencarnem indivíduos moralmente complicados e endividados. Nossos erros e vacilações do passado têm sido numerosos, o que faz com que, ao lado de pessoas honestas e

sinceras, se encontrem no mundo indivíduos desonestos e venais.

Entendemos, no entanto, que já passou a hora da mudança e que não é possível que em pleno Terceiro Milênio, dois mil anos depois do advento do Cristo, até para ingressar numa faculdade as pessoas se valham de métodos que há muito deveriam ter sido extirpados da sociedade em que vivemos.

Não podemos, todavia, ter ilusões quanto a isso, porque a crise de valores, diferentemente da crise econômica, demanda tempo e boa vontade para ser superada, pois ela diz respeito à própria concepção que temos da vida. Se essa concepção é de fundo materialista, nada mais natural que as coisas continuem como são. Outro, no entanto, deveria ser o comportamento dos que se dizem adeptos do Cristianismo.

De que vale ao homem ganhar o mundo e perder a si mesmo? – perguntou Jesus há mais de dois mil anos, mostrando-nos que a ética cristã não se concilia com a fraude, a corrupção, os desmandos e a má administração dos recursos públicos.

As religiões bem que poderiam abrir os olhos aos que nisso se comprazem, mostrando-lhes que eles se enganam e que seu sucesso será, diferentemente do que imaginam, vão, enganoso e muito curto. Afinal, que representa uma existência de 90 anos comparada à vida imortal de um Espírito?

Certamente, isso não será suficiente para pôr fim a esse estado de coisas que se arrasta e se avoluma. Mas constituirá um bom começo, a que os espiritistas não podem faltar, confiantes no reconhecido poder moralizador do Consolador prometido por Jesus e na clareza de sua mensagem.

Podemos e devemos doar nossos órgãos

De vez em quando, aparecem nas telas da TV depoimentos de artistas e outras pessoas conhecidas do grande público conclamando o povo a nutrir simpatia pelo ato de doação dos órgãos de seus entes queridos. Tais campanhas são, com efeito, necessárias e bastante úteis, visto que se contam aos milhares os que aguardam a oportunidade de receber um transplante, algo que nada custa à família daquele que deixa este plano em seu retorno ao mundo espiritual.

No meio espírita muitos conhecem a resposta que Chico Xavier deu certa vez a alguém que lhe havia perguntado se os Espíritos consideravam os transplantes uma prática contrária à lei natural. “Não”, disse o saudoso médium. “Eles (os Espíritos) dizem que, assim como nós aproveitamos uma peça de roupa que não tem utilidade para determinado amigo, e esse amigo, considerando a nossa penúria material, nos cede essa peça de roupa, é muito natural, ao nos desvencilharmos do corpo físico, que venhamos a doar os órgãos prestantes a companheiros necessitados deles, que possam utilizá-los com segurança e proveito.”

É bom lembrar que, no início, a questão dos transplantes não foi bem assimilada pelos espiritistas em geral. Como Allan Kardec não tratara do assunto em suas obras, as divergências a respeito não foram poucas, e é nisso que avulta a importância do que Chico Xavier disse, complementado por declarações abalizadas como a feita à época pelo Dr. Jorge Andréa, que, em seu livro *Psicologia Espírita*, afirmou que não há nenhuma dúvida de que, nas condições atuais da vida em que nos encontramos, os transplantes vieram para ficar e deviam, por isso, ser utilizados. "A conquista da ciência – declarou Dr. Andréa – é força cósmica positiva que não deve ser relegada a posição secundária por pieguismos religiosos."

Hoje, passados tantos anos, ninguém tem dúvida do valor dos transplantes e dos benefícios que eles trazem não só ao receptor, mas igualmente ao doador dos órgãos.

Se alguma dúvida houvesse, o caso Wladimir, descrito por Richard Simonetti no livro *Quem tem medo da morte?*, seria suficiente para dissolvê-la.

Aos que ainda não leram referida obra, lembramos que o jovem Wladimir, valendo-se da faculdade mediúnica de Chico Xavier, revelou que, mesmo em mortes traumáticas como a que ele teve – um tiro desferido no próprio peito –, a caridade da doação é largamente compensada pelas leis estabelecidas pelo Criador.

A conclusão, por isso, é óbvia: todos podemos e devemos doar os órgãos que nosso corpo não mais utilizará depois de finda a existência corporal.

A extração de um órgão não produz reflexos traumatizantes no perispírito do doador. O que lesa o perispírito, que é o nosso corpo espiritual, são as atitudes incorretas perpetradas por nós, e não o que é feito a ele ou ao corpo por outras pessoas.

Ademais, o doador é, invariavelmente, beneficiado pelas preces e pelas vibrações de gratidão e carinho que partem dos que aqui continuam, especialmente do receptor do órgão transplantado e de seus familiares.

Fazer o bem, e não o mal, eis o que o Espiritismo nos propõe

Os fenômenos espíritas constituem, como sabemos, um poderoso instrumento de conversão dos incrédulos, sobretudo quando demonstradas sua causa e sua finalidade.

É por isso que, na expressão de Allan Kardec, o Espiritismo “vem em apoio da religião”, quando mostra e explica com clareza certos fatos que, embora nada tendo de miraculosos, nem por isso são menos extraordinários. Aí se contam as aparições, os fenômenos de movimentação de objetos, a levitação, a bicorporeidade, a psicografia e tantos outros fatos que passaram, ao longo da história, por prodígios e, todavia, dizem respeito somente à ação dos Espíritos sobre o nosso mundo.

A vida é complexa; ninguém o ignora. Não existe uma só pessoa que encontre na Terra apenas flores e sorrisos. A dor visita todos os lares, e a morte, quando menos se espera, vem ceifar em nosso meio, levando consigo os seres amados e deixando, à sua passagem, um rastro de dor e saudades.

O mistério da vida não recebeu até hoje, seja da ciência, seja da filosofia, uma explicação razoável. Afinal, todas as conjecturas em torno dos

objetivos da existência humana não têm passado de especulações.

A filosofia clássica nos reconhece como seres espirituais, mas nada nos diz acerca de nossa origem e de nosso destino.

Coisa não muito diversa ocorreu com a religião. O fantasma do inferno e a utopia do paraíso povoam a imaginação humana. "É preciso sofrer para subir aos céus. Basta crer para adentrar o paraíso. A fé é a chave que nos abrirá tal porta" – eis o que, em nome da religião, se tem ensinado aos homens.

Diante de tais ideias, veio o Espiritismo, pela voz dos homens desencarnados, dizer que somos Espíritos, sim, tal como ensina a filosofia, com a diferença de que fomos criados simples e ignorantes, com iguais possibilidades para o bem e para o mal e tendo por meta a perfeição de que o ser humano é suscetível.

Não há inferno e inexistente o céu, pois um e outro são estados d'alma.

Não é a fé que nos levará à salvação. É a caridade mais desinteressada que nos permitirá galgar um degrau a mais no caminho da evolução.

Ninguém foi posto no mundo para sofrer. A dor é contingência natural que decorre do nosso estado evolutivo. É no meio da luta, das vicissitudes, das experiências da vida que o homem cresce e se agiganta para alçar voos mais altos.

A finalidade da existência é o progresso do ser humano, visto que, concorrendo para a obra geral, os homens igualmente progridem.

Somos dotados de livre-arbítrio. Podemos praticar o mal, tanto quanto somos livres para fazer o bem. A escolha unicamente a nós pertence, mas é claro que dessa opção resultarão consequências que não poderemos evitar, como demonstram inúmeros exemplos reunidos nas obras espíritas, especialmente em *O Céu e o Inferno*, livro publicado por Allan Kardec em 1865.

Contudo, para que não haja dúvida alguma, fazer o bem, e não o mal, é a proposta que o Espiritismo nos faz, visto que o bem que fazemos anula o mal que fizemos, consoante o apóstolo Pedro registrou no capítulo 4, versículo 8, de sua 1ª Epístola.

O caso de Itatira e os fenômenos de Pentecostes

Anos atrás um fato ocorrido na cidade de Itatira, no interior do Ceará, chamou a atenção de muita gente, inclusive da grande imprensa. Após uma suposta visão do Espírito de um colega morto, dezenas de jovens passaram mal em uma escola da cidade. Muitos deles entraram em transe e alguns tiveram de ser levados para o hospital. A referência à visão do jovem falecido foi feita por alguns dos estudantes.

A primeira ideia explicativa do fenômeno associou o fato a um possível ataque de histeria coletiva. Segundo os especialistas, a histeria coletiva é uma espécie de explosão de sentimentos, de vontades reprimidas, que é disparada em várias pessoas ao mesmo tempo. Os sentimentos recalçados ficariam guardados no inconsciente porque não teriam sido exprimidos. Uma ideia não verbalizada, um medo, uma tristeza, uma angústia – tudo isso escaparia de uma forma não usual, gerando a histeria.

Lembrou-se então que várias ocorrências de histeria coletiva foram registradas ao longo da história, como ocorreu em 2007 em um colégio de freiras no México, onde cerca de 600 alunas começaram a apresentar dificuldades para andar.

Depois de estudado minuciosamente o assunto, a conclusão foi de que as regras rígidas da escola foram a causa da histeria.

No caso da escola de Itatira, não ocorreu a ninguém da localidade a possibilidade de ter havido ali o singelo fenômeno de aparição do Espírito do jovem, cuja descrição foi feita por estudantes presentes e não por terceiros.

Ouvido por jornalistas de São Paulo, o psicólogo clínico Julio Peres, doutor em neurociências pela USP, disse ser necessário levar em consideração a possibilidade de os jovens do Ceará terem sofrido um problema ligado à sua espiritualidade, e não um transtorno psiquiátrico. "É possível que tenha havido uma experiência espiritual. O DSM IV [manual de diagnóstico de saúde mental utilizado em vários países do mundo] reconhece a existência de problemas espirituais e religiosos", declarou o especialista.

As pessoas que assistiram à reportagem da TV Globo sobre o caso (*) puderam ver um dos jovens mencionando o colega cujo Espírito supostamente teria aparecido. E viram também referências ao estado em que vários jovens se encontravam no momento dos fatos, aparentemente fora de si, como se estivessem alcoolizados ou em transe.

O episódio leva-nos à recordação dos fenômenos de Pentecostes, descritos no livro *Atos dos Apóstolos*, obra escrita por Lucas, que adiante resumimos.

Segundo Lucas, no dia de Pentecostes realizado poucas semanas após a crucificação de Jesus, os apóstolos do Senhor estavam em um mesmo recinto quando, de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. Foram vistas, então, línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles, e todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas.

Em Jerusalém moravam judeus, homens religiosos, oriundos de diversas nações. Quando aquele som ocorreu, ajuntou-se uma multidão, que ficou aturdida, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua e todos se maravilhavam, dizendo uns aos outros: "Pois quê! não são galileus todos esses homens que estão falando? Como, pois, os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos?"

Partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, na Judeia, Capadócia, Ponto e Ásia, Frígia e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes, todos ouviram em suas próprias línguas falar das grandezas de Deus e, dizendo uns para os outros, perguntavam: "Que quer isto dizer?", enquanto outros, zombando, diziam: "Eles estão embriagados".

Foi quando Pedro, pondo-se em pé com os demais apóstolos, levantou sua voz e disse-lhes: "Homens judeus, e todos os que habitais em Jerusalém, seja-vos isto notório, e escutai as

minhas palavras. Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo a terceira hora do dia. Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões e os vossos velhos terão sonhos. E também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e as minhas servas naqueles dias, e profetizarão; e farei aparecer prodígios em cima, no céu; e sinais embaixo na terra, sangue, fogo e vapor de fumo". (Atos dos Apóstolos, 2:1-13.)

Não podemos, obviamente, afirmar se houve ou não na escola de Itatira um caso de aparição, mas lembramos que essa é uma hipótese a considerar, uma vez que Chico Xavier também foi tachado de louco por pessoas da Igreja e de sua própria família quando dizia, na simplicidade de uma criança, que via os mortos.

(*) A reportagem da TV Globo sobre os fenômenos de Itatira pode ser vista clicando-se em <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2010/06/histeria-coletiva-surge-de-vontades-recalcadas-diz-psicologa.html>

Casamento, destino e livre-arbítrio

Muitas pessoas, mesmo no meio espírita, entendem que na questão do casamento tudo o que nele ocorre foi predeterminado, não existindo espaço para experiências não previstas no momento em que, elaborando sua programação reencarnatória, o Espírito planeja os fatos principais da existência corpórea que se avizinha.

A experiência mostra o equívoco desse pensamento. Basta olhar o que tem ocorrido no meio artístico, tanto aqui quanto no exterior, em que existem atores e atrizes que já se encontram no terceiro ou quarto casamento. Seria ingenuidade imaginar que todos eles ocorreram como resultado de um programa previamente elaborado no mundo espiritual.

Com efeito, examinando o tema fatalidade, os instrutores espirituais disseram a Kardec: "Não creias que tudo o que ocorre esteja escrito, como se diz". "Um acontecimento é, frequentemente, a consequência de uma coisa que fizeste por um ato de tua livre vontade, de tal sorte que, se tu não tivesses feito essa coisa, o acontecimento não ocorreria." (*O Livro dos Espíritos*, item 859-A.)

Com relação especificamente ao casamento, Divaldo Franco declarou oportunamente, em entrevista ao jornal "O Imortal", que existem

casamentos programados e casamentos resultantes tão somente de precipitação. No rol destes últimos podemos relacionar, sem medo de errar, todas essas uniões que, motivadas unicamente por uma atração de momento, não duram seis meses.

Podemos, portanto, afirmar que as programações reencarnatórias estão, sim, sujeitas a mudança e que um homem – graças ao livre-arbítrio de que é dotado – pode perfeitamente envolver-se com uma mulher não incluída em seu projeto reencarnatório e dessa união até mesmo nascerem filhos, o que não significa que os filhos venham por acaso, simplesmente porque o acaso inexistente.

O neófito em Espiritismo certamente perguntará como isso é possível. A razão não é difícil de compreender. Os benfeitores espirituais aproveitam toda oportunidade, mesmo as equivocadas, para semear o bem. O filho que nasce de um envolvimento dessa natureza tem, evidentemente, ligação com os pais, ou com um deles, na maior parte das vezes com a mãe.

Kardec tratou do assunto de forma bem clara no item 872 d' *O Livro dos Espíritos*, no qual ensina que o livre-arbítrio se exerce de duas formas bem diferentes na vida de uma pessoa.

Na erraticidade, ele se expressa na escolha que dá forma à chamada programação reencarnatória; depois, na condição de encarnado, é ele que permite ao indivíduo adotar essa ou aquela

conduta, que pode atender ou não ao que foi programado.

Existem ainda os casos de reprogramação, em que, para atender a uma emergência, pode ser dado novo rumo à história de uma pessoa. Exemplos disso, inúmeros, encontramos nas obras de André Luiz. Um dos casos é quando, por exemplo, o marido se suicida, deixando mulher e filhos sem o arrimo necessário ao cumprimento de suas tarefas. Um segundo casamento na vida dessa mulher pode perfeitamente ser estabelecido, com a ajuda dos benfeitores espirituais.

O caso Otávio, narrado no cap. 7 do livro *Os Mensageiros*, de André Luiz, psicografia de Chico Xavier, mostra-nos o que pode acontecer na vida de um homem que se rebela ante o programa traçado, e revela que, embora não destinado a casar-se, o indivíduo pode fazê-lo e até mesmo ter filhos, descumprindo o compromisso inicialmente firmado e assumindo, por isso mesmo, todas as consequências decorrentes desse ato.

Por que evangelizar nossas crianças?

A questão proposta foi-nos apresentada por uma jovem mãe que, quando a formulou, estava dando seus primeiros passos nos estudos espíritas.

Para entender o que leremos linhas abaixo é necessário, antes de tudo, saber como o Espiritismo vê o ensino moral contido no Evangelho.

Reportando-se ao tema, Allan Kardec, o codificador da doutrina espírita, escreveu:

“Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral.

As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas. Aliás, se o discutissem, nele

teriam as seitas encontrado sua própria condenação, visto que, na maioria, elas se agarram mais à parte mística do que à parte moral, que exige de cada um a reforma de si mesmo.

Para os homens, em particular, constitui aquele código uma regra de proceder que abrange todas as circunstâncias da vida privada e da vida pública, o princípio básico de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça. E, finalmente e acima de tudo, **o roteiro infalível para a felicidade vindoura**, o levantamento de uma ponta do véu que nos oculta a vida futura." (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, Introdução, item I.) [Negritamos]

Aí está o ponto central da resposta à pergunta formulada.

Evangelizar uma pessoa é ensinar-lhe o caminho que leva à paz, à harmonia, à felicidade possível no mundo em que vivemos. E quando tal tarefa deve começar?

A resposta a esta questão é também por demais conhecida dos espíritas: a tarefa da evangelização deve iniciar-se na infância, esse período da existência corpórea que Emmanuel assim conceituou: "A juventude pode ser comparada a esperançosa saída de um barco para uma longa viagem. A velhice será a chegada ao porto. A infância é a preparação".

Os instrutores da espiritualidade nos ensinam que, encarnando-se com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito durante a infância "é mais

acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo".

As crianças – ensina o Espiritismo – são os seres "que Deus manda a novas existências". "Para que não lhes possam imputar excessiva seriedade, dá-lhes todos os aspectos da inocência. Julgando os seus filhos bons e dóceis, os pais lhes dedicam toda a afeição e os cercam dos mais minuciosos cuidados. A delicadeza da idade infantil os torna brandos, acessíveis aos conselhos da experiência e dos que devem fazê-los progredir. É na fase infantil que se lhes pode reformar o caráter e reprimir as suas más tendências. Esse é o dever que Deus confiou aos pais, missão sagrada pela qual terão de responder." (*O Livro dos Espíritos*, questões 383 e 385.)

Examinando o assunto, Emmanuel escreveu:

"O período infantil é o mais sério e o mais propício à assimilação dos princípios educativos. Até os sete anos, o Espírito ainda se encontra em fase de adaptação para a nova existência. Ainda não existe uma integração perfeita entre ele e a matéria orgânica. Suas recordações do plano espiritual são, por isto, mais vivas, tornando-se mais suscetível de renovar o caráter e estabelecer novo caminho.

Passada a época infantil, atingida a maioridade, só o processo violento das provas rudes, no mundo, pode renovar o pensamento e a concepção das criaturas, porquanto a alma encarnada terá

retomado o seu patrimônio nocivo do pretérito e reincidirá nas mesmas quedas, se lhe faltou a luz interior dos sagrados princípios educativos.” (*O Consolador*, pergunta 109.)

Diante de esclarecimentos tão claros e objetivos, apenas pais negligentes hão de perder a oportunidade de oferecer ao filho o roteiro que poderá conduzi-lo à felicidade vindoura – roteiro esse que, segundo Allan Kardec, é infalível.

Enquanto a Mãe cantar junto a um bercinho haverá esperança

Honrar pai e mãe não consiste apenas em respeitá-los. É também assisti-los, proporcionar-lhes repouso na velhice, cercá-los de cuidados como eles fizeram conosco na infância. Nós, os filhos, não devemos a nossos pais apenas o estritamente necessário, mas igualmente, na medida do que pudermos, os pequenos nada, ainda que supérfluos, as solitudes, os cuidados amáveis...

E no dia especial em que anualmente todos festejamos o Dia das Mães, é sempre importante, em homenagem a elas, recordar dois belíssimos textos que enaltecem com inteira justiça o que a Mãe significa em nossa vida.

O primeiro, de autoria de Don Ramon Angel Lara, intitula-se Retrato de Mãe:

“Uma simples mulher existe que, pela imensidão de seu amor, tem um pouco de Deus; e pela constância de sua dedicação, tem muito de anjo; que, sendo moça, pensa como uma anciã e, sendo velha, age com as forças todas da juventude; quando ignorante, melhor que qualquer sábio desvenda os segredos da vida e, quando sábia, assume a simplicidade das crianças; pobre, sabe enriquecer-se com a felicidade dos que ama,

e rica, empobrecer-se para que seu coração não sangue ferido pelos ingratos; forte, no entanto estremece ao choro de uma criancinha, e fraca, entretanto se alteia com a bravura dos leões; viva, não lhe sabemos dar valor porque à sua sombra todas as dores se apagam, e morta, tudo o que somos e tudo o que temos daríamos para vê-la de novo e dela receber um aperto de seus braços, uma palavra de seus lábios.

Não exijam de mim que diga o nome dessa mulher, se não quiserem que ensope de lágrimas este álbum, porque eu a vi passar no meu caminho.

Quando crescerem seus filhos, leiam para eles esta página. Eles lhes cobrirão de beijos a fronte, e dirão que um pobre viandante, em troca da suntuosa hospedagem recebida, aqui deixou para todos o retrato de sua própria Mãe.”

*

O segundo, de autoria de Giuseppe Ghiaroni, é o belo e conhecido poema intitulado Dia das Mães:

Mãe, volto a te ver na antiga sala
Onde uma noite te deixei sem fala
Dizendo adeus como quem vai morrer.
E tu me viste sumir pela neblina,
Porque a sina das mães é esta sina:

Amar, cuidar, criar, depois... perder.

Perder o filho é como achar a morte.
Perder o filho quando, grande e forte,
Já podia ampará-la e compensá-la.
Mas nesse instante uma mulher bonita,
Sorrindo, o rouba; e a velha mãe aflita
Ainda se volta para abençoá-la.

Assim parti, e nos abençoaste.
Fui esquecer o bem que me ensinaste,
Fui para o mundo me deseducar.
E tu ficaste num silêncio frio,
Olhando o leito que eu deixei vazio,
Cantando uma cantiga de ninar.

Hoje volto coberto de poeira
E te encontro quietinha na cadeira,
A cabeça pendida sobre o peito.
Quero beijar-te a fronte, e não me atrevo.
Quero acordar-te, mas não sei se devo,
Não sinto que me cabe este direito...

O direito de dar-te este desgosto,

De te mostrar nas rugas do meu rosto
Toda miséria que me aconteceu.
E quando vires a expressão horrível
Da minha máscara irreconhecível,
Minha voz rouca murmurar: “Sou eu!”.

Eu bebi na taberna dos cretinos,
Eu brandi o punhal dos assassinos,
Eu andei pelo braço dos canalhas.
Eu fui jogral em todas as comédias,
Eu fui vilão em todas as tragédias,
Eu fui covarde em todas as batalhas.

Eu te esqueci: as mães são esquecidas.
Vivi a vida, vivi muitas vidas,
E só agora, quando chego ao fim,
Traído pela última esperança,
E só agora quando a dor me alcança
Lembro quem nunca se esqueceu de mim.

Não! Devo voltar, ser esquecido.
Mas... que foi? De repente ouço um ruído;
A cadeira rangeu, é tarde agora!
Minha mãe se levanta abrindo os braços

E, me envolvendo num milhão de abraços,
Rendendo graças, diz "Meu filho!", e chora.

E chora e treme como fala e ri,
E parece que Deus entrou aqui,
Em vez do último dos condenados.
E o seu pranto rolando em minha face
Quase é como se o céu me perdoasse,
Me limpasse de todos os pecados.

Mãe! Nos teus braços eu me transfiguro.
Lembro que fui criança, que fui puro...
Sim, tenho mãe! E esta ventura é tanta
Que eu compreendo o que significa:
O filho é pobre, mas a mãe é rica!
O filho é homem, mas a mãe é santa!

Santa que eu fiz envelhecer sofrendo,
Mas que me beija como agradecendo
Toda a dor que por mim lhe foi causada.
Dos mundos onde andei nada te trouxe,
Mas tu me olhas num olhar tão doce
Que, nada tendo, não te falta nada.

Dia das Mães é o dia da bondade
Maior que todo o mal da humanidade
Purificada num amor fecundo.
Por mais que o homem seja um ser mesquinho,
Enquanto a Mãe cantar junto a um bercinho
Cantará a esperança para o mundo!

*

Sim, o poeta tem razão.

Enquanto a Mãe cantar junto a um bercinho
haverá esperança de que o mundo em que vivemos
chegará de modo mais rápido à condição espiritual
para a qual está destinado.

Fim